

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

EMERSON BIERNASKI

EXPERIMENTAÇÕES ECOSÓFICAS:
EDUCAÇÕES EM MOVIMENTOS DE (CICLO)ARTIVISMO

CURITIBA
2017

EMERSON BIERNASKI

EXPERIMENTAÇÕES ECOSÓFICAS:
EDUCAÇÕES EM MOVIMENTOS DE (CICLO)ARTIVISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e em Matemática.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Maria Kasper

CURITIBA
2017

B588e

Biernaski, Emerson

Experimentações ecosóficas: educações em movimentos de
(ciclo)ativismo / Emerson Biernaski. – Curitiba, 2017.

106 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas,
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática,
2017.

Orientador: Kátia Maria Kasper.

1. Educação. 2. Ecosofia. 3. Cartografia. I. Universidade Federal do
Paraná. II. Kasper, Kátia Maria. III. Título.

CDD: 370.115

PARECER

Defesa de Dissertação de **EMERSON BIERNASKI**, intitulada **"EXPERIMENTAÇÕES ECOSÓFICAS: EDUCAÇÃO EM MOVIMENTOS DE (CICLO)ARTIVISMO"**, para obtenção do Título de Mestre em Educação em Ciências e em Matemática.

De acordo com o Protocolo aprovado pelo Colegiado do Programa, a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo-assinados arguiu, nesta data, o candidato acima citado. Procedida à arguição, a Banca Examinadora é de Parecer que o candidato está **apto ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA**, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Profª. Drª. Kátia Maria Kasper (orientador)		<i>aprovado</i>
Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães		<i>aprovado</i>
Profª. Drª. Juliana Gisi Martins de Almeida		APROVADO
Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi		<i>aprovado</i>

Curitiba, 23 de fevereiro de 2017.



Prof. Dr. Emerson Rolkouski
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Educação em Ciências e em Matemática



AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento desta pesquisa.

À Kátia Maria Kasper, pela (des)orientação experimental e pelas aprendizagens "de bicho acordado: um véu de alerteza, esperta apenas o bastante para apenas pressentir" (Clarice Lispector).

Às pessoas que coproduziram os projetos e proposições de (ciclo)ativismo estudadas, pela abertura a experimentações individuais e/ou coletivas com o ambiente urbano.

À banca examinadora, Juliana Gisi Martins de Almeida, Leandro Belinaso Guimarães, Marcos Aurelio Zanlorenzi, André Pietsch Lima e Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo, pela produção de momentos formativos e afetuosos, pelas leituras e contribuições para o trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPGECM), pela possibilidade de realização de um estudo experimental e ecosófico e de produção de um corpo-cartógrafo-pesquisador nesse percurso.

Às pessoas aliadas do grupo de estudos, Pollyana Aguiar Fonseca Santos, Geceoní Fátima Cantéli Jochelavicius, Murillo Pereira Azevedo e Juliano dos Santos, pelas partilhas e pela presença no percurso. Especialmente, à Flavia Gisele Nascimento, pelo riso, e pelo apoio.

Às familiares, às amigas, às passantes, pela aprendizagem de leveza nas relações.

A todas as pessoas que apoiaram a realização deste estudo.

RESUMO

Esta pesquisa cartografa processos de construção da Bicicletaria Cultural, da Praça de bolso do ciclista, do Parque Gomm - acompanhando proposições do projeto Salvemos o Bosque da Casa Gomm - e do Arquipélago de Camões - acompanhando proposições do projeto Longa Vida ao Arquipélago de Camões -, na cidade de Curitiba. Com esses projetos de (ciclo)ativismo escolhidos para estudo, pensa educações e possibilidades outras de vida, operando principalmente com os conceitos de experimentação de Gilles Deleuze e de ecosofia de Félix Guattari. Experimentação como processo radical de produção de si e do mundo; ecosofia como uma articulação ético-política entre os registros ambiental, social e da subjetividade, para a instauração de modos outros de valoração. Educação como processo de produção de modos de existência não conformes à lógica da axiomática capitalista, de corpos individuais e/ou coletivos implicados no ambiente urbano, articulando uma lógica das intensidades. Perspectiva experimental e ecosófica, voltada para a criação de modos outros de agir, de sentir, de pensar, de se relacionar.

Palavras-chave: Educação. Ecosofia. Cartografia. Diferença.

RÉSUMÉ

Cette recherche cartographie les processus de construction de la Bicletaria Cultural, de la Praça de bolso do ciclista, du Parque Gomm et de l'Arquipélago de Camões de la ville de Curitiba, en suivant les propositions des projets « Salvemos o Bosque da Casa Gomm » ainsi que « Longa Vida ao Arquipélago de Camões ». Avec ces projets de (ciclo-)artivisme choisis pour l'étude, la recherche pense l'éducation et des possibilités d'autres modes de vie, se basant principalement sur les concepts d'expérimentation de Gilles Deleuze et d'écosophie de Félix Guattari ; à savoir l'expérimentation comme processus radical de production de soi et du monde, l'écosophie comme une articulation éthico-politique entre les registres environnementaux, sociaux et de subjectivité pour l'instauration d'autres modes de valorisation. L'éducation comme processus de production de modes d'existence non conformes à la logique de l'axiomatique capitaliste, de corps individuels et collectifs impliqués dans l'espace urbain, articulant une logique des intensités. La perspective expérimentale et écosophique tournée vers la création d'autres modes d'agir, de sentir, de penser, d'avoir des relations.

Mots-clés : Éducation. Écosophie. Cartographie. Différence.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	38
Imagem 2	40
Imagem 3	50
Imagem 4	55
Imagem 5	60
Imagem 6	64
Imagem 7	68
Imagem 8	70
Imagem 9	72
Imagem 10	80
Imagem 11	81
Imagem 12	84
Imagem 13	88
Imagem 14	91

SUMÁRIO

1	DAR LÍNGUA PARA AFETOS QUE PEDEM PASSAGEM	8
1.1	(Des)formar	8
1.2	Experimentar	11
1.3	Aprender.....	12
1.4	Pesquisar	13
2	MAQUINAÇÕES CARTOGRÁFICAS.....	19
2.1	Traçados cartográficos.....	19
2.2	Análises cartográficas	22
2.3	Corporalidades cartográficas.....	27
4	EXPERIMENTAÇÕES ECOSÓFICAS	36
4.1	Bicicletaria Cultural.....	37
4.1	Praça de bolso do ciclista	54
4.3	Salvemos o Bosque da Casa Gomm	67
4.4	Longa Vida ao Arquipélago de Camões.....	80
5	DERIVAS DE PENSAMENTO.....	92
6	REFERÊNCIAS.....	99

1 DAR LÍNGUA PARA AFETOS QUE PEDEM PASSAGEM¹

Buscar uma graduação em Pedagogia foi, entre outras coisas, uma tentativa de compreensão das relações sociais no meu mundo mais próximo, das dinâmicas entre expressões individuais e coletivas. Incompreensões em relação às pessoas, aos costumes, às ações, ao trabalho, às famílias, às festividades, às atmosferas produzidas na região metropolitana de Curitiba com suas dinâmicas e ritmos de cidades interioranas. Surgiam outros questionamentos junto a essas inquietações, como em relação a algumas padronizações na produção de modos de vida: sobre as implicações da imposição ou não nas escolhas acadêmicas, pelos pais, pela escola, pela sociedade, pelo mercado; sobre aquilo que fazia dos cursos de graduação mais ou menos solicitados; o que possibilitava a maior ou a menor facilidade ao acesso a eles. As inquietações, posteriormente, foram a respeito das sedimentações das grades curriculares de vários cursos de graduação impossibilitando de maneira expressiva certa autonomia no processo por parte de estudantes. Com as vivências em estágios durante a graduação, o contato com a escola pública. E mais... Surgiam possibilidades de vivenciar além do ensino e da extensão, a pesquisa. Várias aprendizagens se deram nesse processo.

1.1 (Des)formar

Participei da disciplina “Pesquisa Educacional” ministrada pela Professora Doutora Andrea Aparecida Marin, no primeiro ano da graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, em 2010. Essa professora possibilitou o encontro com alguns textos, entre outros, com o livro “Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação”, organizado por Marisa Vorraber Costa, estudando possibilidades outras de escrever e pesquisar em educação. Foi também uma possibilidade de aproximações iniciais à Educação Ambiental.

No segundo ano de graduação, em 2011, desde a experimentação da disciplina de “Didática” ministrada pela Professora Doutora Kátia Maria Kasper,

¹ Rolnik (1989).

processos de construção de um corpo, para observação investigativa em campos diversos, fazem parte desse percurso de formação. Experimentação de proposições como a observação de um pátio público e aberto para convivência de pessoas universitárias e passantes. O pátio da Reitoria da Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre o Edifício Dom Pedro I, o Teatro da Reitoria, o Edifício Dom Pedro II e a Rua Amintas de Barros, no centro da cidade de Curitiba. Estudantes da disciplina participavam da proposição de observação, individualmente, em duplas, em grupos, deslocando-se ou não, fazendo registros. Sobre signos, fluxos, territórios, sons, arquitetura, paraciclos, quadras de “ogrobol”... Posteriormente à proposição da observação do pátio, a abertura à observação de práticas educativas em outros espaços, como aqueles esportivos, artísticos, ativistas, em oficinas, cursos, encontros, manifestações, construções coletivas, entre outros.

As aulas eram compostas com produções teóricas, filosóficas, literárias, como aquelas de Jorge Larrosa, Gilles Deleuze e Ítalo Calvino. Proposições em atenção aos sentidos do corpo, em busca da construção de uma visão, uma audição, um olfato, um tato, um paladar, investigativos, com suas desautomatizações, possibilidades. Em atenção, também, à experimentação em campo e do dizer de dentro da experiência, trazendo os movimentos e as marcas dessas vivências, relacionando sujeito e campo observado... Ainda, possibilitando a produção de registros experimentais, como por exemplo, os diários reflexivos. Tratava-se de aberturas a construção de olhares, de perspectivas, de equipamentos teóricos e práticos, aberturas a produções de escrita investigativa de campo. Ampliações de perspectivas e de abordagens teóricas, aproximação inicial com a filosofia da diferença de Deleuze, pensar a didática como relação com a alteridade. Trilhas que se abriam. Momentos nos quais a graduação se estendia em direção à pesquisa. Reduzindo também os limites entre docência e pesquisa.

No terceiro ano de graduação em Pedagogia, em 2012, vivências em um Centro Municipal de Educação Infantil, durante a disciplina “Prática Pedagógica: Estágio em Docência na Educação Infantil”, possibilitaram deslocar o pensamento a alguns aspectos que envolviam educações. Tratava-se de inquietações a respeito de como a escola se relaciona com alunas e com alunos que fogem à lógica dos corpos sentados (KASPER, 2011), como não produzir corpos nesses moldes conformes, o que atravessa a produção de corpos que escapam (OLIVEIRA, 2008) e o que eles

podem. O espaço está localizado longe do centro de Curitiba. Contava com uma equipe reduzida de profissionais e com uma diversidade de materiais, como papéis, riscantes, livros e brinquedos, sempre bem organizados e guardados, restritos a alguns momentos e a locais não acessíveis a todas as pessoas que ali conviviam durante determinado período de tempo. Bastante também era o número de meninas e de meninos em cada sala de aula. Nelas, uma professora e uma educadora executavam ações pedagógicas pensadas por outras profissionais.

Ela era professora da Educação Infantil há quase trinta anos, e trabalhou durante vários desses anos nesse centro de educação. Algumas crianças participavam das atividades, ouviam atentamente, realizavam o que era solicitado, algumas não. Não era possível atender a todas, nem, algumas vezes, perceber alguns acontecimentos. Naquele dia, a atividade era de contação de história, ela contava uma história mais instigante e alguns momentos causavam certa euforia nas crianças. Depois disso, fizeram uma roda de conversa, todas elas sentadas no tapume falavam na sua vez. Na roda, uma criança não ficava no lugar dado e parecia atrapalhar a atividade. Ela disse a mim, o estagiário, para levá-la para fora da sala de aula.

Ele era um menino de três anos de idade que terminava as tarefas antes das outras crianças, restando tempo para correr e brincar. Sua atenção era a do movimento, seu corpo parecia não conseguir parar. Para as professoras, ele era o menino problema, o indisciplinado. Crianças como ele eram mandadas para os cantos vazios daquela sala e lá, sentadas, pareciam ensaiar uma espécie de dança de contorções, em um misto de indignação, indiferença e falta de sentido. Ele desejava correr como na história, não ficar sentado sem poder falar e sem poder se mexer. A professora mandou-o para fora essa vez, e não para um canto de castigo. Pediu que eu o levasse. Estávamos sentados em roda com todas as crianças, ele pegou a minha mão e fugimos juntos. Levou-me ao parque que cansou de tanto corrermos. Nem foi preciso que saíssemos do chão do corredor.

1.2 Experimentar

Experimentei o processo de investigação com as pesquisas “(Des)formar, experimentar, singularizar, aprender: um estudo dos processos criativos de Fernando Rosenbaum” (BIERNASKI, 2012) e “Entre educação, ecosofia, invenção: outros mundos são possíveis” (BIERNASKI, 2013)², no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica dessa universidade. Aprendizagens a respeito de estar entre, de entrar no meio, acompanhar e investigar processos e educações não formais, aprender uma atenção àquilo que atravessava as constituições dadas, àquilo que fugia à conformidade da padronização nas formações e à potência desses processos.

Com o artista Fernando Chotguis Rosenbaum, um dos pioneiros no ativismo da bicicleta e pela ciclomobilidade urbana na cidade de Curitiba, na pesquisa pensava a possibilidade de abertura a processos de singularização. Estudando a propósito de processos de singularização (GUATTARI; ROLNIK, 1996, GUATTARI, 2001, 2012) que trata de modos de produção de existência singular, pensando a formação do artista envolvendo suas viagens de bicicleta pelo Brasil, a criação de coletivos durante a graduação em Gravura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP/UNESPAR), como o coletivo de (ciclo)ativismo “Interlux Arte Livre”, as exposições-ateliês experimentais e mais.

O coletivo “Interlux Arte Livre”, criado por volta do ano de 2003, era composto por um grupo de amigos que utilizavam a bicicleta e o *skate* como meio de transporte. Realizavam incursões pelo urbano e desenvolviam algumas práticas para apropriação dos espaços da cidade. Como produzindo vídeos e happenings. E intervenções com *spray*, grafite, colagem de adesivos, lambe-lambes. Posteriormente, criando as “Bicicletadas de Curitiba” e a “Jardinagem Libertária”. Inspirados em produções como as de Hakim Bey, Internacional Situacionista e Provos.

² Ambas integrando o projeto “Singularização: experimentação, corpo, educação, arte, ecosofia” (KASPER, 2008), da professora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná e orientadora dos mesmos, Doutora Kátia Maria Kasper. Períodos e financiamentos: 2011/2012 – UFPR/TN e 2012/2013 – PIBIC/CNPq.

Mais tarde com algumas proposições de Rosenbaum para a cidade de Curitiba, durante o segundo ano de pesquisa na Iniciação Científica, analisando algumas reverberações políticas, sociais, ecológicas, educativas dessas proposições (BIERNASKI; KASPER, 2012). Nesse momento ele fundava, com a (ciclo)artista Patrícia Valverde, a Bicletaria Cultural. Em contato com os dois, experimentava o bicicletário formativo sobre ciclomobilidade urbana e produção cultural, desdobrando os estudos a respeito do conceito de ecosofia de Guattari (2001, 2012).

1.3 Aprender

Produzi um trabalho de conclusão de curso³, no último ano de graduação em Pedagogia, em 2014, que investigava proposições de (ciclo)artistas da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu (CicloIguaçu). Acompanhando, registrando e “analisando” “Bicicletadas Curitiba”, o festival “Arte Bicicleta e Mobilidade” (ArteBiciMob) e a construção da Praça de bolso do ciclista na cidade de Curitiba, cartografando processos educativos que envolviam.

Nesse trabalho, as bicicletadas diziam respeito aos encontros de multidões em bicicletas, configurando zonas de ocupação temporária, retomando o espaço público dos carros e educando para o compartilhamento. O festival “ArteBiciMob” marcava a expressão de formas plurais, criativas e relacionais do movimento pela ciclomobilidade urbana nessa cidade. E a construção da Praça de bolso do ciclista, afirmava a possibilidade da produção de ilhas de convivência ligadas à mobilidade urbana por bicicleta. Ilhas que irradiavam, que reverberam na cidade e para além dela. Tratava-se de objetos processuais que inspiraram a pensar, entre outras coisas, em uma pedagogia rizomática da participação “onde a aprendizagem acontece pela disponibilidade, pela abertura, pelo contato, pela ação, em uma construção de relações com universos referenciais outros” (BIERNASKI, 2014, p. 55).

Configuraram-se momentos de experimentação de campo, de pensamento, de escrita, de produção de pesquisa acadêmica em Educação e de abertura a potência do pensamento com movimentos de (ciclo)ativismo e com conceitos da filosofia de Deleuze e de Guattari. Percurso de formação que trocou aos poucos

³ Orientado pela Professora Doutora Kátia Maria Kasper.

aquela necessidade inicial de compreensão a respeito dos modos de viver e de se relacionar, pela possibilidade de pensar uma participação, uma autonomia de sua produção, pela possibilidade também de pensar a educação no plural.

Desdobra-se nesse processo, esta pesquisa. Ela é inspirada em potências e em tensões de territórios que ressoam com o (ciclo)ativismo na cidade de Curitiba e em conceitos da filosofia de Deleuze e de Guattari. Pensando em educação como processo de produção de subjetividades não conformes, investigando processos e experiências formativas individuais e/ou coletivas no ambiente urbano.

1.4 Pesquisar

A questão que move este trabalho foi sendo produzida durante a trajetória de formação, apontada anteriormente, envolvendo tensões relativas ao combate à normatização, à padronização nos processos de produção de subjetividades, dos modos de agir, de sentir, de pensar. Pensar a educação para além dos limites da lógica de conformidade aos modos dominantes de valoração das atividades humanas, à lógica da axiomática capitalista (DELEUZE; GUATTARI, 1997b), ou ainda, da manutenção do Capitalismo Mundial Integrado (GUATTARI, 1985, 2001, 2012).

Ela ganha relevância, durante o percurso da graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com a pesquisa realizada a propósito de processos formativos, criativos e educativos, envolvendo o ativismo da bicicleta e pela ciclomobilidade em Curitiba. Em aliança conceitual com Deleuze e Guattari. Pensando a formação como um devir, formação processual, que ocorre o tempo todo, na vida. Sem um controle - seja de um eu racional, seja de uma professora, um professor.

A axiomática capitalista trata-se de um sistema de redirecionamento dos fluxos, como o fluxo de matéria-energia, de população, o alimentar, o urbano (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 171), uma axiomática dos fluxos descodificados implicando em uma organização, em um sistema de normatização. Um sistema de massificação, modelização, padronização na produção de subjetividades, operando maquinismos de controle, de submissão e de conformidade.

A subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais (GUATTARI, 2001, 2012) no seio das relações cotidianas e não cotidianas, e envolve os modos individuais e/ou coletivos de agir, de sentir, de pensar. A lógica da axiomática capitalista ou da manutenção do Capitalismo Mundial Integrado⁴ opera padronizações dos modos de agir, de sentir, de pensar, serializações das relações que se estabelecem, instauração de modos dominantes de valoração, com estruturas de produção e com formações de poder. Fazendo o uso, principalmente, dos registros semióticos econômico, jurídico, técnico-científico, de subjetivação e de seus componentes. Como, por exemplo, utilizando-se de programas, de estudos, da legislação, de regulamentações, da arquitetura, do urbanismo, dos meios de comunicação, etc.

Produz, entre outras coisas, uma padronização dos modos de valoração dos bens, da cultura, do ambiente. Uma serialização das subjetividades para a manutenção das formas de “organização social dos conjuntos nacionais que parecem estar melhor estabelecidos” (GUATTARI, 1985, p. 211). Exacerba “a produção de bens materiais e imateriais em detrimento da consistência de Territórios existenciais individuais e de grupo” (GUATTARI, 2001, p. 30). Desdobra, em relação aos modos individuais e coletivos, entre outras coisas, a redução de redes de relações, uma padronização na produção de si e de coletividades, dos modos de viver e de se relacionar com o *socius* e com o ambiente.

Ressalta-se, nesse sentido, o automatismo nas ações e dos enunciados que se instauram pela dependência em relação ao Estado e às máquinas diretivas que compõem tal axiomática. Podendo daí constituir um modo de vida passivo, com a produção de docilização dos corpos pela dependência, vigilância e normalização. Constituir certo modo de consumo, com a padronização das subjetividades. Certo modo de trabalho, com os desdobramentos que o envolve, como priorizar a economia do lucro nas relações de trabalho e o capital financeiro como medida de valoração. Podendo constituir sujeitos inarticulados⁵, com relação à privação do contato com a multiplicidade nas relações dadas como prontas, desdobrando não

⁴ “[...] o capitalismo contemporâneo é mundial e integrado porque potencialmente colonizou o conjunto do planeta, porque atualmente vive em simbiose com países que historicamente pareciam ter escapado dele (os países do bloco soviético, a China) e porque tende a fazer com que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique fora do seu controle” (GUATTARI, 1985, p. 211).

⁵ “Um sujeito inarticulado é alguém que sente, faz e diz sempre o mesmo, independentemente do que os outros disserem [...]. Um sujeito articulado, pelo contrário, é alguém que aprende a ser afectado pelos outros - não por si próprio” (LATOUR, 2008, p. 43). Para mais, ver: Kasper (2011).

aprendizagens em conflitos e o afastamento da construção de respeito à diferença. Ressalta-se também o culto ao automóvel (LUDD, 2005), envolvendo interesses econômicos diversos. Um culto atuando como dispositivo de produção e padronização de subjetividade, constituindo um modo de vida dependente do carro, com os desdobramentos que o envolvem, como priorizar a velocidade e a mobilidade pelo automóvel particular.

A educação tem um papel relevante nas padronizações quando, entre outras coisas, replica modelos - de ensino, de formação, de comportamento, de valoração. Seja aquela que acontece em instituições escolares ou nos meios e situações informais, validando modos de vida conformes. Assim como, pode atuar no sentido de práticas de ressingularização, de abertura para outras possibilidades. Guattari chama a atenção para os processos de singularização, para os processos que escapam e inventam outros modos de sentir, de agir, de pensar. Serão desenvolvidas mais adiante essas questões.

O acompanhamento de movimentos de (ciclo)ativismo urbano em Curitiba levou-me a habitar territórios singulares que desenvolvem diversas práticas experimentais. São projetos que possibilitam algumas fugas a esses moldes conformes de viver, de se relacionar. Quatro deles foram escolhidos para investigação, nesta pesquisa, por conta, principalmente, das entradas produzidas neles e das potências social e ambiental que produzem.

Artivismo trata-se de um neologismo conceitual, relacionando arte e política.

Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas [...]. A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. Artivismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística - nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística (RAPOSO, 2015, p. 5).

(Ciclo)ativismo envolve proposições artísticas como ação estratégica para pensar questões relacionadas à mobilidade, ao planejamento, à ocupação urbana, que se constituem como práticas estético-políticas. Estabelece uma atitude frente à realidade circundante, utilizando a tática de ação direta, por exemplo; promovendo intervenção. Um modo de ação, de pensamento, de micropolítica (GUATTARI;

ROLNIK, 1996, CHAIA, 2007), abrindo para a possibilidade de autoprodução da vida, a vida como obra de arte.

Esta investigação acompanha alguns projetos de (ciclo)ativismo para a cidade de Curitiba e cria conexões entre eles. Trata-se de processos de construção da Bicletaria Cultural, da Praça de bolso do ciclista, do Parque Gomm - acompanhando o projeto “Salvemos o Bosque da Casa Gomm” - e do Arquipélago de Camões - acompanhando o projeto “Longa Vida ao Arquipélago de Camões”.

A Bicletaria Cultural é um projeto proposto por Fernando Chotguis Rosenbaum e por Patrícia Valverde, para a cidade de Curitiba; tendo o dia 18 do mês de agosto do ano de 2011 como data de fundação. Fica localizada no centro da cidade, na Rua Presidente Faria, nº 226, em frente à Praça de bolso do ciclista. Foi criada durante minha graduação em Pedagogia e durante a realização de pesquisas que investigavam os processos de formação, de criação e de singularização de Rosenbaum e espaços não formais de educação que envolvem o ativismo da bicicleta e pela ciclomobilidade urbana em Curitiba e na região metropolitana.

A Praça de bolso do ciclista é um projeto proposto por (ciclo)ativistas, principalmente, da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu (Cicloiguaçu). Foi inaugurada no dia 22 do mês de setembro do ano de 2014, no Mês da Bicicleta no Calendário Oficial de Eventos do Estado do Paraná, no Dia Mundial Sem Carros. E fica localizada na esquina da Rua São Francisco com a Rua Presidente Faria, no centro da cidade de Curitiba.

“Salvemos o Bosque da Casa Gomm” é um projeto iniciado no mês de julho do ano de 2013. Ele envolveu a ocupação do Bosque Maria Luísa Gomm, com encontros de (ciclo)ativistas e de pessoas interessadas em sua produção, que realizam diversas alterações, interações e práticas no ambiente. No ano de 2016, o espaço ocupado foi oficializado como Parque Gomm. Localiza-se entre a Rua Bruno Filgueira, a Rua Hermes Fontes, Rua Carmelo Rangel e o *shopping* Pátio Batel, no bairro do Batel.

“Longa Vida ao Arquipélago de Camões” surgiu como uma proposta de um casal de (ciclo)ativistas, no mês de agosto do ano de 2014, tendo realizado, com (ciclo)ativistas e pessoas da região, a produção de territórios e proposições experimentais, bem como um levantamento de possíveis impactos ambientais e

sociais por um projeto de construção de ruas binárias em três bairros da cidade. O Arquipélago de Camões fica localizado nos bairros Alto da Rua XV, Hugo Lange e Cristo Rei.

“Salvemos o Bosque da Casa Gomm” e “Longa Vida ao Arquipélago de Camões” são projetos que o acompanhamento de movimentos de (ciclo)ativismo urbano levou-me a habitar, por meio de linhas abertas nas pesquisas sobre educações, bicicletas e ativismos, de práticas experimentadas, pelo contato com (ciclo)artistas que participam dos projetos ou que estabelecem diversas relações com eles.

Acompanhando esses espaços e suas proposições, das questões iniciais que moveram o percurso acadêmico, desdobrou-se a seguinte: como os processos de construção da Bicletaria Cultural, da Praça de bolso do ciclista, do Parque Gomm com o projeto “Salvemos o Bosque da Casa Gomm” e do Arquipélago de Camões com o projeto “Longa Vida ao Arquipélago de Camões”, possibilitam pensar educações e possibilidades outras de vida?

Esta investigação pensa educações e possibilidades outras de vida. Cartografando os projetos de (ciclo)ativismo escolhidos para estudo. Para tal, opera principalmente com os conceitos de experimentação de Deleuze (DELEUZE; GUATTARI, 1996, DELEUZE; PARNET, 1998) e de ecosofia de Guattari (2001, 2012). Experimentação como processo radical de produção de si e do mundo; ecosofia como articulação ético-política entre os registros ambiental, social e da subjetividade para a instauração de modos outros de valoração. Educação pensada, com os projetos de (ciclo)ativismo, como experimentações ecosófica, como processo de produção de subjetividades não conformes à lógica da axiomática capitalista, corpos coletivos implicados no ambiente, articulando uma lógica das intensidades (GUATTARI, 2001, 2012).

Em aliança conceitual, principalmente, com os autores citados: mapeia proliferações rizomáticas e cria conexões entre esses projetos e suas proposições; contribui com possibilidades de perspectivas outras em Educação Ambiental, alterando o modo de percebê-la nesses processos, entendidos como experiências formativas. Contribui para a Educação em Ciências e a Educação Ambiental com a possibilidade de pensar: em educação e em experiências formativas em uma perspectiva experimental e ecosófica - perspectiva voltada para a produção de

modos outros de agir, de sentir, de pensar, de se relacionar; pensar e produzir experimentações ambientais, mais do que debater sobre questões ambientais - aquilo “a que chamaríamos ambiente se encontraria menos nas análises, na antecipação, na constatação e mais na experimentação das oportunidades que cada estrato nos oferece, conforme a esfera de vida que se percorra” (GODOY, 2015, p. 6); pensar o que podem educações outras - como, por exemplo, investigando a potência ambiental da educação (GUIMARÃES; SAMPAIO, 2014).

2 MAQUINAÇÕES CARTOGRÁFICAS

Esta investigação envolve acompanhamento de processos e experiências formativas, produção de anotações de campo e de estudos, composição experimental de escrita, a propósito do pensamento em educações outras produzidas com os projetos de (ciclo)ativismo escolhidos para estudo. Para tal, opera uma produção de maquinações cartográficas, inspirada principalmente nos conceitos de cartografia e de rizoma de Deleuze e Guattari (1995). Maquinando cartograficamente, busquei experimentar e criar, nesse processo de investigação, traçados, análises, corporalidades, acoplagens, composições.

2.1 Traçados cartográficos

Esta investigação produz cartograficamente um caminho de pesquisa enquanto ele acontece. O termo cartografia foi deslocado do campo da Geografia e pensado enquanto conceito que compõe a filosofia de Deleuze e de Guattari. Na Geografia, cartografia diz respeito a “um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 1989, p. 15). Nesta pesquisa, opera-se com ela um acompanhamento de processos, um mapeamento experimental.

Estudei processos de construção da Bicletaria Cultural, desde o ano de sua fundação, em 2011; aqueles da Praça de bolso do ciclista, que aconteceram entre os meses de maio e setembro do ano de 2014 e, posteriormente, alguns de seus efeitos; do Parque Gomm, acompanhando projeto “Salvemos o Bosque da Casa Gomm”, principalmente, durante os anos de 2015 e de 2016; do Arquipélago de Camões, acompanhando o projeto “Longa Vida ao Arquipélago de Camões”, principalmente, durante o ano de 2015.

Cartograficamente, a pesquisa solicitava a construção do seu percurso, dado com minha implicação nela; caminho “não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 10-11). E possibilitava esse rigor específico, da sua produção. O aspecto processual

de produção também foi pensado por Passos, Kastrup e Escóssia com a proposição de uma inversão “transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 10), não havendo metas pré-definidas que garantem um caminho de investigação, caminha-se traçando metas.

Maquinismos cartográficos foram operados para o estudo desses processos com o objetivo principal de pensar em educações outras, pensar a produção de modos outros de viver que fogem à conformidade da lógica do mercado, do consumo. Mapeando, produzindo, compondo com territórios, intervenções, experimentações, travessias, experiências formativas. Penso em educações e em experiências formativas com esses espaços não formais de educação, como experimentações ecosófica. Maquinando desdobramentos e ressonâncias para a cidade e para as pessoas envolvidas e possíveis conexões e proliferações rizomáticas entre os projetos e suas proposições.

Foi realizada a produção de traçados cartográficos, traçados de conexões e de proliferações possibilitadas pelos projetos estudados, e das linhas e de tramas que os compõem, mapeamentos experimentais. Traçados que envolvem pensar os projetos e suas proposições de maneira rizomática, o que desdobra implicações nos modos de fazer a pesquisa. Implica nos modos de entrar em campo e de selecionar, produzir e operar os dispositivos e os equipamentos e na possibilidade de agenciar enunciados coletivos.

Foi produzido um modo de pesquisar que implica na produção de um caminho. Não se trata da produção de um manual para outras investigações ou de um manual para a produção de proposições (ciclo)artistas; os projetos estudados não estabelecem um eixo genético de proposição, eles não se pretendem modelos de ação. Os projetos envolvem processos em curso e experiências formativas, que não dizem respeito a algo dado como pronto, estruturados linearmente, a serem explicados, descritos, representados exaustivamente. Também não era possível estabelecer um eixo para o mapeamento dos projetos, um caminho seguro para o acompanhamento dos processos ou um traçado único para as composições.

A pesquisa solicitou modos outros de entrar em campo e de selecionar os dispositivos e os equipamentos. Tendo os projetos investigados promovido inúmeras proposições, encontros, intervenções, ambientes, foram, de certa forma, disponibilizadas múltiplas entradas para as experimentações e para o

acompanhamento dos campos. Elas dão a pensar, entre outras coisas, na possibilidade de formações diversas e plurais com as experimentações desses/nesses diferentes espaços. Como, por exemplo, as vivências de relações horizontais, a abertura de mundos em encontros de heterogêneos; a constituição de estilos de vida, como aqueles relacionados à bicicleta, à mobilidade urbana, ao urbanismo para pessoas, à alimentação, às práticas de meditação, a educações alternativas; entre outros.

Traçados que tem a ver também com pensar de modo cartográfico, operando um mapeamento das linhas e de tramas de constituição dos objetos estudados, de relações de forças que os envolvem, de reinvenções neles e com eles operadas, de proliferações que deles se engendram, afirmando a atenção às linhas de fuga, à invenção e à produção de diferença.

A pesquisa não desenha uma trama principal nesse sistema de tramas mutáveis e móveis. Há atravessamentos, transversalidades. “Não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário [...] desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado” (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2012, p. 57). Esse sistema envolve elos de tramas, “uma espessura processual” (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2012, p. 59).

Tramas que dizem respeito aos emaranhados das linhas que compõem os projetos investigados. Tem a ver com a molecularidade, entre outras coisas, das relações de poder, das negociações, das tensões, como aquelas envolvendo poder público, instituições privadas e (ciclo)artistas; e com a abertura a produção de linhas de fuga, com as alianças produzidas entre proponentes e participantes, as imagens, os discursos, os enunciados produzidos nesses ambientes, a afirmação da diferença e da invenção; etc.

Os traçados cartográficos produzem abertura para conexões entre os diferentes elementos e aspectos que constituem os projetos investigados. Como os modos de ação, de relação... a ideia e a ação de ocupação, de retomadas dos espaços públicos, de trabalho coletivo e organização horizontal, das proposições de (ciclo)ativismo como táticas de ação, a autoprodução de imagens e enunciados, estilos de vida, etc. É possível pensar na abertura do mapa operando na pesquisa conexões entre os temas investigados e outros emergentes - como modos de protestar e manifestar, modos de produzir educação, alimentação, corpos,

sensibilidades -, entre a própria investigação e estudos outros, entre campos diversos do pensamento.

A pesquisa e os projetos investigados abrem para conexões em várias dimensões, micropoliticamente, ao criar agenciamentos entre eles próprios, e outros coletivos, e outras proposições artivistas, dando a experimentar, a aprender; pela possibilidade de produção de diferença com suas proposições.

Mapeamento que buscou fugas possíveis para as linhas e para suas tramas, e uma ampliação do rizoma, “explodir os estratos, romper as raízes e operar novas conexões” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 24). A atenção esteve nos processos e nas experiências formativas, nas (de)formações, transformações, naquilo que escapava aos modos conformes, sedimentados, e que potencializava as relações, a vida.

É também por rizoma, por amplas e heterogêneas conexões, que se torna possível dessubjetivar, desaprender, produzir subjetividades singulares, coletividades outras, implicações no ambiente, aprender. Experimentações em movimentos, envolvendo: a produção de territórios e de dispositivos formativos operando práticas plurais em outras lógicas que não aquelas voltadas para a conformidade; a produção de subjetividades não conformes e de coletividades de diversos tamanhos, temporárias ou não, de relações de intervenção no ambiente.

A operação de maquinismos cartográficos, em atenção ao traçado de linhas de fuga, pode ser pensada como uma estratégia ético-política, envolvendo um posicionamento “de afirmação das diferenças, acolhimento, visibilidade, e contrário à submissão e padronização” (BIERNASKI; NASCIMENTO; SANTOS; KASPER, 2015, p. 15233) dos modos de agir, de sentir, de pensar.

2.2 Análises cartográficas

A análise cartográfica acontece em todos os momentos da trajetória dessa investigação, diferente dos modelos mais tradicionais que analisam os dados em uma determinada etapa. Pensei e busquei operar o cultivo de uma atitude analítica (BARROS; BARROS, 2014), a manutenção de um *ethos* analítico desde o momento

inicial de definição em relação aos elementos que compõem a pesquisa, acompanhamento dos processos e experiências investigadas, seleção e operação dos dispositivos e dos equipamentos, até a produção de anotações de campo e de estudos e composição escrita.

A atitude analítica inicial envolveu uma definição e problematização da perspectiva educacional da investigação, do referencial teórico, a escolha dos projetos para estudo, a produção de problemas e de objetivos, a escolha e produção dos equipamentos. E se estendeu durante toda a investigação, buscando uma coerência entre objetos, problema, objetivos, referenciais, anotações, escrita do texto.

A análise produzida na seleção da abordagem teórico-metodológica inseriu recortes, direcionando o olhar na pesquisa. Tomando a visão em determinada perspectiva, que orientou também as análises, as composições, a escrita. Como a pesquisa em educação não está desconectada de intencionalidades, ela solicita essa explicitação, problematização e operação de uma abordagem teórica específica e que busca uma consistência desde o seu início. Uma abordagem que diz respeito à fundamentação da visão de educação, de sociedade, de mundo, por exemplo. Nesta pesquisa, a Educação é pensada em uma perspectiva experimental e ecosófica, envolvendo a instauração de modos outros de viver, que fogem à lógica da conformidade produzida pelo mercado, pelo consumo. É inspirada em conceitos, principalmente, dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Abordagem que sigo aprendendo e coproduzindo com os grupos de orientação e de estudos⁶ de que participo.

Em meio à investigação, a análise da pesquisa questionou a adequação dos problemas de pesquisa e a coerência do referencial teórico e metodológico em relação aos projetos escolhidos para estudo. Indagando a respeito de quais seriam os conceitos mais apropriados a serem operados em atenção aos problemas da pesquisa, por exemplo. Os conceitos de experimentação de Deleuze e de ecosofia de Guattari, junto aos projetos de (ciclo)ativismo acompanhados, e a própria noção de ativismo, potencializaram o pensamento a propósito de educações outras. As

⁶ Aqui faço menção ao grupo de estudo e de orientação reunido a propósito dos projetos da Prof.^a Dr.^a Kátia Maria Kasper: “Singularização: experimentação, corpo, educação, arte, ecosofia” (KASPER, 2008) e “Perambulações entre corpos e devires em cartografias de-formativas” - projeto inscrito no BANPESQ/THALES sob o número 2016019146.

potências, experimental e ecosófica, criadas com as proposições desses projetos em Curitiba indicam fortemente a possibilidade de produções de éticas, estéticas e políticas outras.

As acoplagens cartográficas, que envolvem seleção e operação de dispositivos e de equipamentos, são pensadas baseadas na análise da implicação (RODRIGUES, 2012) do pesquisador no campo investigado e na análise da produção de corporalidade com o contrato de prudência (ROLNIK, 1989). A análise da possibilidade e da necessidade do uso de outros equipamentos além ou no lugar dos anteriormente definidos, para melhor acesso a produção das anotações e da composição escrita, é um exemplo de análise em relação às acoplagens. É o caso da opção pela não realização de depoimentos formais, inicialmente planejada para esta investigação, por conta da utilização das anotações e composições experimentais provenientes de acompanhamentos e de estudos realizados, principalmente, no Diário de Bordo.

Durante o acompanhamento dos processos e experiências investigadas, promovi, de alguns modos, intervenções na pesquisa e no campo investigado. Intervenções que se deram no contato com as pessoas e com o ambiente, produzindo-os, produzindo relações, diálogos, memórias e ativações de memórias, invenções. Intervindo, entre outras coisas, na manutenção da Horta Labirinto no Parque Gomm, experimentando e dando a experimentar plantas alimentícias não-convencionais, construindo mosaicos na Praça de bolso do ciclista, emprestando e doando livros para as minibibliotecas do Arquipélago de Camões, participando das Mostras de *Performance Art* na Bicletaria Cultural. Bem como, apresentando os projetos investigados a outras pessoas - algumas delas passaram a compor com eles, divulgando seus sites e suas redes sociais, informações e eventos, e mais.

A atitude analítica da participação envolveu a problematização da observação participante com a busca de uma abertura para devires do olhar, da percepção, aspecto que será explorado a seguir, e com a produção e manutenção de uma atenção específica. A busca da manutenção de uma atenção que é ao mesmo tempo flutuante, concentrada e aberta (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 48) é uma atitude analítica. Essa atenção flutuante e aberta - com sobrevoos do olhar, atenção aos ruídos, à temperatura do campo, aos enunciados, aos elos e aos movimentos - permite, entre outras coisas, a captação de fragmentos

desconexos de informações, imagens, impressões dos objetos e campos acompanhados. Visava à construção de disponibilidade ao campo de investigação, a fim da realização da produção da pesquisa.

A análise da minha implicação na pesquisa diz respeito à análise do grau de abertura ao campo que possibilitava o acompanhamento, a não neutralidade na composição com as intervenções realizadas e de seus efeitos, como assumir múltiplas vozes que compõem o texto. Atitude de análise envolvendo esse duplo movimento da construção de disponibilidade ao campo de investigação e da atenção à própria implicação nele.

Na produção de anotações, a análise envolveu a pergunta sobre o entendimento que tinha a respeito dos próprios “dados”. Construindo um modo de ver diferentemente os “dados”, um entendimento que difere da forma mais tradicional, na qual eles apresentam contornos precisos, por vezes pré-definidos, e que são coletados anteriormente à análise. Nesta pesquisa, que opera maquinismos cartográficos, as anotações de acompanhamentos e de estudos teóricos foram sendo produzidas durante seu processo. Tratando-se de objetos processuais, as anotações produzidas também foram se modificando, foram reelaboradas. E ora as produções eram mais intensas, ora, mais descritivas; ora fragmentárias, em virtude das variações das performatizações e acoplagens cartográficas durante o acompanhamento dos processos e daquilo que cada entrada e presença solicitava.

A atitude analítica em relação às anotações e às composições do texto buscou envolver o mapeamento das linhas que constituem os projetos investigados, as linhas de fuga, as linhas moleculares e as linhas molares. As linhas de fuga, ou de ruptura, são aquelas que traçam caminhos de invenção, “em direção de uma destinação desconhecida, não previsível, não preexistente” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146), que escapam às constituições dadas, produzem o múltiplo. As moleculares, ou flexíveis, traçam pequenas modificações, produzem sentidos, aberturas, devires. As linhas molares, ou duras, envolvem as sedimentações, “como toda tentativa de ordenamento, organização, sequenciação, estruturação, enquadramento” (BIERNASKI; NASCIMENTO; SANTOS; KASPER, 2015, p. 15229), a produção de formas e de direções dadas como prontas.

Tratava-se de olhar para os territórios e proposições (ciclo)artistas escolhidas para estudo, perguntando pela constituição de suas linhas e de suas tramas. A atenção estava, principalmente, no traçado das linhas de fuga, nas intensidades, nos aprendizados outros e na escrita processual que possibilitava produzir e descobria conexões entre as linhas e suas tramas que eles envolvem.

Para as linhas de linhas de fuga, uma atenção àquilo que possibilita a emergência e a constituição de aprendizados radicais, de diferença, de singularidade. Como aqueles envolvendo as derivas em bicicletas e os corpos acolhidos pelo mundo, modificações dos modos de produção (d)e alimentação com a agroecologia, as aprendizagens de táticas de ação direta em intervenções (ciclo)artistas, a abertura para a alteridade, para a diferença, no contato com o outro, e mais.

Para as linhas moleculares, movimentos correntes no processo da pesquisa, movimentos de formação e transformação. Modificações possibilitadas aos projetos, às pessoas, ao ambiente, como aquelas que acontecem por meio de relações de forças operadas, de negociações com o poder público, de reinvenções operadas nos registros semióticos e em seus componentes, e que envolvem os projetos e algumas proposições (ciclo)artistas.

Para as linhas molares, algumas configurações dadas dos projetos investigados, relações com o poder público, e as descrições na pesquisa. Aprendizagens molares, que teriam a ver com as sedimentações, padronizações, não são o foco desta pesquisa. O olhar mais molarizado em relação às anotações e às composições do texto, foi aquele das descrições. Como, por exemplo, envolvendo a definição de locais, trajetos, indicações, alguns nomes de encontros, horários, etc.

A produção das anotações e da composição escrita, bem como a validação da investigação, envolvem também a operação de analisadores na pesquisa e o entendimento dos dispositivos e equipamentos cartográficos enquanto constituintes e compositores de escrita. “Analisar é evidenciar, por meio dos analisadores, o processo” (BARROS; BARROS, 2014, p. 179). Consideram-se, as pessoas aliadas dos grupos de estudo e de orientação, especialmente, Flávia Gisele Nascimento, Pollyana Aguiar Fonseca Santos, Geceoní Fátima Cantéli Jochelavicius, Murillo Pereira Azevedo e Juliano dos Santos; componentes das bancas envolvidas na

trajetória deste estudo, em especial, Juliana Gisi Martins de Almeida (UFPR), Leandro Belinaso Guimarães (UFSC) e Marcos Aurelio Zanlorenzi (UFPR); a orientadora desta investigação, Kátia Maria Kasper; considero todas essas pessoas como analisadoras do processo que a pesquisa envolve e, de certo modo, como coprodutoras do pensamento produzido nesta investigação a propósito de educações que fogem às lógicas de conformidade aos modos padronizados de viver. As analisadoras, os demais dispositivos e os equipamentos, contribuíram para a constituição das composições da escrita.

Desse modo, a atitude analítica inicial, desde a definição e problematização dos elementos iniciais da pesquisa, foi produzida em atenção à coerência na investigação. A atitude analítica durante o acompanhamento dos processos e experiências investigadas envolveu a problematização da observação participante e da minha implicação na pesquisa, tendo em vista a construção da disponibilidade ao campo e a explicitação da oposição às pretensões de neutralidade analítica. A atitude analítica durante o acompanhamento e a produção de anotações de campo e de estudos e a escrita da dissertação, se deu com a produção de corporalidades e traçados cartográficos, com a pergunta do que se trata os “dados”, com a construção de problemas durante a trajetória de investigação, com a produção e operação de analisadores e em atenção, principalmente, às linhas e tramas que constituem os projetos estudados. Produzindo a manutenção de um *ethos* analítico no traçado da pesquisa.

2.3 Corporalidades cartográficas

Durante a investigação, o acompanhamento de processos e experiências formativas e a produção e a composição escrita solicitam e possibilitam a construção de corporalidades cartográficas. Elas envolvem, nesta pesquisa, a produção de um corpo-pesquisador, de performatizações e de acoplagens. Pesquisar, como aprender, envolve o contato com o outro, com algo exterior a mim, contato com a diferença. Nesta pesquisa, o contato se deu com os projetos de (ciclo)ativismo em atenção às entradas possíveis e àquelas inventadas, como participando em proposições, experimentando ambientes e práticas diversas, produzindo encontros,

criando alianças possíveis em campo... Contatos que solicitaram e possibilitaram a produção de um corpo-pesquisador, corporalidades cartográficas; produção de implicação no campo investigado, de disponibilidade a experiência, de desautomatização do corpo, dos sentidos do corpo, da percepção, de perspectivas, dos olhos, dos ouvidos...

Durante o acompanhamento dos processos e experiências que os projetos investigados envolvem, a pesquisa promoveu dupla implicação, com a observação participante, me relacionei com as pessoas e com os ambientes. Minha presença de pesquisador, talvez, tenha modificado o ambiente; em alguns momentos, também fui observado. Nessa relação, era necessária uma abertura para devires do olhar, da percepção, “garantir a possibilidade de colocar em xeque [...] pontos de vista proprietários e os territórios existenciais solidificados a eles relacionados” (PASSOS; EIRADO, 2012, p. 122).

Suspender certas inquietações como em relação àquilo que parecia mais sedimentado no que dizia respeito aos modos de relação que se estabeleciam; a instituição, a família. Busquei atentar para modos outros que (se) experimentava(m), como aqueles da relação entre pessoas de formações distintas, aqueles com durações variadas, etc. O predomínio, por vezes, de homens-médios-brancos-líderes, me inquietava; para além de buscar atentar para a presença de pessoas outras, fui percebendo que mesmo a atuação desses homens possibilitava, de alguma forma, abertura a participação de outros.

Por vezes, é difícil deixar as coisas em aberto e evitar se tornar um avaliador que busca uma coerência segundo suas leituras, experimentar o ambiente e com as pessoas sem reduzi-las a mim mesmo. Buscando encontrar com os campos investigados e com as pessoas que deles faziam parte, e poder compor neles e com elas, também me deixando afetar pelo que acontecia e me acontecia, para que então talvez pudesse dizer de dentro da experiência.

Encontrando modos de entrar, variações de corpo, modos de estar; o corpo dizendo como entrar, como estar. Experimentar o corpo. Era preciso disponibilidade para entrar em um campo que se apresentava com múltiplas entradas, prolongamentos e conexões, inúmeras eram as proposições (ciclo)artistas. “[...] começar pelo meio, entre pulsações. Isso acontece não apenas porque o momento presente carrega uma história anterior, mas também porque o próprio território

presente é portador de uma espessura processual.” (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2012, p. 58-59). Experimentei quantas delas me foi possível, e componho o texto com várias delas, principalmente, aquelas nas quais a intensidade e potência de (de)formação foram mais expressivas.

Rizomaticamente experimentei, nesses ambientes, com eles, com as pessoas que também estavam disponíveis para os encontros que eram produzidos. Acompanhando. Participando. Ora foi preciso falar de mim, me expor. Ora foi preciso ouvir. Compor. Nesta pesquisa, acompanhando projetos de (ciclo)ativismo urbano, mapeando-os, operando-os com o próprio corpo. Paisagens em transformação. Possibilitando ao corpo vibrar todas as frequências possíveis e inventando “posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem” (ROLNIK, 1989, p. 68).

Antes da construção da Praça de bolso do ciclista, quando acompanhava a construção da Bicletaria Cultural, as saídas a campo eram sempre precedidas de uma busca de informações que me possibilitariam certo controle sobre a observação. Aos poucos, fui experimentando um modo outro de conhecer, de aprender. Passei a procurar as informações que julgava indispensáveis e a experimentar os ambientes, ressoar com eles e com as pessoas me abrindo para a experiência do presente, do imprevisto. Tratava-se de processos de produção de um corpo-pesquisador, que também contribuía para o traçado de entradas e presença em campo.

Bem como uma disponibilidade, uma atenção específica era solicitada durante as observações em que eu era também participante do campo de investigação. A manutenção da atenção flutuante e aberta, mencionada anteriormente, junto à operação de uma concentração sem focalização tornava possível realizar uma exploração sem interpretar ou produzir compreensão. Trata-se de um treinamento da atenção em campo, atenção em relação às anotações produzidas e naquilo que delas emergem e nelas se podia agenciar. Nesse mapeamento, conexões entre os componentes observados vão sendo estabelecidas, desenvolvendo uma variação da atenção denominada por reconhecimento atento. Fazendo emergir um virtual já existente atualizado, visualizando emaranhados de tramas, como aqueles das relações de poder, como aqueles das alianças estabelecidas entre (ciclo)ativistas, por exemplo.

Ao observar as relações que se estabeleciam nos e com os projetos, surgia uma inquietação em relação à afirmação de algumas lideranças nas proposições e a candidaturas político-partidárias a cargos públicos por parte de alguns (ciclo)artistas. Manter essa inquietação, não a transformando em interpretação ou compreensão ligeira, desdobrou certo entendimento da possibilidade em relação às conquistas materiais e de direitos legais dos movimentos, por conta desses modos de atuação e relação com o poder público, e também levou a pensar nos tipos de poder que se exerciam nesses espaços.

Busquei trabalhar, dessa maneira, com a percepção e a memória que foram conectando campo e pesquisa, produziram problemas, ampliaram rizoma. Possibilitaram conexões. Configurando uma performance da atenção mais precisa e possível de ser acessada. O processo de performatização envolveu essa construção corrente de disponibilidade e de uma atenção específica, que contribuíram para a visualização e mapeamento de tramas, durante o acompanhamento dos processos e experiências investigadas, na produção e na composição escrita.

Para a produção desta pesquisa, junto à minha busca de performatização de uma corporalidade cartográfica, foram produzidas acoplagens cartográficas. Essas acoplagens dizem respeito aos dispositivos e aos equipamentos que foram selecionados, produzidos e operados durante o processo de investigação. Seleções, produções e operações que variavam em função daquilo que solicitava a entrada acessada no campo ou o momento em que se encontrava no processo da investigação.

Os dispositivos foram aqueles que possibilitaram ou dispararam produções de relações com as pessoas e com o ambiente, e dessa forma, produções de conhecimentos com os projetos investigados. Tratava-se do acompanhamento que se dava com a observação participante e das experimentações com as proposições (ciclo)artistas e no urbano a que eu me lançava; dizia respeito, também, às conversas e às alianças que foram produzidas com as pessoas proponentes e participantes dos projetos estudados.

Uma mão suja de argila, uma dedicatória no livro. Exercícios para produção de corpos clownescos (KASPER, 2004). Técnicas de agroflorestamento. Pedalar na cidade, manifestar em multidões. Aprendizados de culinária vegana. Rostos em fotografias, olhares em performances, estranhamentos éticos e estéticos. Contágios,

desejos, devires. Experimentações possíveis junto aos processos em curso, “experimentações que possibilitam o acesso ao plano de transformação da vida” (POZZANA, 2014, p. 61). Fazendo rizoma com os objetos, dizendo de dentro da experiência, aprendendo e vendo aprender para pensar em educações.

As conversas, como dispositivos solicitavam, por vezes, certo manejo, que não se tratava de direcionamento; nelas, levava em conta os objetivos da pesquisa e para o acompanhamento e busca produzia relações. Buscava produzir encontros, acessar relatos de experiências de fazer e de sentir das pessoas propositoras e participantes. Visando à experiência compartilhada. Aqui aponto um aspecto relacionado à minha implicação, intervenção, na pesquisa, uma não neutralidade na composição com as vozes por meio do manejo. Desse modo, me aproximava de algumas pessoas, aumentava a possibilidade da minha participação e modificava o modo como eu percebia e me relacionava com o ambiente aprendendo com elas.

Quanto às alianças estabelecidas em campo, elas tratavam dos elos com as pessoas implicadas nos projetos investigados, foram rizomas produzidos em campo. Alianças que operaram como dispositivos de abertura a entradas, a produção de diálogos e de informações a respeito das proposições e dos processos e experiências formativas por elas possibilitadas, ao acesso de registros e documentos sobre os projetos, e mais. Contribuindo para o acompanhamento dos processos e experiências investigadas, para a produção e a composição escrita. Os registros possibilitados com esses encontros compõem a escrita do texto, como um modo de trazer para o texto outras vozes.

À pesquisa e ao meu corpo de pesquisador foram agenciados alguns equipamentos. Sendo esses equipamentos, o Diário de Bordo e o Manual do Cartógrafo. O Manual do Cartógrafo dizia respeito a um guia pessoal e intransferível que foi sendo produzido para a investigação. A pesquisa produzia inúmeras experimentações com os projetos de (ciclo)ativismo solicitando a acoplagem ao meu corpo de pesquisador um “contrato de prudência”. Esse contrato ou guia era composto por “um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações” (ROLNIK, 1989, p. 69). Tratava-se de um equipamento que buscava a manutenção de uma corporalidade potente para a realização da pesquisa. Ou seja, teve relação direta com a produção do meu corpo de pesquisador, de cartógrafo, na

medida em que envolvia abertura para a vida, prudência nas experimentações, devires do olhar, da percepção, atenção aos objetivos da pesquisa.

Manual composto por um critério de avaliação da participação, manutenção de um *ethos* analítico do grau de intimidade e do grau de abertura para a vida que eram possíveis ou aos quais me permitia a cada momento nos encontros com as pessoas e com os ambientes investigados.

Solicitava um princípio de mapeamento que era ético: a pesquisa não dizia respeito a uma moral específica. A expansão do mapa era seu parâmetro básico e exclusivo, tendo a ver com éticas e suas produções e variações; com a produção de modos outros de viver; com uma abertura para relação com a alteridade.

Uma regra produzida com esse guia dizia respeito à invenção de maquinismos cartográficos e a definição de seus limites. Dizia respeito também aos limites do meu próprio corpo de pesquisador em formação, “do quanto se suporta, a cada momento, a intimidade [...] limite de tolerância para a desorientação e reorientação dos afetos” (ROLNIK, 1989, p. 70). Experimentações por vezes muito radicais, solicitando aproximações e afastamentos, maior ou menor participação, maior ou menor exposição.

Com o Manual do Cartógrafo também produzia um breve roteiro de preocupações para o acompanhamento dos processos, para a produção de anotações. Roteiro que envolvia os problemas da pesquisa e inquietações, principalmente, em relação àquilo que se aprende e se (trans)forma.

Agenciado à pesquisa, além de auxiliar a produção de uma corporalidade cartográfica, o Manual do Cartógrafo auxiliou no acompanhamento dos campos investigados e nas anotações realizadas no Diário de Bordo. Possibilitou e disparou produções de conhecimentos com os projetos investigados, seja a respeito das proposições (ciclo)ativistas, seja com elas, para pensar em educações outras.

O Diário de Bordo - expressão náutica deslocada para pesquisa em educações - foi constituído com anotações processuais, fragmentárias, experimentais; anotações realizadas antes, durante e/ou depois das idas a campo no acompanhamento dos processos estudados. Foi produzido em atenção às linhas de constituição dos objetos investigados e aos problemas que na pesquisa iam se delineando.

Foi, inicialmente, composto por relatos de vivências, compilações de informações, cartas não entregues, descrições mais detalhadas, reflexões pessoais, observações. Suas anotações se davam a propósito e carregadas de afetos, acontecimentos, experiências, encontros, movimentos, aspectos variados, registros técnicos, impressões, inquietações, aprendizagens. Diário que auxiliou no traçado das três linhas que constituem os objetos, mapeando configurações dadas nos campos investigados, movimentos correntes no processo da pesquisa - relações de forças e de alianças, por exemplo -, emergência e constituição de aprendizados radicais ou não.

Acoplado ao meu corpo, às minhas mãos, aos meus bolsos, pastas, mochilas, etc. o Diário de Bordo em construção apresentava, por vezes, algumas variações. Em campo para produzir as anotações levava cadernos, blocos, folhas avulsas, um celular no qual fazia registros escritos e fotográficos, gravador de áudio, em atenção ao espaço-tempo em que aconteciam as proposições e ao aumento da possibilidade de relação com o ambiente e com as pessoas e de experimentação com as proposições.

As produções de anotações aconteceram em diversos momentos da investigação, não somente durante as idas a campo. Havia também momentos de estudos e anotações disparadas pelos referenciais bibliográficos escolhidos e orientados para a investigação, que fizeram parte das composições do diário. No acompanhamento dos processos, como a experimentação vinha antes, alguns acontecimentos tomavam o espaço-tempo e as anotações eram produzidas em intervalos ou posteriormente a eles.

Momentos posteriores muito potentes, carregados da experiência do corpo exposto e afetado pelas proposições (ciclo)ativistas. Como aconteceu depois das vivências com as “Feiras de Trocas Poéticas”, no Arquipélago de Camões, com as Mostras de *Performance Art*, na Bicletaria Cultural, com as práticas de meditação e de jardinagem, no Parque Gomm, com os mutirões e eventos posteriores à construção da Praça de bolso do ciclista, entre outros, por serem momentos intensos e envolventes de produção de si e de relações que solicitavam uma presença participante.

Em alguns momentos parecia invasiva a realização de notas naqueles espaços onde uma atenção específica era solicitada a todo o momento, o celular, por exemplo, aparecia como possibilidade de instrumento, uma vez que também era utilizado pelas pessoas. Alguns eram momentos de deriva de pensamento em campo, como aqueles em que me sentava nos bancos revestidos de mosaicos da Praça de bolso do ciclista, do Parque Gomm, do Arquipélago de Camões.

O diário foi sempre revisitado, possibilitando conexões entre as tramas que envolvem os projetos estudados, o mapeamento de seus emaranhados, operando composições na pesquisa. Tratando de algo experimental, “têm sempre uma potência criativa: sendo revisitados, relidos, reposicionados, reescritos [...] resultando em algo que não se limita às condições de sua produção, nem à sua suposta autoria original” (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p. 291). Ele atuou como um equipamento-dispositivo; com ele e demais materiais, descritos a seguir, foram realizadas produções e composições escritas do texto. As anotações foram revisitadas, foram retrabalhadas, e se transformaram na escrita presente. As escritas inventivas disparadas pelo Diário de Bordo fazem dele atuantes na pesquisa (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014).

Para essas composições também foram utilizados outros materiais. Materiais como os relatórios produzidos para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, o trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia e os trabalhos publicados, durante o processo de formação em curso; matérias do jornal Gazeta do Povo; trabalhos acadêmicos disponíveis online; documentos disponibilizados online pelas pessoas proponentes; materiais e informações publicadas em sites e redes sociais dos projetos investigados; entre outros.

A pesquisa ganha potência com a realização da composição do texto, junto às releituras e as reescritas do Diário de Bordo. “[...] o que anotamos em nossas cadernetas ou em outros aparatos é, de fato, um conjunto de fragmentos (em formato de tópicos, trechos de fala, fluxos), que posteriormente são submetidos a uma organização narrativa” (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p. 282). Composição como um modo de organização aliado aos objetivos da investigação e aos referenciais teóricos e metodológicos escolhidos para estudo. Produzindo algo como

uma decupagem⁷, agrupando no conceito de experimentações ecosóficas, ou de educações outras, uma variedade de potências, efeitos, possibilidades produzidas com as proposições (ciclo)artistas investigadas.

Os referenciais teóricos escolhidos para estudo potencializaram as anotações no Diário de Bordo, leituras e experimentações com as proposições (ciclo)artistas. As proposições acompanhadas potencializam as leituras e experimentações com os referenciais teóricos. Os processos investigados junto aos referenciais teóricos potencializaram o pensamento em educações. A escrita do texto envolveu também a reescrita das anotações do Diário de Bordo, a produção e composição junto a intensidades do corpo, aos demais materiais produzidos e pesquisados durante a pesquisa.

Por fim, o processo de investigação que operou com maquinismos cartográficos solicitou e possibilitou: a produção de um corpo-pesquisador, sempre em vias de transformação, disponível para a experiência e atento à minha própria implicação na pesquisa; a visualização e mapeamento de tramas e de agenciamentos que envolvem os projetos estudados, com a construção de performatizações; a experimentação de leituras e escritas, por meio da produção de acoplamentos de dispositivos e de equipamentos cartográficos à pesquisa e ao meu corpo de pesquisador. Maquinismos que contribuíram para o acompanhamento dos processos e intervenções nos projetos investigados; para a produção e a composição escrita; para a construção do caminho da investigação, que dá rigor a ela; para a produção de pensamento; para abertura a conexões outras.

⁷ “O que é interessante na filosofia é que ela propõe uma decupagem das coisas, uma nova decupagem: ela agrupa num mesmo conceito coisas que se acreditaria serem muito diferentes, e separa outras que se acreditaria serem muito próximas” (DELEUZE, 2016, p. 224).

4 EXPERIMENTAÇÕES ECOSÓFICAS

Educação como produção de subjetividades pensada sob a ótica da articulação de uma lógica das intensidades (GUATTARI, 2001, 2012), perspectiva na qual se leva em conta a processualidade, o movimento e a intensidade dos processos de produção. Educação, que acontece processualmente, no percurso da vida; que envolve movimentos, transformações e deslocamentos que se dão nos encontros com as pessoas e com o ambiente; que leva em conta as intensidades, a construção de relações com a alteridade, a abertura para a vida, produção de diferença e de potência de vida (DELEUZE, 2002). Produções de subjetividade individual e/ou coletiva que se dão por meio de experimentações, instaurações de modos outros de viver e de se relacionar com as pessoas e com o ambiente. Experimentações ecosóficas.

A experimentação, nessa lógica, está para a abertura à produção de subjetividades não conformes aos modos dominantes de valoração, para a produção ética e estética da existência. Uma educação que se refere à produção de referências e de critérios que se utiliza para viver, não tendo relação com a produção e a manutenção de uma moral, de uma forma e de um modelo pronto para usar.

Experimentações que podem demandar uma prudência, necessária para que a produção de si e do mundo envolva uma potência de vida (DELEUZE, 2002). Solicitando individual ou coletivamente “prudência como dose, como regra imanente” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.13). Paradas, afastamentos, retornos, respiros, embalos, lentidões, velocidades, equilíbrios, ressonâncias, análises, dosagens nos encontros, nas proposições, nas intervenções. A validação de modos de existência outros tem a ver com o grau de potência que esses modos envolvem, experimentam, produzem, com o quanto potencializam a vida. Modos intensivos que fogem às conformações.

Educação pensada como articulação de reinvenções nos registros ecosóficos da subjetividade, do *socius*, do ambiente. Educação que envolve uma articulação das subjetividades em estado nascente, do *socius* em estado mutante e do ambiente no ponto em que ele pode ser reinventado, para a instauração de modos outros de valoração (GUATTARI, 2001). Entendendo os projetos investigados

como produtores de subjetividades, de modos outros de coletividades, de implicação no ambiente. Modos individuais e/ou coletivos de agir, de sentir e de pensar. Desde dessubjetivação, desaprendizagem, desautomatização, até a abertura a constituições outras. Trata-se de possibilidades de educações que não aquela da conformidade aos modos padronizados de viver da axiomática capitalista e do Capitalismo Mundial Integrado. Produzindo também alterações nos modos de vida voltados ao consumo, às relações hierárquicas de controle e de submissão, ao reapropriar registros semióticos e seus componentes, resignificando-os.

Experimentações ecosóficadas pensadas com os processos de construção da Bicletaria Cultural, da Praça de bolso do ciclista, do Parque Gomm - acompanhando proposições do projeto “Salvemos o Bosque da Casa Gomm” - e do Arquipélago de Camões - acompanhando proposições do projeto “Longa Vida ao Arquipélago de Camões” -, na cidade de Curitiba. Educação que envolve experiências e processos radicais individuais e/ou coletivos de produção de si e do mundo. Produção de éticas e de estéticas outras. Envolve o “se pôr a ser” (GUATTARI, 2001, p. 28), operar seus processos por meio da abertura a experimentação, agenciar componentes heterogêneos produzindo corpos coletivos mesmo que temporários, produzir o ambiente sendo parte dele.

4.1 Bicletaria Cultural

Acompanhei o processo de construção da Bicletaria Cultural que iniciou durante minhas perambulações imersivas no movimento (ciclo)ativista na cidade de Curitiba. Trata-se de um processo de criação de um espaço singular no subsolo de um prédio no centro da cidade; produzindo uma constante agenda de vivências plurais e um território vivo que relaciona bicicleta, mobilidade, ativismo, arte, pessoas, urbano.



Imagem 1
Foto: Emerson Biernaski.

Patrícia é (ciclo)artista, produtora cultural, cocriadora da Bicicletaria. Trabalhou em ateliês, galerias e eventos de arte em São Paulo e no Rio de Janeiro, durante os anos de 2003 e 2008. É graduada em Artes Cênicas e especialista em Ensino e História da Arte pela Faculdade de Artes do Paraná, (FAP), especialista em Relações Internacionais pela Faculdade Integradas Curitiba (FIC).

Nos encontros com ela, na atmosfera ligeira da Bicicletaria Cultural ou em eventos dos movimentos, aprendo bastante sobre seu modo experimental de viver, de trabalhar nesse espaço. Modo que envolve uma agilidade de ação e de pensamento, uma abertura a intervenções de outras pessoas, (ciclo)artistas ou não, e a encontros variados, a realização de agenciamentos plurais e criativos com

as proposições, a promoção de um ambiente no qual as crianças convivem com adultos.

Fernando é (ciclo)artista, cicloviajante, cocriador da Bicicletaria. Produziu um percurso singular de formação (BIERNASKI, 2012, 2013, BIERNASKI; KASPER, 2012), percurso composto por diversas viagens de bicicleta realizadas pelo Brasil, pela coprodução de coletivos de (ciclo)ativismo - como o “Interlux Arte Livre” -, pelas exposições de arte realizadas que transformava em ateliês experimentais especialmente durante suas montagens, pelas oficinas de arte para crianças por meio da livre criação. Graduado em Gravura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP/UNESPAR), no ano de 2005.

Com ele, desde as investigações a propósito de seus processos de formação e de criação, fui aprendendo a pensar em formação como processo de singularização (GUATTARI; ROLNIK, 1996, GUATTARI, 2001, 2012). Formação como produção singular de si. Aprendendo perspectivas, velocidades, lentidões outras, produzindo modos outros de me deslocar, de estar nos espaços que acompanhava ou participava, a aprender pesquisando, como nas oficinas com ele, com o contato com as artes, as exposições.

Ambos pensaram a construção da Bicicletaria e a sua localização estrategicamente. Para acessá-la é preciso partilhar calçadas estreitas, atentando-se aos semáforos e ao fluxo dos veículos. Está localizada nas proximidades do centro cultural, comercial e universitário da cidade. O número de pessoas que circulam por ali é grande em diversos horários do dia. Já o trânsito de carros, motos e ônibus biarticulados, que era mais intenso quando eu acompanhava o espaço em 2011, está sendo amenizado com a proposição da “Área Calma” na região central, a ser mencionada a seguir. Nos últimos anos, houve um aumento da malha cicloviária (CURITIBA, 2016b, p. 1) na região, que é uma das reivindicações de (ciclo)artistas, e hoje em dia podem ser acessados paraciclos nas proximidades, como, por exemplo, na Praça de bolso do ciclista que foi construída em frente a ela no ano de 2014.

A construção e a localização estratégicas chamam a atenção para os modos de ocupação, de deslocamentos, de produção da cidade. Modos que priorizam, entre outras coisas, o planejamento urbano realizado tendo em vista as vivências

das pessoas. Proposições (ciclo)artistas que têm alterado o ambiente ao longo do tempo em que estão sendo realizadas.



Imagem 2
Foto: Emerson Biernaski.

A Bicletaria é composta por uma agenda cultural móvel, que envolve a oferta de serviços relacionados à bicicleta e inúmeras proposições de (ciclo)ativismo. É um estacionamento, realiza a prestação de serviços de mecânica, a disponibilização de ferramentas e promoção da venda de componentes e de acessórios para bicicletas. Promove aulas para as pessoas aprenderem a pedalar e cursos básicos de manutenção para aprender a reparar o veículo. Sedia a Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu (Cicloiguaçu), promove os Encontros de Cicloviajantes, propõe as Mostras de *Performance Art* (p.Arte), e mais. Estabelece relações plurais, agenciando-as. Também recebeu alguns prêmios⁸ pelo trabalho realizado na cidade.

⁸ Recebeu o “2º Prêmio Aliança de Empreendedorismo Comunitário”, na categoria “Empreendedor Individual”, em 2012. O “Prêmio: A Promoção da Mobilidade por Bicicleta no Brasil”, promovido pela Associação Transporte Ativo do Rio de Janeiro, na categoria “Empreendimento”, em 2014. Foi selecionada no “Projeto Legado 2014”, com certificação Project Management in Development. Venceu o concurso “Smart Living Challenge/2014”, estando entre “as 15 melhores ideias do mundo” com o reconhecimento pelo Instituto da Suécia e pelo Munktel Science Park.

A Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu (Cicloiguaçu) foi fundada no mês de maio do ano de 2011, e reúne pessoas ligadas à questão da bicicleta em Curitiba e região metropolitana. Fernando Chotguis Rosenbaum, no ano de 2016, fez parte do Núcleo de Educação da associação. Pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, ela dialoga com o poder público e apoia o uso da bicicleta como meio de transporte. (Ciclo)ativistas que participa(ra)m dela estabelecem diversas relações com instituições governamentais e não governamentais. Com elas e nelas produzem alianças, reivindicam pautas relacionadas à bicicleta e à mobilidade, ocupam cargos de atuação. Talvez, essa associação seja uma das proposições na Bicletaria que mais tensionam uma relação com o poder público, tendo em vista intervenções urbanísticas, legais, em políticas públicas, por exemplo, que ela ajuda a promover.

Em relação às alianças produzidas, algumas das entradas e das atuações se dão junto ao Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), à Secretaria Municipal de Trânsito da Prefeitura de Curitiba (SETRAN) e ao Departamento de Trânsito do Paraná (DETRAN/PR). A associação é filiada à União de Ciclistas do Brasil (UCB). E estabelece parcerias com o projeto “Ciclovida” da Universidade Federal do Paraná (UFPR), o Instituto de Energia Humana, o movimento “Voto Livre”, entre outros.

Uma dessas alianças e entradas que a associação e a Bicletaria produzem é aquela com a Secretaria Municipal de Trânsito da Prefeitura de Curitiba (SETRAN), entre outras coisas, sediando algumas das reuniões mensais com ciclistas promovidas por essa secretaria. Reuniões que acontecem também em outros lugares e se dão, desde o mês de setembro do ano de 2015 (ARAÚJO, 2015, CURITIBA, 2016a). Nesses encontros são levantadas demandas, propostas, soluções para assuntos relativos à (ciclo)mobilidade urbana. Configurando momentos de aprendizagens sobre planejamento urbano, de abertura à participação das pessoas, de reivindicações de pautas por parte, principalmente, de ciclistas em relação à cidade e à mobilidade, de produção de diálogos e de soluções para as demandas.

Outra aliança produzida é aquela com o movimento “Voto Livre”, na qual atuaram para promoção de intervenções legais e na disponibilização de orientações para proposições de lei. Foi um movimento que surgiu para fomentar e orientar, por meio da internet, a iniciativa das pessoas na apresentação de projetos de lei; e que

apresentou um projeto que foi aprovado pela Câmara de Vereadores da Prefeitura Municipal de Curitiba, criando a Lei da Bicicleta na cidade (Lei n.º 14.594 do ano de 2015). Com essa lei torna-se reconhecida a bicicleta como modal de transporte regular; se estabelece “que 5% (cinco por cento) das vias urbanas serão destinadas a construção de ciclofaixas e ciclovias, em modelo funcional, interconectando o centro da cidade, integrado ao transporte coletivo” (CURITIBA, 2015a, p. 1); é assegurada a instalação de bicicletários e/ou estacionamentos em terminais de ônibus, em espaços de educação formal, espaços comerciais e de lazer; e são definidas diretrizes para implementação e para o financiamento dessas ações.

Um dos modos de relação com o poder público é por meio da atuação em instituições. Uma dessas atuações é a de Jorge Brand (Goura Nataraj). Ele foi Assessor de Mobilidade da Secretaria Municipal de Trânsito da Prefeitura de Curitiba (SETRAN), fomentando a questão da bicicleta como meio de transporte, desde o mês de fevereiro do ano de 2015 até o período de campanha eleitoral que participou em 2016. E, atualmente, ocupa o cargo de vereador na cidade de Curitiba. Suas pautas de campanha priorizam, por exemplo, mobilidade, acessibilidade, meio ambiente, “cultura da paz e não violência”, “parto humanizado”, “economia criativa”, arte e cultura. Abrindo para intervenções nas decisões urbanísticas, legais, em políticas públicas.

Outro membro da Associação Cicloiguaçu e representando-a é Rodolfo Brandão de Proença Jaruga, que faz parte do Conselho da Cidade de Curitiba (CONCITIBA). Ele é (ciclo)ativista, advogado, foi candidato não eleito a vice-prefeito da cidade no ano de 2016, pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). CONCITIBA é um órgão colegiado municipal que está vinculado ao Instituto de Pesquisa Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), foi criado pela Lei Municipal 12.579 do ano de 2007. Com essa atuação a associação toma parte da responsabilidade de acompanhar, fiscalizar, avaliar e propor a implementação do Plano Diretor de desenvolvimento urbano realizada por esse órgão público.

Em relação à reivindicação de pautas - entre outras e para além da Lei da Bicicleta anteriormente mencionada -, a associação realiza, nos períodos anteriores às eleições a cargos públicos, a produção de uma "Carta Compromisso da Mobilidade Ativa", assegurando a adesão e a assinatura dessa carta por candidatos políticos como a cargos de prefeito e de vice-prefeito, por exemplo. Também realiza

a divulgação online de ambas as ações e documentos. Buscando assegurar direitos e uma atenção de candidatos políticos em relação a questões sobre (ciclo)mobilidade na cidade. Também, promove rodas de conversas com candidatos nesses períodos de campanha.

Outra pauta e intervenção na cidade, que vem ao encontro da atuação de (ciclo)artistas, é o projeto “Área Calma” da Prefeitura Municipal. Um projeto vigente desde o dia 16 do mês de novembro do ano de 2015, que consiste na redefinição e fiscalização do limite de velocidade de circulação na região central. O trânsito a 40 quilômetros por hora evitaria, principalmente, acidentes fatais com pessoas e, ainda, possibilita o compartilhamento das ruas por aqueles que operam diferentes modos de deslocamento. Trata-se de um planejamento urbano que prioriza as pessoas, a escala humana. Ele “[...] complementa outras medidas tomadas pela Prefeitura de Curitiba, como a Via Calma da Avenida Sete de Setembro, a [...] Via Calma das avenidas João Gualberto e Paraná, além dos investimentos em ciclomobilidade, como a instalação de ciclorrotas” (CURITIBA, 2015b, p. 1).

Ao se relacionar com o poder público, seja por meio da produção de alianças, da reivindicação de pautas ou da ocupação de cargos em instituições, a Associação Cicloiguaçu possibilita algumas modificações para a cidade, para o movimento (ciclo)artista, para as pessoas e talvez também promova pequenas sedimentações. Nessas relações, abre para a produção de traçados moleculares (modificações, produções de sentidos) dos modos de viver, de se relacionar, de trabalhar e alguns traçados um pouco mais molares (pequenas sedimentações).

Ela promove a produção de alianças, parcerias de atuação e a promoção de encontros entre pessoas pensando a cidade e os deslocamentos; fomenta, propõe e contagia a produção de um modo outro de deslocamento e de intervenção na cidade - deslocamento por meio principalmente, da bicicleta; intervém, que leva em conta a “escala humana” e a atuação das pessoas; por exemplo. Quando ela opera essas reinvenções nos modos de se relacionar, produz traçados moleculares dos modos de viver.

Ela parece produzir traçados mais molares nos modos de viver quando investe em reivindicações e na ocupação de cargos de liderança, por definir normas, vigilância e representações. Outramente, ou molecularizando, essas ações também podem ser vistas como retomadas temporárias de espaços de decisão para

intervenções na cidade, quando elas não se pretendem modelos impostos de ação. Por exemplo, quando (ciclo)ativistas promovem o aumento da malha cicloviária, não impossibilitam o deslocamento de outros modais. Trata-se de um modo que não se pretende modelo imposto, não se pretende exclusivo.

O contato com a Associação Cicloiguaçu possibilita a produção de corpos que tensionam, de encontros e alianças, de pautas e intervenções, de atuações e retomadas. Desenhando traçados para cidade, para movimento (ciclo)artista, para as pessoas, que deslizam entre a molecularidade e a molaridade.

A Bicicletaria Cultural promove “Encontros de Cicloviajantes”, recebendo e apresentando mensalmente pessoas convidadas provenientes de diferentes países que realizaram viagens de bicicleta por diversos lugares do mundo. Convidadas que dialogam com as demais pessoas presentes no encontro, contagiando, compartilhando memórias, fotografias, histórias, aprendizados e indicações a respeito de suas viagens.

Alexandre Costa Nascimento participou de um desses encontros, no dia 08 do mês de maio do ano de 2015. Ele é cicloativista, jornalista, cofundador do movimento “VotoLivre”, um dos realizadores do espaço virtual “Ir e vir de bike”. Durante a conversa produzida por ele e pelas pessoas que ali participavam, Nascimento compartilhou, principalmente, a respeito da sua viagem que fez parte do “Tour d’Afrique”, percorrendo da cidade do Cairo, no Egito, até a Cidade do Cabo, na África do Sul. Naquele momento ele também lançava, na Bicicletaria, um livro que escreveu a respeito dessa viagem que fez de bicicleta, o livro: “Mais que um leão por dia”.

Com ele, com outros cicloviajantes que me lembro de ter entrado em contato, com minhas incursões de bicicleta pela cidade, penso em educações outras possibilitadas por esses deslocamentos e encontros. Viagens em bicicletas possibilitam a produção de caminhos, de encontros, modificações de percepções, experimentações de tempos, de espaços, de movimentos...

Com a bicicleta se dá a produção e aprendizagem de trajetos que não são necessariamente o dos automóveis ou dos pedestres. “Os percursos não são os mesmos, nem os mesmos corpos” (BIERNASKI; KASPER, 2015, p. 1). Há possibilidades de encontros com diferentes lugares e diferentes pessoas nesses

percursos experimentais. Sejam naqueles produzidos em ciclovias ou mesmo aqueles na cidade. Deslocar-se pelo ambiente urbano possibilita descobrir em seus desvios e atalhos, imagens que não aparecem nos cartões postais, por exemplo, bem como, é um modo de entrar em contato com pessoas, animais, ambientes, que não passam somente de relance, como acontece pelas janelas dos carros.

Viagens e deslocamentos que possibilitam aprender uma abertura à composição com o exterior. Também, aprendizagens de exposição. Experimentar velocidades outras, inclusive do tempo, do tempo que passa, do tempo de uma viagem, de um tempo não convencional. Instauração de um tempo intensivo. Encontros que contagiam as pessoas disponíveis à experiência de ciclovias e de pedalar na cidade.

No encontro com Nascimento, também era possível saber mais sobre o espaço virtual “Ir e vir de bike”. Um blog de artigos jornalísticos e podcasts - arquivo digital de áudio - sobre cicloativismo, cicloturismo, mobilidade e cidade, desdobrado de trabalhos anteriores do ciclovias no site da Gazeta do Povo. Foi produzido em parceria com a cicloativista Andreza G. L. C. Nascimento, cofundadora do coletivo “Saia de Bici”, coorganizadora do III Fórum Mundial da Bicicleta que aconteceu em Curitiba.

Esses Encontros de Ciclovias ensinam que as questões de mobilidade por bicicleta, muitas vezes, são também um elo entre pessoas. Pessoas de diferentes formações podem ter em comum o ato de pedalar, de se deslocar por bicicleta, abrindo para aprendizagens nesses encontros. Acompanhando os movimentos de (ciclo)ativismo percebo que os desafios, as experiências, as práticas que envolvem o pedalar, aproximam as pessoas e que elas passam juntas a aprender, a reivindicar, a intervir no ambiente, compondo com seus diferentes modos de ser. Atuações em diferentes áreas também possibilitam ampliações de perspectivas sobre as questões do urbano. Um jornalista, por exemplo, entre outras coisas, pode intervir na produção e na divulgação de enunciados e de imagens relacionadas aos modos de viver que o ato de pedalar possibilita - desde aquelas relativas ao planejamento urbano, até aquelas relacionadas à percepção e à implicação no espaço, da exposição “[...] ao tempo, ao trânsito, ao asfalto, ao vento. E também a todos os perigos que dela advém” (BIERNASKI; KASPER, 2015, p. 1).

Participar desses encontros é também atualizar na memória vivências que tive com as “Bicicletadas Curitiba”, durante, principalmente, o acompanhamento da construção da Bicicletaria Cultural e da Praça de bolso do ciclista. Elas envolvem protestos que criam uma zona de ocupação temporária das ruas públicas da cidade, ocupação por parte de um grande número de pessoas em bicicletas que desenharam um trajeto experimental, produzido pelas pessoas enquanto acontece. Inicialmente, elas foram promovidas pelo “Coletivo Interlux” desde o ano de 2003, umas acontecem mensalmente na cidade, umas em diferentes tempos dependendo da sua variação. Possibilitam pensar a produção de signos, de corpos, de táticas de ação.

As Bicicletadas se tornaram um símbolo do movimento (ciclo)artista, um ato político recorrente. Sempre provocando a produção de decisões conjuntas e estratégias de ação a respeito de elementos não pré-determinados como: trajeto, frases de efeito ou “jograis”, consistência do corpo coletivo, velocidades e lentidões, modos de bloquear as ruas e abordar pedestres e motoristas que sedem passagem, entre outros.

Essas proposições parecem ter ressonâncias com as ações do movimento “*Reclaim the Streets*” (LUDD, 2002), que desde a década de 1990, na cidade de Londres (UK), realizava protestos antiestradas; afirmando a utilização de meios de transporte alternativo aos carros, posicionando-se contrários ao sistema de lucro que a produção desses envolvia. Bem como, ressonâncias com o conceito de massa crítica (LUDD, 2005), relacionado às ações realizadas na cidade de São Francisco (EUA), desde o ano de 1992. Massa crítica que trata de pedaladas envolvendo um número considerável de pessoas para tomada em trajeto de uma rua pública, reivindicando-a. Bicicletadas não se remetem necessariamente a massas, seus componentes são heterogêneos, suas pautas são variadas, seus deslocamentos experimentais. Com elas não realizam somente uma crítica a alguma coisa, elas são proposições, intervenções, indicam possibilidades. Elas envolvem uma retomada das ruas; uma afirmação da potência de um corpo coletivo e sua constituição mesmo que efêmera; reivindicam espaço e criam modos outros de deslocamentos.

As bicicletadas acontecem em várias partes do mundo e têm configurado variações, em Curitiba é possível perceber algumas delas, como a “Marcha das Bicicletas”, “*Ghost Bike*”, “Bicicletada Super Heróis”, “Saia de Bici”. Sendo a Marcha

das Bicicletas, uma bicicletada que acontece no Dia Mundial Sem Carro, no dia 22 do mês de setembro de cada ano.

“*Ghost Bike*” é uma bicicletada em homenagem a uma pessoa que se torna vítima de um acidente de trânsito, ao se locomover de bicicleta. A intervenção consiste na fixação de uma bicicleta branca no local do acidente, realizada pela multidão em bicicletas que ocupa as ruas no trajeto até ele. Em Amsterdã a bicicleta branca, na década de 1960, fazia parte de uma proposta que integrantes do movimento “Provos” fizeram ao poder público e, posteriormente realizaram parcialmente. Consistia na distribuição de bicicletas pintadas de branco para uso livre e gratuito pelas pessoas, simbolizando a busca de garantia ao acesso ao transporte e o repensar a mobilidade urbana.

“Bicicletada Super Heróis” tratou-se de uma bicicletada produzida como trajeto para uma exposição de arte. Aconteceu no dia 7 do mês de setembro do ano de 2014, com saída da Praça de bolso do ciclista e chegada ao Museu Municipal de Arte (MUMA), onde estava exposta a Segunda Gibicon (hoje, Bienal de Quadrinhos de Curitiba).

“Saia de Bici” é uma bicicletada, idealizada como intervenção artística, que é realizada por mulheres desde o dia 8 do mês de março do ano de 2011, no dia da mulher. Dessa proposição desdobraram-se o coletivo “Saia de Bici”, criado no ano de 2012, que é um grupo que promove diálogos sobre a relação entre feminilidades e bicicleta, e está vinculado à Associação Cicloiguaçu; e o “Projeto Cíclica” que realizava, durante o ano de 2014, um mapeamento da utilização da bicicleta como meio de transporte por parte de mulheres em Curitiba.

Das memórias de vivências, aquelas da produção de frases de efeito, dos “jograis”, relacionadas às pautas (ciclo)ativistas, cantadas pela multidão em bicicletas. Do contágio delas no corpo e das reverberações para as pessoas nas ruas, nas calçadas, nas janelas dos prédios. Memórias das conversas durante o trajeto, das pessoas ajudando umas às outras a resolver os problemas mecânicos que bicicletas eventualmente tinham, se disponibilizando ao contato com os motoristas, o que pede uma abertura para o diálogo, uma conversa a respeito dos significados que tem o ato.

Aprendizados de estratégias da intervenção, definição de local de concentração, produção experimental de trajeto, distribuição de panfletos sobre o ato e pautas dele, voluntários para contenção de tráfego em cruzamentos, diálogos com pedestres e motoristas, entre outras. As sensações dos deslocamentos, das velocidades, das lentidões. A propulsão e agilidade para as subidas, os pousos e as delícias das descidas. Sensação de ocupar as ruas, de produzir um corpo coletivo, uma multidão em bicicletas. Um desejo de partilha.

Os “Encontros de Cicloviajantes” propostos pela Bicletaria Cultural e as Bicletadas Curitiba produzidas por (ciclo)artistas, possibilitaram pensar em aprendizagens outras. Proposições nas quais se aprende que ser ciclista, (ciclo)artista, pode envolver um modo de conviver, de se relacionar com a cidade e com as pessoas. A possibilidade de abertura a exposição ao exterior, aos ambientes, aos tempos, às velocidades, às lentidões. A busca de uma partilha do trânsito com outros modais e da produção de uma sensação de ressonância ao criar grupos heterogêneos com um objetivo comum.

Com elas também se aprende que pedalar é um ato político e ser ciclista, (ciclo)artista, pode envolver um modo de reivindicar, um modo de intervir, de estar implicado no ambiente. Promovendo o transporte movido à energia humana e a afirmação da bicicleta como um modal; reivindicando a construção e melhoria das estruturas cicloviárias; levantando aspectos de ordem social - a afirmação da autonomia das mulheres, por exemplo. Intervindo com a retomada das ruas, a invenção de caminhos outros por meio do deslocamento por bicicleta, a produção de corpos coletivos em deslocamento. Nos diversos encontros, operando experimentalmente e/ou estrategicamente, produzindo leituras outras sobre a cidade e possibilidades de urbanismos outros.

Essas proposições são pensadas nesta pesquisa como formativas por promoverem aberturas a aprendizagens outras, a molecularizações, à produção de linhas de fugas dos modos conformes de viver na cidade.



Imagem 3
Foto: Emerson Biernaski.

O ambiente da Bicletaria Cultural é desenhado mensalmente com a “Mostra de Performance Art” (p.Arte), que acontece desde o mês de abril do ano de 2012. Essa mostra foi fundada pela (ciclo)ativista Patrícia Valverde e por Fernando Ribeiro. Ele é especialista em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), participou de diversos festivais e exposições nacionais e internacionais, entre elas a Bienal Internacional de Curitiba 2013 e 2015. Atualmente a mostra conta também com a co-curadoria de Henrique Saidel, doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Ela é composta por intervenções de artistas convidados que são provenientes de vários países. Acompanhei algumas dessas intervenções nesse espaço, como a performance: “Apocalipse da Caixa Preta” proposta por Fabiane Moraes Borges e realizada com o laboratório “Jardim de Volts”, no dia 31 do mês de agosto do ano de 2012.

Em dois espaços da Bicletaria, a performance reunia “sensores, interação mecatrônica, sintetizadores de voz, displays de texto, grafismos em leds, lcd, video eletrônica, programação em PureData (PD), microfones, lanternas, projeções, colagens, sacos de lixo” (BORGES; SOARES; SANS, 2012, p. 01). Em um dos

espaços havia uma projeção de vídeo que possibilitava aos participantes observar o interior da caixa instalada. Era uma transmissão “em tempo real” do que acontecia na outra sala, bem como, possibilitava realizar a leitura de fragmentos de textos escolhidos pelas pessoas propositoras, que também foram projetados. Os sons que vinham de todos os lados, desconexos, faziam tramas entre conversas, leituras, ruídos, múrmuros produzidos por *performers*. Tratava-se de um ambiente construído, causando, entre outras coisas, estranhamento.

A caixa era composta por microfones, luzes, fragmentos de produções escritas⁹ e mais. Dentro dela uma pessoa podia vivenciar mais intensamente o ambiente produzido. O azul penetrante dos olhos de Fabiane me inquietou. (Des)formando. Provocavam encanto, espanto, desejo. Multidões instigantes, performáticas, ainda me afetam. Atualizo na memória alguns de seus enunciados. Inspirada também em territórios de moradores de rua ou “uma nova caixa orgônica reichiana com pinceladas esquizoanalíticas [...] um portal que coloca as pessoas em contato com algum misticismo pagão multicultural” (BORGES; SOARES; SANS, 2012, p. 01). A caixa estava externamente pichada. Ecoavam os gritos das pichações, como aquelas no urbano: “fabricando a possibilidade de decomposição da tez que tanto se busca: assepsia tonta” (PINHEIRO, 2011, p. 143).

Convite à experimentação, à vivência de campo, a tremer a vida. Paisagem vibrátil contagiando a desconstrução do corpo e do ambiente. Performance que aos poucos possibilitava a produção de desorganização, algo como estranhar-se. Sensações. Aberturas a reinvenções, desautomatizações. Em vias de talvez produzir um corpo outro, “um campo de afecções [...] um corpo que levanta novos problemas, novas questões despontadas na imanência dos encontros” (YONEZAWA, 2007, p. 273).

Essas vivências experimentais no encontro com o ambiente produzido, com pessoas propositoras, com a performance, abrem para aprendizagens ecosólicas, educações outras. Formações experimentais possibilitadas por desautomatizações do corpo e das percepções, imersões na cultura *hacklab*, aprender sobre o habitar a

⁹ “A caixa continha textos do livro Domínios do Demasiado, do Tecnomagia e do Yupana Kernel, que tratam de estados de miséria, das zonas de risco, dos satélites, de tecnologia e magia” (BORGES; SOARES; SANS, 2012, p. 01).

rua (KASPER, 2006), inquietar-se com rituais tecnoxamâmicos¹⁰. Explorando sensações inconclusas, afecções e aberturas a produções outras de si. Performance e ambiente marcando a possibilidade de pensar a produção de territórios existenciais outros, de experiências sensoriais, de imersões experimentais formativas, de performatividade na arte e na vida.

“Encontros de Cicloviajantes” e das “Mostras de *Performance Art*”, são proposições que foram escolhidas e acompanhadas por conta da possibilidade de com elas produzir aprendizados outros, abrindo para a produção de traçados moleculares e/ou de linhas de fugas dos modos conformes de viver - que envolvem produções de si, de coletividades, de relações com a cidade.

Outras ações que compõem a agenda cultural da Bicletaria serão mencionadas brevemente, atentando para os aspectos móveis e plurais dela. Envolve a promoção de oficinas, a disponibilização de espaço sediando projetos, produção de encontros com especialistas de diversas áreas, promoção de visitas guiadas para estudantes, estabelecimento de relações com organizações governamentais e não-governamentais, etc.

Fernando Chotguis Rosenbaum produz oficinas de manutenção de bicicletas, nas quais se dão, principalmente, aprendizagens em relação aos componentes técnicos, mecânicos do equipamento bicicleta, por meio da exploração, do aprender fazendo. Nelas são abordados aspectos teóricos dos equipamentos e realizadas práticas de manutenção, pensando também uma melhor adequação a um corpo-ciclista específico. Envolve identificação de tamanhos dos quadros das bicicletas, medição e escolha de pneus, remendos de câmaras de ar e especificidades de válvulas de ar, centragem dos aros e raios que compõem as rodas, revisão de cubos de rolamento, regulagem dos feios, manutenção de correntes e câmbios, entre outras coisas. Envolve o cuidado com a manutenção de uma parte da máquina de pedalar, uma atenção aos componentes de um agenciamento corpo-bicicleta que acontece ao pedalar.

¹⁰ “A figura do tecnoxamã insurge no imaginário das redes de cultura livre que atuam com arte, comunicação e tecnologia, como uma figura de mediação entre técnica e intuição, política e estética, matéria e espírito [...]. O tecnoxamã é contra a política de enquadramento [...] ele vê um problema ou uma doença sempre a partir do ambiente em que o corpo está submerso” (BORGES, 2010, p. 134-135).

Na Bicletaria também acontecem aulas para aprendizagem de andar de bicicleta, que acolhem todas as pessoas, de diferentes vivências de trânsito, de diferentes idades, gêneros, características físicas, etc. Aulas pensadas aqui como processos experimentais de construção de corpo, de produção de agenciamento entre um corpo e uma bicicleta em determinado tempo e espaço. Tem em vista certa preparação das pessoas para uma composição com esse equipamento, podendo provocar conhecimentos e produções de si com a bicicleta, com a cidade, com demais meios de transporte, ao possibilitar experimentar equilíbrio, variações de atenção, efeitos dos espaços e dos tempos de deslocamentos... Nelas acontecem produções de agenciamentos entre corpo e bicicleta, que não tem a ver necessariamente com condicionamentos, trata-se da invenção de um corpo vivo, propulsor, gerador de energia e de movimento, trata de possibilidades de deslocamentos outros, abrindo também para outras possibilidades.

Em relação à disponibilização de espaço sediando projetos, estão as alianças produzidas por Valverde e Rosenbaum com os “Jardins de Volts” e a galeria “Farol Arte e Ação”. “Jardins de Volts” era um laboratório de pesquisa e experimentação de computação poética. Foi um projeto que aconteceu durante o mês de dezembro do ano de 2011 até o mês de maio do ano de 2012. Contemplado pelo Prêmio de Cultura Digital 2010 do Ministério da Cultura. Possibilitava aprendizagens sobre pesquisa artística com *softwares* e *hardwares* livres.

A galeria “Farol Arte e Ação” foi fundada em 2014, pela (ciclo)ativista Margit Leisner. Uma das exposições produzidas nesse espaço foi “Um lugar dentro do outro”, proposta por Deborah Bruel - doutoranda em Artes pela Universidade de São Paulo, professora assistente da Universidade Estadual do Paraná. Fazia parte de um projeto de investigação com propostas artísticas produzidas especificamente para a Bicletaria, foi realizada com a participação de discentes do curso de Escultura da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP/UNESPAR). A artista sinaliza como a proposição da galeria possibilita algumas aprendizagens:

“A Galeria Farol Arte e Ação” coloca-se como um espaço de arte atípico no sentido institucional e mercadológico no campo da cultura. Porque, apesar de ser uma galeria, comercializar trabalhos de arte, fomentar e produzir exposições e propostas artísticas, culturais colaborativas, demonstra ter um grande interesse em incentivar práticas que gerem pesquisa, interação e novas formas de fazer, mostrar e até de comercializar arte (BRUEL, 2016).

A Bicletaria promove encontros diversos, como aqueles com Marcia A. Tiburi e com Hélio Leites; atua junto ao “Mago Jardineiro”, ao Instituto de Energia Humana, ao grupo “Az Encontradas”; estabelece de relações com organizações governamentais e não-governamentais; acolhe estudantes em visitas guiadas.

O encontro com Marcia A. Tiburi, professora do curso de filosofia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), aconteceu no dia 19 do mês de novembro do ano de 2016. Ela apresentou uma introdução à história da filosofia, em especial, abordando o pensamento sobre mulheres em textos de filosofia, e pensamento de mulheres e obras do feminismo filosófico até o século XX.

No dia 25 do mês de novembro, foi possibilitado em um encontro performático com Hélio Leites, o “multiartista curitibano, cuja criação envolve objetos descartados, fazendo do inutensílio sua estética existencial” (JOCHELAVICIUS, 2015, p. 5).

Com “Mago Jardineiro” e equipe, se dá na Bicletaria o desenvolvimento de oficinas de paisagismo, jardinagem urbana e biodiversidade. Junto ao Instituto de Energia Humana, pensam uma resignificação e a reutilização de sucatas de bicicletas. Com o grupo de pesquisa “Az Encontradas” realizavam encontros, palestras e oficinas envolvendo educação somática e o corpo cisgênero feminino. Em visitas e atividades pedagógicas anuais para discentes, do Colégio Medianeira, por exemplo, a Bicletaria possibilita abertura a experimentações do espaço e de questões que o envolvem.

Ela também estabelece relações com instituições públicas, como a Fundação Cultural de Curitiba, a Bienal Internacional de Artes Visuais de Curitiba, o Instituto Paranaense de Arte; promovendo, por exemplo, monitorias sob bicicletas, intervenções artísticas e espaço expositivo. É cofundadora da Associação dos Empresários do Centro Histórico da cidade, a qual pensa alterações e interações nesses espaços centrais.

A Bicletaria Cultural acolhe e conecta inúmeras iniciativas e pessoas que chegam até ela, mesmo que as conexões sejam temporárias. Abrindo espaço para experimentações por artistas, ativistas, coletivos, especialistas de diversas áreas e pessoas em geral. Pensa relações com o ambiente, dialogando principalmente com questões da mobilidade e de ocupação urbanas.

Ao compor essa agenda cultural móvel, ela promove um ambiente formativo para as pessoas disponíveis a ele. Produz multiplicidade. Promove aberturas para uma educação como devir-plural-e-criativo¹¹. Devires-plurais-e-criativos possibilitados pela abertura à experimentação dos encontros, com as pessoas e com as proposições de (ciclo)ativismo. Encontros e proposições que são heterogêneos, inusitados, que remetem a variados campos do conhecimento, a estilos de vida, que produzem sensibilidades outras. Algo como tornar-se plural e criativo, tornar-se disponível à experiência, aprender, vivenciar, encontrar, outrar-se com práticas e referências diferentes das costumeiras. Educações outras possibilitadas pelo processo de construção da Bicletaria Cultural e por meio de suas proposições (ciclo)artistas.

4.1 Praça de bolso do ciclista¹²

Acompanhei o processo de construção da Praça de bolso do ciclista em Curitiba, que aconteceu entre os meses de maio e de setembro do ano de 2014. Tratou-se da realização de um projeto de construção de uma praça em um espaço público central para circulação e convivência de pessoas, espaço que havia sido anteriormente isolado de seus usos em uma reestruturação que seus arredores passaram. Projeto idealizado por (ciclo)artistas, tendo seu planejamento realizado aberta e coletivamente, envolvendo negociações com o poder público e cuja construção foi realizada por pessoas voluntárias com apoio da Prefeitura Municipal.

O nome “praça de bolso” foi inspirado no termo *pocket parks*, denominação dada a pequenos espaços de convivência produzidos em meio a um grande centro urbano. Espaços que geralmente envolvem áreas verdes, áreas calmas, e apresentam variações - apesar de ter em comum a dimensão reduzida - dependendo dos lugares onde são construídos, como nos Estados Unidos, Reino Unido, México e Canadá, por exemplo. Termo relacionado a práticas realizadas desde a década de 1960, na cidade de Nova Iorque.

¹¹ Larrosa aborda a formação como "um devir plural e criativo sem padrão e sem projeto, sem uma ideia prescritiva do seu itinerário e sem uma ideia normativa, autoritária e excludente de seu resultado" (LARROSA, 2002a, p. 135).

¹² O ensaio “Maquinações: bicicletas, corpos, arte, ecosofia” (BIERNASKI; KASPER, 2015) aborda o processo de construção da Praça de bolso do ciclista em Curitiba.



Imagem 4
Foto: Bruno Pósnik Roloff.

Desde o ano de 2012, a região, da qual a praça faz parte, passou por um processo de reestruturação mais ampla - correntemente chamada de processo de “revitalização” do centro histórico da cidade - promovida pela Prefeitura Municipal, pelo Sistema Fecomércio e pelo Sebrae. Envolvia, entre outras coisas, a reforma da Rua Riachuelo, a realização de obras na Praça Tiradentes e Paço da Liberdade e a reinauguração da Rua São Francisco, e pensaria também preservação de certa memória do centro histórico (SIMÕES, 2012, RIBEIRO; TRISOTTO, 2012, AULER *et al*, 2013).

A Rua São Francisco foi reinaugurada após várias reformas realizadas, como em relação à pavimentação, à pintura de fachadas de prédios, à iluminação, coincidindo com a abertura de espaços comerciais. Tratava-se talvez de um processo que priorizaria a acessibilidade para o pedestre - por se tratar de uma rua estreita que não é mais utilizada para estacionamento de veículos - e buscaria criar um ar festivo e gastronômico para o espaço.

A reestruturação promovida, talvez, tenha buscado dificultar algumas atividades não regulamentadas que acontecem nesses espaços. Historicamente essa região é utilizada para a prostituição e para o tráfico de drogas. Com a reestruturação, aparentemente, não foram promovidos diálogos sobre a questão das drogas e da prostituição, nem a respeito dos impactos de políticas públicas e de leis

proibicionistas - como, por exemplo, em relação aos efeitos da revitalização na vida das pessoas que utilizam ou dependem dessas atividades para viver, além de seus deslocamentos para outros espaços. Levantando a possibilidade de pensar que, por vezes, “[...] as revitalizações têm contribuído muito para a simplificação ou mesmo anulação da história dos territórios urbanos” (AULER *et al*, 2013, p. 27).

(Ciclo)artistas atentaram à identificação de um espaço público que foi isolado de seus usos durante a reestruturação da região e propuseram sua ocupação com a construção de uma praça. Essas ações provocadas têm até hoje desvelado o isolamento das outras questões mencionadas, com a acolhida pelo próprio espaço a públicos diversos. A praça foi construída em uma das esquinas da Rua São Francisco com a Rua Presidente Faria, em frente à Bicicletaria Cultural, ao lado de uma universidade, uma escola, de espaços gastronômicos, ateliês, bares, distribuidora de bebidas.

O projeto inicial foi proveniente de uma negociação entre Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu, Cicloiguaçu, e Instituto de Pesquisa Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), que está vinculado à Prefeitura Municipal. Ele foi aprovado no ano de 2013 e incluído no Plano Diretor Cicloviário de Curitiba. A praça seria inaugurada no ano de 2014, durante o 3º Fórum Mundial da Bicicleta, porém, o estipulado não ocorreu. Com a não realização das obras, (ciclo)artistas propuseram, à Prefeitura Municipal, a construção voluntária da praça já projetada e a proposta foi aprovada.

Após a aprovação da construção da praça, (ciclo)artistas promoveram reuniões de planejamento e de definição dos modos de execução e de divulgação. Com o projeto inicial, realizaram reuniões preparativas e abertas ao público nas quais pessoas da região e especialistas de áreas diversas levavam contribuições e realizavam alterações. O novo projeto foi apresentado e discutido entre (ciclo)artistas, Associação Cicloiguaçu, Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Secretaria Municipal de Obras Públicas, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, para sua aprovação.

Para construção foi definida a produção de mutirões e assegurado o apoio técnico, material e de maquinário pela Prefeitura Municipal. A Associação Cicloiguaçu com sua atuação desliza entre molecularidade e molaridade ao promover negociações com o poder público, ora assegurando, ora adaptando os

interesses que envolvem. Linhas de fuga dos modos de relação conformes vão sendo traçadas no processo de construção da praça, ao ser instaurado um modo de produção por meio dos mutirões, ao serem promovidas a iniciativa e atuação das pessoas na intervenção no ambiente, com a produção de uma infinidade de proposições culturais.

Durante os finais de semana, por aproximadamente cinco meses, pessoas voluntárias se reuniram e ocuparam o espaço público, anteriormente isolado de seus usos, através da partilha dos mutirões de construção. A Praça de bolso do ciclista foi inaugurada no dia 22 do mês de setembro do ano de 2014, no Dia Mundial Sem Carros, no Mês da Bicicleta no calendário oficial do Paraná¹³.

São colocadas em destaque algumas ações, entendidas nesta pesquisa como proposições formativas, que acontecem nesse espaço: o próprio processo de construção coletiva da Praça de bolso do ciclista, envolvendo mutirões e oficinas diversas, e a utilização do espaço posteriormente à construção, com as feiras de produtos orgânicos, por exemplo.

O mutirão era um movimento que contagiava as pessoas e dizia respeito ao trabalho de construção que desdobrou a realização de oficinas experimentais. Mutirão foi o trabalho de construção organizado por práticas e realizado coletivamente, tratava-se de atividades e oficinas de construção, artísticas, culturais. Havia algumas definições, como por exemplo, um cronograma de práticas a serem realizadas e assegurando uma presença mínima de pessoas para as ações. Contava-se com ação voluntária para realização de cada uma delas. Eram diferentes ações acontecendo ao mesmo tempo.

Algumas pessoas trabalhavam com obras, algumas com projeto. Então, em todas as reuniões aparecia um especialista em uma atividade. E na hora da ação, todos eles se tornavam aprendizes de algo (BIERNASKI, 2014). Foram produzidas também coletivamente invenções de modos de divulgação, como produção de cartazes, de murais, com grafite, stencil, divulgação via internet, em sites e páginas de sites de relacionamento. Sempre havia um grupo que estava presente na maior parte do planejamento e construção.

¹³ Aprovado pela Lei Estadual 17.385/2012, onde a bicicleta toma um espaço no Calendário Oficial de Eventos do Estado do Paraná, A aprovação dessa lei foi amplamente fomentada pelo desenvolvimento do festival “ArteBiciMob, Arte Bicicleta e Mobilidade”, durante os meses de setembro desde o ano de 2007 e de suas diversas proposições que envolvem essas questões.

De frente para a praça, em uma das entradas pela Rua Presidente Faria, foi produzida uma rampa de acesso com a oficina de *petit pavet*, “no chão ela faz um desenho que lembra o rastro de uma roda de bicicleta e dá acesso aos paraciclos, aos bancos, ao mural e à Rua São Francisco” (BIERNASKI, 2014, p. 51-52). À esquerda, foi produzido um jardim vertical, inspirado no tema do Fórum Mundial da Bicicleta que aconteceu no ano da construção, que era “Cidade em equilíbrio”, pensando nos beija-flores e em trazê-los de volta ao centro da urbe. Logo acima do jardim está a tela de cinema público. À direita da praça há uma ruína histórica de aproximadamente cem anos; um pedaço de muro entre as áreas de acesso.

Em uma palestra, durante o festival ArteBiciMob que ocorreu neste ano, um dos arquitetos-voluntários contou sobre os três períodos de tempo registrados nesse muro preservado. [...] um primeiro momento poderia ser percebido pela composição da construção feita de alvenaria de pedra e gordura; um segundo momento, da alvenaria de tijolos; e um terceiro momento, o da construção da praça, com o arrimo, a modificação de sustentação do lado de dentro dele (BIERNASKI, 2014, p. 52).

Ao fundo da praça foi criado um mural para exposições e produções de grafites. Uma parte desse muro foi destinada a fixação de informativos. “Foi também feito um palco para receber convidados, festas e para as crianças ocuparem” (BIERNASKI, 2014, p. 51). Atrás da praça, no concreto da medianeira de um prédio ali localizado, há um painel, criado pela artista Mona Caron, que foi umas das primeiras materializações à tinta no espaço. Poesia grafitada durante o fórum da bicicleta que antecedeu a construção da praça. “Mona Caron é uma das participantes da *San Francisco Critical Mass* da Califórnia/EUA onde vive. Aqui a pintura é de uma viva flor e uma bicicleta de asas. Arte e participação fazendo aproximações entre movimentos cicloartistas” (BIERNASKI, 2014, p. 46). Também há um terreno privado que foi cedido para as pessoas construtoras armazenarem os materiais das obras e, posteriormente, nele uma horta comunitária foi produzida.

Aos emaranhados que envolviam a atuação com o poder público e as atuações coletivas voluntárias, também se aliavam: o contágio de práticas e enunciados provenientes de outros países; a presença e a atuação de pessoas de outros países que são participantes de movimentos (ciclo)artistas; a abertura a participação das pessoas nas reuniões de planejamento, na tomada de decisões e na execução das obras; experimentações de corpos coletivos.

Os mutirões e as oficinas propostas operavam como dispositivos de formações em devir, de produção de corpos coletivos outros. Formações em devir como aquelas que podem acontecer o tempo todo no encontro com o outro. Solicitando e possibilitando aprendizagens pela disponibilidade, pela exposição, no contato com as pessoas e com o ambiente.



Imagem 5
Foto: Rafael Buratto.

Entre as oficinas estavam: a oficina de construção civil, arrimo, armação, pavimentação, *petit pavet*, restauração, reboco. De bioconstrução, com a técnica de *superadobe* na realização do banco principal e circular da praça. Oficinas para as crianças, especialmente, as de “Mini Jardins para Crianças”, além de jogos e brincadeiras disponíveis e a exploração do espaço - durante alguns finais de semana, foi proposta a “Caminhada: Pequenos Pedestres Grandes Motoristas”, levando as crianças a conhecer a Rua São Francisco, sua sinalização, direitos e deveres dos pedestres no trânsito e nas ruas, entre outras coisas. Aconteciam

também oficinas de Horta Capilar, de Arte Urbana e as Oficinas de Mosaico que eram orientadas pelas pessoas de um grupo que trabalhava no Centro de Criatividade de Curitiba. E, ainda, a oficina de Panificação com o francês Bernard Lamarque, formado em tecnologia da padaria francesa que estava viajando pela América do Sul de bicicleta e passou por Curitiba. Entre outras (BIERNASKI, 2014, p. 49).

Eram realizadas algumas festas, propostas também pelos centros comerciais que ali começavam a ser inaugurados, como uma Festa Junina da qual a Bicletaria Cultural participou, o “Karaokê de Bolso no Palco” que convidava as pessoas a cantarem. Apresentações e shows musicais, como os *Pocket Show* de bandas. Dessas festividades desdobrou-se o evento chamado “Sarau da Massa Corrida”, que reunia em um mesmo dia atividades buscando a promoção de arte independente, como aquelas relacionadas à música, à dança, à performance, os recitais de poesia, os varais de exposições, por exemplo.

O cinema público instalado também foi utilizado, com a realização de exposições de alguns filmes. Entre essas exposições, “a mostra ‘Cicle Chic’ do coletivo ‘Saia de Bici’ e a projeção e pré-estreia do filme local ‘Gastronomia Urbana’ (2014), dirigido por Ricardo E. Machado” (BIERNASKI, 2014, p. 50). O cinema na praça naquele momento contava com a parceria do coletivo “*FilmSystem*”, criado em 2013, em São Paulo. Essa proposição possibilita:

[...] repensar as formas de exibição cinematográficas e com esse intuito de aproximar as pessoas do cinema, ou o cinema das pessoas, com projeções em espaços públicos. [...] Esse coletivo esteve presente na *Ocupa Ouvidor*, uma ocupação artística da Rua Ouvidor 63 e na *Passagem Literária da Consolação*, em São Paulo, bem como na mostra experimental *Multiolhares do Olhar de Cinema - Curitiba Int'l Film Festival* (BIERNASKI, 2014, p. 50).

Com esses dispositivos de formações em devir, os mutirões e oficinas, as pessoas, especialistas e não especialistas, se tornavam aprendizes. Do fino traçado no papel, ao concreto do muro em construção; da comunicação virtual, às conexões de informações, organização e pessoas na praça pública; das aulas lecionadas, à geografia das pedras assentadas e niveladas; do design programado, à experiência do grafitar; da burocracia jurídica, ao ativismo. Pessoas de diversas partes da cidade e da região participaram da construção da praça e produziram possibilidades de aprender juntas e com as atividades desenvolvidas (BIERNASKI, 2014). “Cada um à sua maneira, segundo sua abertura” (BIERNASKI; KASPER, 2015, p. 4).

Momentos nos quais as pessoas experimentavam também a construção de um corpo coletivo. Uma orquestração de experimentações culminando para a produção de territórios e de corpos. Corpos coletivos em produção, desde a participação em reuniões preparativas, nas oficinas propostas, na manutenção do espaço, até com a proposição das atividades e espaços.

A construção coletiva da Praça de bolso do ciclista se torna formativa ao operar a constituição de corpos coletivos, relacionando as pessoas e as implicando no ambiente; ao produzir e agenciar temporariamente corpos heterogêneos, interventores. A maior parte das presenças implicava em proposição, ação; eram pessoas que levavam seus trabalhos, pesquisas e interesses sobre o ambiente urbano e o social e compunham com outras participantes, passantes, curiosas, abertas ao contato.

Chegar e fazer parte também pedia uma atitude, uma disponibilidade. Era aprendizagem pela disposição, pela abertura, pelo contato, em uma construção de relações com universos referenciais por vezes bem diferentes dos habituais. Aprendendo modos mais autônomos de ações e de relações. Pedagogia da implicação. Pedagogia do contágio. Pedagogia rizomática da participação. Criando nesse espaço, vários dispositivos formativos que rizomaticamente se relacionavam por pensar a afirmação da vida e a fuga aos modos conformes de agir, sentir, pensar.

Continuei acompanhando as vivências possibilitadas pela Praça de bolso depois da sua construção ser finalizada. A utilização do espaço posterior ao processo de construção se dá de diferentes modos, em diferentes tempos e frequências. E envolve proposições que não necessariamente foram idealizadas e operadas por (ciclo)ativistas, embora várias delas estejam relacionadas a essas pessoas. Foram acompanhadas algumas delas: as “Feiras de produtos orgânicos” que podem ensinar a propósito de modos de produção e de consumo de alimentos, a proposição “*Street Store*”, a presença do projeto “Ruas de lazer” e as ocupações da rua e dos centros comerciais pelas pessoas durante as noites de finais de semana, que provocam a pensar a relação das pessoas entre si e com o ambiente urbano.

A Feira de produtos orgânicos na Praça de bolso do ciclista acontecia todas as quintas feiras, no período da manhã, e com ela havia a possibilidade de aprender sobre produção de alimentos, suas implicações no ambiente, e sobre estilos de vida relacionados à alimentação:

Os alimentos orgânicos são definidos como aqueles alimentos *in natura* ou processados que são oriundos de um sistema orgânico de produção [...] A produção de alimentos orgânicos é baseada em técnicas que dispensam o uso de insumos como pesticidas sintéticos, fertilizantes químicos, medicamentos veterinários, organismos geneticamente modificados, conservantes, aditivos e irradiação. A ênfase da produção está direcionada ao uso de práticas de gestão e manejo do solo que levam em conta as condições regionais e a necessidade de adaptar localmente os sistemas de produção (SOUSA, 2012, 513).

Produção de modos de alimentação e de pensamento que priorizam, entre outras coisas, a ingestão de menos substâncias tóxicas comparada com aquela da ingestão de alimentos não orgânicos; a promoção de processo de desintoxicação gradual dos alimentos, do solo e das águas; o fomento ao pequeno agricultor, à biodiversidade e ao desenvolvimento local (SOUSA, 2012, 516). Se “na abóbada sem ar da nossa civilização, em que praticamente toda experiência é mediada [...] perdemos o contato com a comida como nutrição” (BEY, p. 40), talvez essas práticas possam nos ensinar um pouco da possibilidade de ir na contramão de um pensamento para o mercado, atentando para a produção e o consumo de alimentos como nutrição de laços com o ambiente e com as pessoas¹⁴.

A “*Street Store*” trata-se da organização do espaço da praça como uma loja aberta, que tinha por objetivo realizar doações de roupas a pessoas moradoras de rua ou pessoas em “situação de vulnerabilidade”. Foi uma iniciativa de pessoas voluntárias, que aconteceu no dia 18 de julho de 2015. Observei essa proposição durante algum tempo e pude dialogar sobre ela com um amigo psicólogo que também havia passado por ali diversas vezes naquele dia, a quem agradeço a coprodução de pensamento, Rafael Saliver.

Juntos, pensamos que naquela exposição toda, todas as pessoas pareciam, de algum modo, um pouco mais conectadas ou ao menos compartilhando coisas - objetos, histórias ou o fato de estarem lá procurando ou doando algo. Talvez dali tenham se desdobrado diálogos, saída do discurso de quem sabe o que o outro

¹⁴ A proposição da “Horta Labirinto”, pelo projeto “Salvemos o Bosque da Casa Gomm”, possibilita pensar a propósito dessas questões relacionadas a modos outros de produção e de consumo de alimentos, como em relação à agroecologia, à agricultura urbana, à jardinagem libertária, e serão mencionados a seguir.

precisa, ideias de como fazer diferente, como ajudar de outros modos ou repensar quais são as necessidades, desafios, dessas pessoas, ao entrar em contato com elas, ao ouvi-las. Talvez essa proposição tenha sido inspirada em projetos assistencialistas criados por uma agência britânica de publicidade. E a praça pode ter sido escolhida por ser uma marca de construção coletiva, comunitária, do espaço que cria uma certa aura particular de socialização e troca ali.

A “Rua de lazer” envolve a construção temporária de um espaço de convivência e formação, especialmente pensado para crianças. É claro que elas, as crianças, sempre estiveram presentes desde o início do processo de construção da praça, interagindo com as pessoas, com o ambiente, com as proposições de (ciclo)ativismo. Elas não eram infantilizadas durante os mutirões de construção e as oficinas, estavam presentes nas atividades realizadas e com os adultos, seja observando, participando ou inventando modos outros de estar.

No espaço construído pelas Ruas de lazer são propostas brincadeiras e atividades monitoradas, esportivas, artísticas. Na Rua São Francisco foi autorizada a produção desse projeto, após negociações entre Associação Cicloiguaçu e poder público, com relação ao pedido de fechamento da rua aos finais de semana para convivência das pessoas. Foram autorizadas pela Prefeitura Municipal, apoiada pela Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude que promoveria formação para autogestão do espaço e disponibilização de materiais. As Ruas de Lazer acontecem desde o ano de 2015, inclusive em bairros mais distantes do centro da cidade. Possibilitando o contato entre crianças, pessoas de diversas idades, proposições formativas e espaço público.

Na Praça de bolso do ciclista também acontecem vários encontros. Ela foi por diversas vezes ponto de partida para “Bicicletadas Curitiba” e para grupos de ciclistas que se reúnem com frequência para pedalar pela cidade, produzindo corpos e trajetos. Acolhe festividades, como aquelas promovidas pelos centros comerciais da rua, aquela do encontro com refugiados e migrantes haitianos, no mês de novembro do ano de 2014, organizado por um grupo de discentes e docentes do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná e que desenvolvia um projeto com eles. Esse encontro promovia acolhimento e afirmação da cultura haitiana. Havia uma programação contava com: apresentação da banda “Recif”, composta por haitianos; exposição de fotografias do Haiti; gastronomia típica; e conversa

aberta com a presidente da Associação dos Haitianos em Curitiba, e mais. Com as proposições realizadas na Praça, depois de finalizados os mutirões, continuam sendo possibilitadas aprendizagens às pessoas, às passantes, àquelas disponíveis ao contato, aprendizagens do urbano, de caminhos pela cidade, de culturas, de ritmos de som e de corpos, de acolhimento.



Imagem 6
Foto: Ivo Reck Neto.

Em um primeiro traçado a respeito da produção e da utilização do ambiente da praça, são pensados alguns mecanismos que nela foram produzidos. Nela e na Rua São Francisco foi instalado um totem de videomonitoramento da Guarda Municipal e são realizadas, com certa frequência, em especial nas noites de finais de semana, rondas de fiscalização e “batidas” antidrogas determinadas, pela Polícia Militar. Mecanismos que se opõem à presença de algumas pessoas e de algumas práticas, operando uma vigilância por meio do controle e da docilização dos corpos.

Aparentemente, estigmatizando, submetendo as relações “a um discurso dominante que visa isolar aquilo que foge às constituições dadas, criando “para o tecido social uma trama simplista em que a violência (e consumo de drogas e a prostituição) seria(m) abordada(s) segundo uma divisão qualificada, de maneira recorrente, por duas figuras fechadas em si mesmas: ser ‘do bem’ ou ‘ser do mal’” (OIPARI; TIMBERT, 2014, p. 239).

Seriam interessantes diálogos e aprendizagens sobre as implicações do consumo de drogas e sobre a prostituição, e sobre os impactos de políticas públicas e das leis proibicionistas. Inquieta-me pensar naquilo que implica para a vida das pessoas, essas alterações de vigilância realizadas; naquilo que se desdobra da não realização de ações que possibilitariam pensar as práticas vigiadas.

Pensar se a cidade é feita para todas pessoas, se é pensada para todas as pessoas, se é produzida pelas pessoas é um modo de atentar para a questão do urbanismo enquanto tática de produção dos corpos. Tática urbana que poderia ser de ativação de potências dos corpos, de acolhimento, de visibilidade, e por vezes é, como podemos vivenciar em relação às proposições de (ciclo)ativismo e outras mencionadas.

Em um segundo traçado, a praça é vista como um símbolo para a mobilidade urbana por bicicleta, para o movimento (ciclo)ativista. Fortalecendo um corpo de intervenção na cidade, aproximando (ciclo)ativistas de diferentes lugares. Ela se torna uma marca da produção de um estilo de vida, que se abre à composição com outros estilos e éticas.

Estilo composto da operação do pensamento “cidade para pessoas” e “faça você mesmo”, da priorização dos modos alternativos de transporte e da bicicleta como modal, da produção de modos outros de alimentação e de educação para crianças, e mais. E pelo diálogo com referenciais como aqueles do anarquismo, do situacionismo, do altermundialismo, da arte relacional, entre outros, presentes nas suas proposições.

Vivenciam modos outros de educação, especialmente pensados para as crianças. Aqueles que são produzidos com a participação dos responsáveis pelas crianças, que pensam a preparação dos ambientes de acordo com as necessidades delas, que propõem aprendizagens autônomas e convívio de crianças de diferentes

idades. Alguns (ciclo)artistas fazem parte da produção da “Casinha Amarela” na cidade de Campo Largo, estabelecendo alianças com as proponentes, participando com suas filhas e seus filhos e produzindo essas práticas e ambientes. Nesse espaço desenvolvem uma “Pedagogia Viva”, inspirada em autores como Emmi Pikler, Humberto Maturana, Maria Montessori, Rudolf Steiner.

Um modo de alimentação vegetariana e/ou vegana, por vezes, também compõe o estilo (ciclo)artista, podendo envolver produção, comercialização e/ou consumo de produtos que não são de origem animal. Dá-se, inspirado nas críticas aos sistemas de agronegócio e seus impactos ambientais - como em relação à gestão dos recursos hídricos, ao aquecimento global e aos desmatamentos, por exemplo - e/ou naquelas que têm relação com a exploração animal.

(Ciclo)artistas pensam no planejamento e na produção das cidades levando em conta a escala humana, as vivências das pessoas e os seus deslocamentos, propondo espaços para as pessoas, pedestres, ciclistas, cadeirantes, pessoas cegas, crianças, outras. Bem como, na implicação das próprias pessoas na criação da cidade, na produção de iniciativas e de grupos de atuação; na potência da relação entre as artes e a vida, com o ativismo. A atenção está no urbanismo, na arquitetura, na ocupação dos espaços, que pensa nas implicações, nos efeitos sociais e ambientais, não somente nos interesses econômicos e individuais - como aqueles que priorizam estabelecimentos comerciais e deslocamentos por meio de automóvel particular, por exemplo.

A praça se torna uma marca da presença desse estilo de vida, criado na relação entre as pessoas e com a cidade. Estilo que não se pretende modelo a ser reproduzido, por conta das intensidades e invenções produzidas. Um modo outro de viver na cidade, ciclista, (ciclo)artista.

Em um terceiro traçado a respeito da utilização do ambiente construído na praça, pela presença heterogênea de pessoas e de proposições, o espaço possibilita aproximá-las de suas variações, estilos de vida, propondo encontros. Encontros que se dão com (ciclo)artistas, passantes, pessoas produtoras de alimentos orgânicos, pessoas que moram nas ruas e na região, crianças, refugiadas e migrantes, etc. Em relação àquelas que moram nas ruas, abrindo para aprendizagens sobre modos de habitar o ambiente urbano. No encontro com as crianças, contagiar-se com a intensidade de suas presenças, com as brincadeiras

que fogem aos ordenamentos, com o experimentar sem prever. Junto as diferentes culturas que ali coabitam, acolher e tornar-se estrangeiro.

E por conta também do modo de organização - coletivo, experimental, rizomático - que (ciclo)artistas produzem, que possibilitam e ensinam uma participação. Uma atuação por parte das pessoas que, em composição com outras, promovem reinvenções de si, no *socius* e no ambiente, por meio da ação direta, das negociações com o poder público, etc.

Educações outras possibilitadas pelo processo de construção da Praça de bolso do ciclista, envolvem, principalmente, a produção de corpos coletivos temporários e uma pedagogia rizomática da participação por meio da produção de oficinas e mutirões. Ensinando, entre outras coisas, modos outros de viver, como produzindo coletividades temporárias, encontros com diferentes culturas, modos outros de ocupar os espaços; modos de se relacionar por meio da participação, da proposição e em rizoma com os movimentos de (ciclo)ativismo de tempos e espaços outros; ensinando também modos de produzir urbanismo outros, por meio do contato com o poder público e da construção coletiva, por exemplo.

4.3 Salvemos o Bosque da Casa Gomm

Acompanhei algumas proposições que envolvem a construção do Parque Gomm com o projeto “Salvemos o Bosque da Casa Gomm”, principalmente, durante os anos de 2015 e de 2016. O projeto foi iniciado no mês de julho do ano de 2013, proposto por (ciclo)artistas e pessoas voluntárias para a ocupação do espaço que levava o nome Bosque Maria Luísa Gomm. Oficializado Parque Gomm, fica localizado “no bairro do Batel, nas testadas da Rua Hermes Fontes, no trecho entre as ruas Francisco Rocha e Desembargador Costa Carvalho e na testada das ruas Carmelo Rangel e Bruno Filgueira” (CURITIBA, 2016c). Durante os encontros de sua produção são realizadas diversas alterações, interações e práticas no ambiente. Algumas ações entendidas, nesta pesquisa, como proposições formativas que acontecem nesse espaço e que possibilitam aberturas ao traçado de linhas de fuga são: práticas de meditação, de *yoga*, e de *Tai Chi*, produção de oficinas de mosaicos, construção da Horta Labirinto.



Imagem 7

Fonte: <www.facebook.com/SalvemosOBosqueDaCasaGomm>.

No parque somos convidados a vivenciar e a participar com um grupo de pessoas, já iniciadas ou não, de algumas proposições que possibilitam produzir diferentemente os corpos, como o *Tai Chi* e a meditação. O *Tai Chi* é uma arte marcial de proveniência chinesa, que apresenta variações de estilo. Para as propositoras o *Tai Chi* é símbolo do cosmos e da integração dos princípios energéticos *yin* e *yang*, possibilitando pensar a constituição do corpo em relação às energias que nele circulam e são produzidas.

Diversos estudos nas áreas da saúde, como na Medicina e na Psicologia, apontam contribuições dessa prática como alternativa a medicalizações e para saúde do corpo, como, por exemplo: “aprender a direcionar a atenção para os movimentos e para a respiração permite treinar a mente para mudar de um estado ansioso e estressante para um modo de relaxamento e tranquilidade” (KLOTZ, 2010, p. 123).

Essa arte marcial consiste na produção de posturas ou movimentos específicos, que realizamos como uma espécie da dança sem música, com ritmos, lentidões, concentração de atenção, próprias. Interessa-nos, para além das questões biológicas do corpo, pensar essas vivências possibilitadas por esse espaço

como uma prática que visa desenvolver a presença (POZZANA, 2014). Corpos atentos ao momento presente.

São realizadas também práticas de meditação. Tanto as vivências com o *Tai Chi*, quanto aquelas com a meditação, configuram momentos de partilha do espaço. Seguindo algumas orientações, as práticas possibilitam uma disposição das pessoas em círculo, solicitam que estejamos sentados com uma posição ereta, que mantenhamos o silêncio, acalmemos a respiração. Também, que focalizemos um objeto simples na mente, e concentremos a atenção nele, interrompendo os desvios automatizados. Somos convidados a meditar, talvez para “que la mente esté presente consigo misma el tiempo suficiente para llegar a conocer su propia naturaleza y funcionamiento” (VARELA, 1996, p. 43), para que se dê uma percepção de que o corpo e a mente não estão separados, possibilitando também operar interrupções de automatismos de pensamento. Fugas a condicionamentos externos.

Outra proposição presente no movimento (ciclo)artista, é de *yoga*. Pode acompanhar vivências como essa nos diferentes espaços acompanhados neste estudo. Com a *yoga* se cria um ambiente coletivo no qual cada pessoa vivencia, a partir de determinado estilo proposto, os movimentos, as posturas, as técnicas, um modo de respirar. Com o livro “O grande meio-dia” do (ciclo)artista, professor de *yoga*, Jorge Brand (Goura Nataraj)¹⁵, é possível pensar em *yoga* como um termo que remete a uma tradição de conhecimentos e vivências corporais de proveniência indiana, associada ao pensamento budista e hinduísta. Não se trata de uma simples prática, envolve uma disposição mental, “chamamos de *sadhana* esta disciplina de auto-investigação e de superação dos condicionamentos” (NATARAJ, 2013, p. 95), um trabalho interno realizado a todo o momento. “[...] *yoga* é uma ação. Envolve uma atitude ativa do sujeito. De fato, este é convidado e instigado a deixar de ser um ‘paciente’ (pathos/paixão), alguém que simplesmente sofre e recebe as coisas do mundo e se tornar um agente de sua própria vida” (NATARAJ, 2013, p. 44).

¹⁵ Jorge Brand (Goura Nataraj) é também mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Fez parte da construção da Praça de bolso do ciclista e de várias proposições (ciclo)artistas na cidade, desde sua participação no coletivo “Interlux Arte Livre”. É cofundador da Associação Cicloiguaçu - atualmente, um dos representantes do seu Núcleo de Educação, também ocupou o cargo de coordenador geral. Foi coorganizador do III Fórum Mundial da Bicicleta realizado em Curitiba no ano de 2014.

Meditação, *yoga* e *Tai Chi* são conhecimentos provenientes de perspectivas que pensam os corpos diferentemente, possibilitam educações outras. Eles são entendidos como dispositivos de produção de corpos em equilíbrio, de corpos atentos, de corpos vivos, ativos, criadores. Dispositivo de produção de cuidado de si, de fugas a condicionamentos externos, que operam interrupções de automatismos de pensamento e de ação, que buscam certa autonomia de produção de sentidos. Encontrar e participar dessas proposições envolve instaurar modos outros de agir, de pensar, de se relacionar consigo mesmo e com o outro. Traçados de linhas de fuga.



Imagem 8

Fonte: <www.facebook.com/SalvemosOBosqueDaCasaGomm>.

As Oficinas de Mosaicos aconteciam geralmente em encontros semanais de (ciclo)artistas e pessoas interessadas nelas e na produção do parque. Com essa técnica, eram produzidos mosaicos de espelhos, de pastilhas de vidro, de azulejos e de diversos materiais. As produções foram utilizadas como revestimento para bancos instalados pelas pessoas no Parque Gomm, na Praça de bolso do ciclista e no Arquipélago de Camões. As oficinas de mosaicos são pensadas, nesta pesquisa,

como estratégia de produção de relações, de coletividades e de ocupação de espaços, por conta dos ambientes que ela produz.

Ela se apresentou como uma participante da oficina de mosaicos e ofereceu a mim um alicate, não me recordo se isso aconteceu durante a construção da Praça de bolso do ciclista ou como intervenção no Parque Gomm. Conversando comigo, ela sugeriu a utilização de alguns materiais e propôs que eu experimentasse criar mosaicos com elas. Era um pouco difícil alinhar a forma do azulejo, dependendo da inclinação do alicate o corte acontecia de um jeito diferente, com alicates diferentes também. Cortes bruscos, pesados, leves, aparagens. A mão também doía, se cortava. Além dos azulejos, havia as pastilhas, as redes de fixação das peças. Sem contar com o próprio processo de revestir que viria bem depois, revestir os bancos, o muro. As cores. Ela era uma advogada que aos finais de semana pensou em ajudar na oficina, contava que acreditava que essas ações poderiam ajudar a melhorar o mundo e a aproximar as pessoas, e que isso a levava a contribuir. Somente depois eu descobri que havia entrado em contato com uma artista que desenvolvia um trabalho bastante interessante e minucioso com mosaicos. Partilhas de um plano comum.

Vários encontros e oficinas acontecem nesses projetos investigados, eles são utilizados, entre outras coisas, para a manutenção da presença das pessoas, para criação de grupos de afinidade com aproximação e contágio com participantes, para produção material do ambiente, como em relação aos bancos revestidos de mosaicos, às minibibliotecas, e mais. Os encontros, as oficinas e a construção material do ambiente são aqui pensados como táticas de ocupação do espaço, como dispositivos de produção de coletividades, e sua promoção como uma prática formativa outra.



Imagem 9

Fonte: <www.facebook.com/SalvemosOBosqueDaCasaGomm>.

O processo de construção da Horta Labirinto, que acontece no parque, faz parte do projeto “Jardinagem: territorialidade, temporalidade, ato político” idealizado pela artista Faetusa Tezelli, composto também por (ciclo)artistas provenientes de vários estados do Brasil, e contemplado com o Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais de 2014.

Durante a escolha das sementes ou da identificação de plantas alimentícias não convencionais, Faetusa partilhava a respeito da jardinagem realizada com a produção da Horta Labirinto, bem como, do projeto mais amplo e das intervenções que realizavam em outros lugares. Ela contava sobre o modo como a jardinagem podia revelar várias coisas sobre os locais nos quais ela era proposta e também sobre as pessoas. Agenciando “lugares de convivência intensificados capazes de catalisar processos (de produção) de subjetividade no cotidiano” (KINCELER; ALTHAUSEN; DAMÉ, p. 3).

Dialogávamos sobre a produção da Horta Labirinto como prática artística relacional, na qual, entre outras coisas, (ciclo)artistas entravam em contato com um público que não conheciam, propondo uma participação na execução da obra, uma implicação ética na experiência sensível. Um convite a experimentar.

Enquanto preparávamos o solo e os insumos, ele comentava sobre sua permanência e participação durante todo o processo de construção da horta. Que queria aprender as técnicas para levá-las à sua região e construir com os vizinhos uma horta comunitária. Era movido também pelo interesse na prática dos mutirões que começava a acompanhar pela cidade, como o da construção da Praça de bolso do ciclista. No acompanhamento realizado no parque, ele também possibilitava para mim uma entrada em campo e se tornava um aliado mesmo que não nos déssemos conta disso. Durante o processo, se tornou também um proponente da obra. Além da realização das práticas, dividia a respeito das ações desenvolvidas na jardinagem e no parque como um todo; convidando à participação. Foi tomado, ainda, por algumas experiências que se desdobraram do contato com artistas e outras pessoas, como a participação em festivais culturais propostos pelo movimento do parque e para além dele, aqueles da Fundação Cultural, o “Litercultura”, entre outros. Pensando nas vivências com esse aliado, a abertura por meio do dispositivo Horta Labirinto, da jardinagem, da prática artística, abertura à produção de estéticas políticas, abertura para devires.

Com Faetusa conversávamos também sobre os efeitos das proposições de jardinagem e que fogem de inúmeros modos, sobre o processo como modo de relação em diferentes contextos. Efeitos que vão desde o habitar um lugar que era um não-lugar, com a produção de territórios comuns e de dinâmicas coletivamente pensadas e realizadas; micropolíticas de relação. Passando por disputas pela propriedade daquilo que foi produzido coletivamente, “de um lugar onde as pessoas jogavam fraudas sujas, para um lugar no qual as pessoas jogam ambições”. Até a possibilidade da apropriação da apropriação, do aprendizado de proposição, do contágio de ação, desdobrando aberturas a experimentar construções outras, relações outras, territórios outros. “O resultado final deixa de ser uma obra do tipo objetual para produzir acontecimentos que alteram relações” (KINCELER; ALTHAUSEN; DAMÉ, p. 5).

Em meio à partilha de alimentos ao meio dia ou no final das tardes, percebia que nesses encontros com a artista, estávamos produzindo também um desejo de relação. Desejo de conectar os territórios, as proposições, para que as pessoas se encontrassem e se implicassem nesses espaços, não se fixando, talvez, que produzissem uma rede. Um dos objetivos desta pesquisa, de operar rizomaticamente, é proveniente também desses encontros.

Dessa forma, a construção da Horta Labirinto pode ser pensada como formativa, como prática artística, arte relacional; ao convidar o público à participação e ao agenciar lugares de convivência, ocupando um espaço público. Relacionando arte e vida com produções de territórios e ações coletivas, provocando implicações com o contexto social e ambiental, com esses encontros de (ciclo)artistas, pessoas que habitam o bairro e aquelas provenientes de regiões mais distantes do centro.

Essa proposição de (ciclo)ativismo também pode ser pensada com a noção de “jardinagem libertária”, por se tratar de, entre outras coisas: uma intervenção no ambiente que leva em conta seus processos naturais; uma proposição que possibilita a experimentação de uma agricultura urbana outra e do pensamento a esse propósito; de uma intervenção que desvela a questão dos rios urbanos. “O conceito de jardinagem libertária, utilizado recentemente para indicar ações de retomada do espaço público, também é rico em significações” (NATARAJ, p. 151). São práticas de jardinagem em áreas urbanas estratégicas que buscam, entre outras coisas, “chamar a atenção para um conjunto de questões sociais ou ambientais” (LYDON, 2012, p. 16), como os sistemas alimentares, a gestão urbana de águas pluviais, a potência da ação local, colaborativa e de diferentes durações.

A propósito da tática de ação que é a jardinagem, desde o ano de 2007, acontece em Curitiba a prática da “Jardinagem Libertária”, que se dá com o coletivo (ciclo)artista “Interlux Arte Livre”. Proposição que apresenta aproximações com a *guerilla gardening*, termo criado, em 1973, por Liz Christy e pelo coletivo “Green Guerilla”.

(Ciclo)artistas estabeleceram parcerias com especialistas, pequenos produtores e outros coletivos, para utilização de técnicas agroecológicas na produção da horta, possibilitando além das vivências da produção, também o contato com essas pessoas. A construção da Horta Labirinto foi baseada, entre outras coisas, em processos naturais e em interações biológicas, tendo as sementes

sido escolhidas estrategicamente, foi operada a produção de insumos agrícolas e foram utilizados defensivos alternativos. Envolveu um modo de preparar a terra que pensava a recuperação e manutenção do equilíbrio biológico do solo, o melhoramento da qualidade do ambiente do parque.

Construção baseada em processos naturais, quando realizava reciclagem de energia e de nutrientes, como, por exemplo, utilizando as podas da vegetação presente para produção de insumos - poda que se trata de uma técnica do agroflorestamento. Bem como, baseada em interações biológicas, com a realização de uma composição dos elementos a serem cultivados, dos insumos e dos defensivos.

A escolha dos elementos cultivados no parque foi estratégica. Foi realizado o plantio de sementes crioulas em parceria com o coletivo “Multiplica!”. O coletivo diz respeito a um projeto itinerante que envolve, além de trocas e multiplicação de sementes crioulas, a realização de estudos e a divulgação a respeito de conhecimentos sobre permacultura, por exemplo. Possibilita aproximações com centros de permacultura, com ecovilas e com comunidades rurais alternativas.

As sementes crioulas são aquelas que foram isentas de processos industriais ou de agrotóxicos ou ainda dizem respeito a espécies que estão quase em extinção. Dessa maneira, (ciclo)artistas pensavam além da produção de produtos orgânicos, a recuperação e manutenção de espécies. E ainda, a criação de um banco de mudas de sementes para distribuição.

Produziam com menor dependência possível de insumos externos ao local de produção, buscando “evitar, ou excluir amplamente, o uso de fertilizantes sintéticos, pesticidas, reguladores de crescimento e aditivos” (AQUINO; ASSIS, 2007, p. 139). Operavam a produção dos insumos agrícolas que eram utilizados no processo. Produção que pode ser realizada por meio da compostagem de resíduos orgânicos, por exemplo, que se trata de um processo de decomposição e reciclagem de matéria. A produção de insumos agrícolas também acontecia como oficinas, de compostagem de resíduos orgânicos, no parque.

Atentava-se também à utilização de defensivos alternativos menos poluentes, que podem incluir “agentes de biocontrole, diversos fertilizantes líquidos, as caldas sulfocálcica, viçosa e bordalesa, feromônios, extratos de plantas, entre

outros” (AQUINO; ASSIS, 2007, p 141). Na produção da horta, um desses componentes foi produzido pelo coletivo “Multiplica!”, que também possibilitava informações sobre seu processo de produção.

Essas são ações inspiradas em técnicas da agroecologia que “se perfila hoy como la ciencia fundamental para orientar la conversión de sistemas convencionales de producción (monocultivos dependientes de insumos agroquímicos) a sistemas mas diversificados y autosuficientes” (ALTIERI; NICHOLLS, 2007, p. 3). Também foram realizadas no parque, oficinas sobre plantas alimentícias não convencionais, PANCs¹⁶.

Participar desses processos possibilitava a abertura para questões relativas à produção de agricultura urbana com base na agroecologia e a possíveis efeitos dela. Aproximando-nos de modos outros de produção de alimentos no ambiente urbano.

A agricultura urbana trata-se de uma produção agrícola não industrial que pode ser realizada em pequena escala, coletivamente, comunitariamente. Agricultura que levaria em conta esses elementos anteriormente explorados e outros ainda não explorados no texto como “a garantia do fornecimento de insumos orgânicos, a adequação de novos substratos à produção de mudas, o resgate e a preservação de cultivares adaptados às condições locais, a adequação das épocas de plantio, o uso de defensivos alternativos que não sejam poluentes, bem como a geração e adaptação de sistemas de produção ao ecossistema urbano” (AQUINO; ASSIS, 2007, p. 140).

Alguns efeitos de práticas como essas, para as cidades e para as pessoas que nelas vivem, podem ser pensados. Como, por exemplo, um aumento de remuneração proveniente dessa prática por grupos de pessoas que vivem juntas, a “redução na importação de alimentos de outras regiões e ocupação de áreas desabitadas e inaproveitáveis” (AQUINO; ASSIS, 2007, p. 143) e, principalmente, a manutenção de sistemas produtivos diversificados integrando e interagindo com o ambiente urbano.

¹⁶ Lorenzi e Kinupp (2014).

A construção da horta também desvela a questão dos rios urbanos que foram encobertos, que se tornaram cursos de água concretados. Ela foi produzida ao lado de um dos córregos canalizados, afluentes do Rio Ivo que integra a Bacia do Rio Belém. A manutenção do parque propõe e problematiza a abertura e despoluição de trechos de rios, estudos a respeito da permeabilidade do solo nas áreas urbanas, trazendo sempre a pergunta a respeito do que é priorizado no planejamento urbano.

Seu processo de produção também pode ser pensado como formativo, especialmente, para crianças. “O cultivo de um jardim aproxima o homem (*sic*) dos ritmos da natureza [...] Os ciclos dos astros, o calor do sol, o sabor dos alimentos, a energia das plantas, o vôo dos pássaros, a vida e a morte” (NATARAJ, 150-151). E enquanto proposição de (ciclo)ativismo, a produção da Horta Labirinto possibilita encontros entre crianças, pessoas de várias idades e formações, táticas de ocupação, técnicas alternativas, modos de coprodução, e mais.

Foi construída em formato de labirinto, inspirada também na “pedagogia dos labirintos” desenvolvida, desde o ano de 2008, pelo pedagogo Luca Rischbieter e pela pedagoga Fabiana Machado. Pedagogia que visa trabalhar aspectos do “desenvolvimento pessoal e coletivo, como o domínio dos movimentos e a capacidade de concentração, a percepção espacial, a criatividade, a construção da autoconfiança e, também, a capacidade de agir coletivamente, de perceber, de escutar e de dialogar com os outros” (PEDAGOGIA, 2016).

A Horta Labirinto produzida no Parque Gomm foi proveniente do deslocamento, para um lugar estratégico, de uma pequena horta já em produção nesse espaço, desde o final do ano de 2014. É uma das únicas intervenções de (ciclo)artistas e demais pessoas envolvidas no projeto, que permaneceu mesmo com a nova configuração do parque. Ela é pensada, nesta pesquisa, como um dispositivo formativo por se tratar de um processo de construção coletiva no ambiente urbano, que possibilita a construção de saberes a propósito da agroecologia e que opera com a jardinagem como prática artística. Bem como, por desdobrar a construção de relações de cooperação e de coprodução, como proposição artística relacional; e a produção de modos de implicação e de intervenção no ambiente urbano, por sua produção como uma tática de ação direta.

A propósito das relações de poder que envolvem esse território, pensa-se aquilo que atravessa a existência da casa que dá nome ao projeto. A casa Gomm em sua trajetória de existência passa por diferentes momentos. Inicialmente, com a presença de uma família específica, posteriormente com as locações que envolveram a casa, e por fim com o seu tombamento como patrimônio histórico e com a sua venda.

Ela foi construída para o inglês Henrique Gomm, ervateiro e executivo na Southern Brazil Lumber and Colonization e sócio da Companhia Stearina do Paraná, e Isabel Whitters. Posteriormente, foi ocupada até o ano de 1959 por Harry Blass, filho e sucessor de Henrique na companhia e cônsul da Inglaterra por 15 anos, e por Luiza Bueno Gomm, chefe do Cerimonial do Governo no Estado do Paraná e proveniente de família de diplomatas e barões do café de São Paulo. Nesse momento ela “se torna ponto de encontro de estrangeiros, intelectuais e industriais” (FERNANDES, 2012).

Em seguida, a casa foi alugada pelo paulista Francisco Lacerda Motta e no ano de 1962, pelo Governo Americano para residência de Mr. John Parker Lee - diretor do United States Information Service (USIS). Foi devolvida a Isabel Whitters que viveu ali até sua morte. E alugada ao professor Egas Lzique que junto a um grupo de médicos ali instalou uma policlínica.

Foi tombada pelo Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná no ano de 1987. Vendida à empresa Soifer, Berman & Cia. Ltda e transferida para parte posterior do terreno. Então, ela foi “desmontada e transportada para o que restou do bosque Gomm, na Rua Bruno Filgueira. Tem início a construção do shopping Pátio Batel. Prefeitura anuncia criação da Praça Luísa Gomm, a ser inaugurada em 2013” (FERNANDES, 2012).

O parque que havia sido desenhado em 1987 perdeu uma parte considerável do seu tamanho com a construção do centro comercial. A empresa proprietária da casa, que teve um projeto inviabilizado pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano (o antigo Departamento de Urbanismo), mantém atualmente o acesso à casa restrito (MILLARCH, s/d, 2013, WITTIG, 2015).

Três anos após a ocupação do espaço por (ciclo)artistas e por pessoas da região, desenvolvendo práticas diversas, ele foi oficializado pelo poder público. O Parque Gomm passou a ser regulamentado pelo Decreto municipal nº 6441 do dia 1 do mês de julho do ano de 2016.



Imagem 10

Fonte: <www.facebook.com/SalvemosOBosqueDaCasaGomm>.

No dia 23 do mês de setembro do ano de 2016, mais negociações entre Secretaria Municipal de Meio Ambiente, (ciclo)artistas e pessoas que produzem o ambiente, resultaram na revisão do projeto de implantação do Parque Gomm e na aprovação de sua execução. Uma negociação entre Prefeitura Municipal e empreendedores privados, devido ao impacto urbanístico causado pelo *shopping center* Pátio Batel, resultou na obtenção de investimentos desse centro comercial para executar parte do projeto do parque. Aprovação da Ordem de Serviço n.º 33/2016.

As obras iniciaram no mês de outubro do ano de 2016 e se estenderam até o mês de dezembro do mesmo ano, elas envolveram a reintegração parcial do bosque, entre outras coisas, drenagem do terreno, implantação de parque infantil, palco para eventos, iluminação pública, via de emergência para saída do *shopping center*. Boa parte das intervenções realizadas pelas pessoas do projeto “Salvemos o

Bosque da Casa Gomm” foi paralisada ou destruída durante a implantação do novo parque. O movimento continua buscando a integração total da área, incluindo talvez a Casa Gomm.

A ocupação do espaço por (ciclo)artistas e demais pessoas que acolheram o projeto, com diversas alterações, interações e práticas no ambiente, tinha impedido, por exemplo, a abertura de uma rua para saída de estacionamento do centro comercial, que atravessaria o bosque. Abertura aprovada, no ano de 2013, pela Coordenação do Patrimônio Cultural do Estado do Paraná e pelo Instituto de Pesquisa Planejamento Urbano de Curitiba. Na nova configuração do parque, a construção de uma via de acesso retrocede a manutenção da área verde anteriormente realizada pelas pessoas.

O projeto “Salvemos o Bosque da Casa Gomm” é pensado como espaço de produção de valorações outras, de produção de dispositivos formativos envolvendo práticas variadas e em realização, em meio a relações de poder, negociações, como essas que envolvem poderes públicos, instituições privadas, (ciclo)artistas e pessoas da região.

Educações outras possibilitadas pelo projeto “Salvemos o Bosque da Casa Gomm”, envolvem, principalmente, a produção de presença, de ocupação e de implicação no ambiente por meio das proposições de (ciclo)ativismo. Ensinando, entre outras coisas, modos outros de viver, como aqueles relacionados à alimentação orgânica, aqueles da produção de presença com as práticas de meditação, *yoga*, *Tai Chi*; modos de se relacionar por meio das vivências, em oficinas, na jardinagem, criando ambientes e coletividades; modos de intervir no ambiente, por meio dos diálogos com o poder público, do desvelamento de questões ambientais e de proposições de alterações no espaço, por exemplo.

4.4 Longa Vida ao Arquipélago de Camões

“Longa Vida ao Arquipélago de Camões” é um projeto fundado no mês de agosto do ano de 2014. Foi proposto por um casal de (ciclo)artistas até o mês de setembro do ano de 2015. Posteriormente, possibilitando a continuidade da proposição pelas pessoas da região. Tratava-se de uma ocupação de espaços

públicos em Curitiba, produzindo territórios propositivos e experimentais, bem como, realizando um levantamento de possíveis impactos ambientais e sociais por um projeto do Instituto de Pesquisa Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal de Curitiba (IPPUC), para construção das ruas binárias que atravessariam três bairros da cidade de Curitiba.



Imagem 11
Foto: Emerson Biernaski.

Arquipélago, cujo nome faz referência à Rua Camões e ao poeta português Luís Vaz de Camões, diz respeito ao complexo de logradouros que seriam cortados pelo projeto de obras do IPPUC. Os logradouros são: Largo Isaac Lazzarotto, entre as ruas Schiller, Senador Souza Naves, Padre Germano Mayer e Jardim Ambiental I, sobre a Avenida Sete de Setembro, no bairro Alto da Rua XV; Jardimete Professor Oswaldo Dória, entre as ruas Camões, Jaime Balão e Rua dos Funcionários, no bairro Hugo Lange; Jardim Poeta Leonardo Henke, entre ciclovia/trilho do trem e a Rua Itupava, nos bairros Alto da XV e Hugo Lange; e Jardimete Aline Cordeiro

Parigot de Souza, entre as ruas Camões, Reinaldo Schaffenberg de Quadros e Sete de Setembro, nos bairros Cristo Rei e Alto da XV.

Acompanhei algumas proposições que ali aconteciam, principalmente, durante o ano de 2015. Fazia de uma parte da ciclovia, meu caminho para chegar até o Arquipélago de Camões. Nela, reduzia a velocidade da bicicleta para partilhar o espaço com pessoas caminhantes e outras ciclistas. Fazia esse trajeto, principalmente aos finais de semana, como nos domingos frios e ensolarados de Curitiba. Pedalando, chegava à ilha (Jardinete) Poeta Leonardo Henke.

Por vezes, sentava-me, como que por um instante, para observar de mais longe. Senhores conversavam na banca de jornal. Pessoas usavam a academia ao ar livre - uma instalação pública para exercícios de musculação e de alongamento. Um casal explorava as minibibliotecas¹⁷, depois, as feiras que ali aconteciam. Proponentes e outras pessoas estavam mais a frente, em uma área verde próxima a um trilho de trem. Era como se experimentasse posições para observar, ou me preparasse para chegar.

Havia uma Mini Minibiblioteca para as crianças, além da Minibiblioteca que foi inicialmente instalada, ela me fazia recordar dos livros infantis que tinha guardados. Também daqueles que dali emprestava, como um livro de poesias. A Minibiblioteca Ilha de Camões é uma instalação ao ar livre e de pequeno porte, para abrigo e circulação de livros doados, anonimamente ou não. Pequena casinha que abriga livros livres, que podem ser emprestados e devolvidos ou repassados a outras pessoas, a qualquer momento. Foi produzida pelo casal de (ciclo)artistas e inaugurada no dia 10 do mês de agosto do ano de 2014, no Jardinete Poeta Leonardo Henke.

Proponentes criaram um selo para os livros, marcado com um carimbo que registrava que o livro havia sido doado para aquele espaço e que poderia ser emprestado pelas pessoas que passavam. Pensando em sua estrutura inicial, com o passar do tempo perceberam que ela precisaria de algumas modificações para que ficasse mais resistente à exposição ao tempo, ao sol, ao vento, às chuvas. E como aprendizes de marceneiros, foram especializando a pequena estrutura. Depois

¹⁷ As minibibliotecas produzidas no Arquipélago de Camões são inspiradas nos conceitos de “minibibliotecas livres”, “livro livre” e *bookcrossing*, bem como, no blog “Bibliotecas do Brasil”. Daniele Carneiro e Juliano Rocha, que criaram o blog, são proponentes da Minibiblioteca do Sossego que foi instalada no Parque Gomm.

criaram também a Mini Minibiblioteca, mais acessível às crianças mais pequenas, instalada a uma altura próxima ao chão, com livros especialmente escolhidos para elas. A manutenção das minibibliotecas era realizada, principalmente, pelas pessoas envolvidas no projeto e por pessoas da região e outras passantes.

Em um dos encontros com esse espaço, uma das propositoras contou um pouco sobre sua relação com algumas pessoas que moravam nas ruas próximas ao Arquipélago, sobre o zelo que tinha por elas e que várias delas geralmente utilizavam os livros, emprestavam, liam. Também que cuidavam das minibibliotecas durante as madrugadas, impedindo que fossem destruídas ou que todos os livros fossem roubados, preservando a ideia do uso pelo empréstimo e doação. As pessoas que moram nas ruas se relacionam com o ambiente de vários modos que muitas vezes não percebemos, como esse mencionado.

Quem sabe ele não queria ou não achava necessário que eu entendesse algumas coisas que ele estava sempre dizendo, meio balbuciado, resmungante, sentado em um dos bancos do Arquipélago. Aproximava-se, em alguns momentos, de outras pessoas que passavam. Talvez, por elas não darem a ele muita atenção, esse senhor continuava naquela conversa balbuciada solitária. Foi ele quem não deu muita atenção de início até perceber que eu estava realmente disposto a dialogar com ele. Durante nossa conversa a atenção dele focava e desfocava, ia e vinha, vinha e ia. Balbuciei também. Não foi tão fácil conversar nossa conversa e, talvez, para ele também não tenha sido. Balançadas de cabeça, balbucios, falas desconexas, algumas frases, perguntas, respostas. “Por que o senhor está na rua?”. Ele olhou para mim como se fosse outra pessoa que não aquela que ali, momentos antes da pergunta ser feita, estava; e quase sem balbuciar, nem demorar para pensar em uma resposta, ele disse: “porque não tem nada para fazer em casa”. Nesse momento, pesquisador silenciou. Inúmeras intensidades atravessaram nossos olhares... Em algum momento ele retornou àquela performance balbuciante. Seu olhar devolvia um brilho diferente quando me via, alianças entre solidões, talvez...

Durante os tempos de observações e experimentações, percebi que naquele ambiente passavam bastante pessoas, pela ciclovia, ou por conta dela. Eram ciclistas, caminhantes, corredoras, pessoas da vizinhança, pessoas de idades variadas. Bem como, passavam pela banca de jornal, utilizavam a academia pública,

experimentavam com as intervenções, com as feiras que ali aconteciam, como aquelas de Trocas Poéticas e de Descartes.

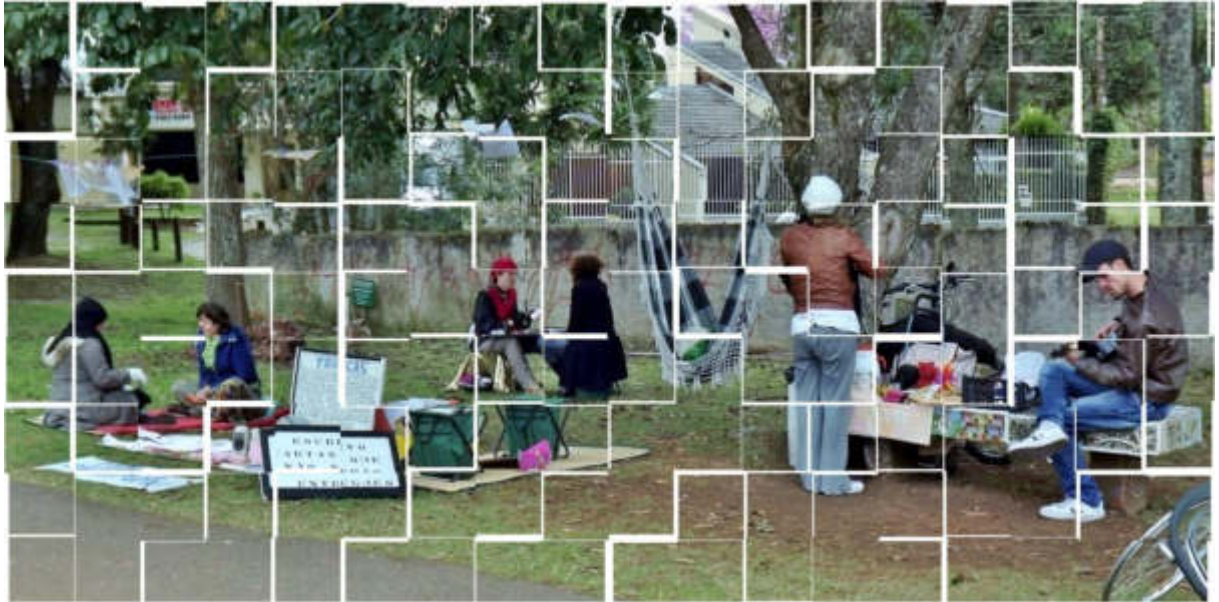


Imagem 12
Foto: Emerson Biernaski.

Ele - nos conhecemos em um curso de francês; tinha a impressão de que ele mantinha interesse naquilo que é alternativo ao sedimentado, sobre culturas outras, éticas, políticas - passava pela ciclovia, de bicicleta, com uma companheira. Quando me viam, paravam para conversar comigo. Contou-me, em um desses encontros sobre um dos melhores livros que tinha lido, e que emprestou de uma dessas minibibliotecas. Nesse mesmo dia, mais tarde, enquanto Diego Baffi e eu criávamos uma história outra para mim na proposição da “Feira de Trocas Poéticas”, ele e ela, conversavam com uma proponente do projeto, entre a Feira de Descartes e os brinquedos artesanais para crianças.

A “Feira de Descartes” no Arquipélago de Camões tratava-se de um encontro semanal para doação, troca ou venda de materiais, móveis e objetos que não eram mais utilizados pelas pessoas moradoras da região e visitantes do espaço e que decidiram possibilitar a outros seus usos. Foi realizada em parceria entre pessoas proponentes e o projeto “Desapego Consciente”, uma rede que organiza doação, troca, descarte e reciclagem de materiais em Curitiba.

Do encontro com proponentes, tivemos conversas continuadas a propósito do Arquipélago, da mobilidade urbana, do ativismo, do projeto do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), e do estudo realizado pelo movimento, a respeito de impactos ambientais e sociais na região que poderiam ser desdobrados desse projeto. Projeto que envolvia, entre outras coisas, implantação de modificações em duas ruas, Camões e Germano Mayer, com a criação de um binário - formado por duas vias paralelas de mão única em sentido contrário, vias de mais alta velocidade - que agilizaria as linhas de ônibus Linha Direta Inter 2 e Alimentador Cabral/Portão. Além de alguns aspectos a serem mencionados a seguir, nessa modificação, se daria também o corte das quatro praças que formam o Arquipélago e que são de uso pela vizinhança.

O projeto “Longa Vida ao Arquipélago de Camões” retomou esses espaços, por meio de ocupações experimentais, afirmando seus usos pelas pessoas, potencializando como território em que há espaço para o acontecimento e problematizando as decisões a respeito de sua produção, utilização.

Ele comentou também sobre seu projeto de trabalho de conclusão de graduação na área da Educação, uma proposta de investigar os usos das academias ao ar livre e os modos de relação inventiva por parte de crianças com essas academias. Com ela, conversamos sobre os brinquedos artesanais feitos para crianças e sobre alimentação vegetariana também.

Kátia esteve presente em um dos dias em que eu fazia acompanhamento, experimentando o espaço e participando da proposição da “Feira de Trocas Poéticas”. Ela comentou, entre outras coisas, sobre sua percepção da força da escrita nas proposições do coletivo. Participou produzindo: “Cartas que não serão entregues”. A impressão que tenho é que, talvez, ela tenha feito uma viagem no tempo nessa experimentação de troca com Juliana Liconti - mestra em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e parte do coletivo “quandonde intervenções urbanas em arte”. E que foi possível realizar a produção de alguns sentidos que quem sabe lhe fossem necessários naquele momento. Embaralhando implicação no ambiente, orientação de pesquisa, experimentação. Era uma presença outra. De olhos atentos, ele fazia registros fotográficos.

A “Feira de Trocas Poéticas”, nesse espaço, tratava-se de proposições semanais promovidas pelo coletivo “quandonde intervenções urbanas em arte”. Essa feira envolvia proposições inusitadas às pessoas que participavam do projeto e àquelas que visitavam o espaço, que passavam por ali a pé, correndo ou de bicicleta. “Reescreva sua história”, “Escrevo cartas que não serão entregues”, trocas de histórias, de romances, de retratos, de tristezas, de segredos... Emaranhando exposição, sensibilidade, escrita, expressão.

O coletivo “quandonde” é proveniente do projeto “Intervenções Urbanas em Arte: Um Lugar-Ação na Urbe”, no qual as ações foram escolhidas “pela sua capacidade de estabelecer perguntas potentes que exijam do passante a construção de processos de reapropriação e subjetivação do espaço urbano conduzindo-o a uma nova experiência de si” (BAFFI, 2012). Desestabilizam automatismos na percepção, na ação cotidiana, nos modos de agir, de viver, produzindo intervenções nos espaços, modificando dinâmicas, alterando configurações, dando a ver diferentemente, causando estranhamentos, provocando a pensar.

Em um dos encontros com esse espaço, Diego - professor da Faculdade de Artes do Paraná (FAP/UNESPAR), doutorando em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - me convidou a escolher uma das Trocas Poéticas, enquanto dizia sobre elas: “Cafuné por Tristeza”, “Retratos Amadores”, “Objetos com Histórias”, “Livros por Romance”, “Acolho Segredos Inconfessáveis”, “Reescreva sua história” e “Escrevo cartas que não serão entregues”. Uma troca me escolheu: “Reescreva sua história”.

Vestido como um cartomante, mas afirmando que não se tratava de mediunidade, propôs que criássemos uma história de vida outra para mim. Em troca eu lhe daria dez palavras. Aceitei. Cores, turbante, joias, um sorriso. Sentados de frente para o outro, nossos joelhos sustentavam o que juntos fizemos ser uma mesa. Era um primeiro elo, depois do olhar. Nome, idade, e oito coisas que eu não abriria mão em outra vida, foi o que eu ofereci em troca de uma história de vida outra.

Escrevi em cartas em branco, essas dez coisas que eu não abriria mão da minha vida. Ao lado delas, ele colocou dez cartas do seu baralho sobre coisas que outras pessoas não abririam mão. As cartas combinadas ajudaram a reescrevermos minha história. Demorei um bom tempo tentando decidir ao que me agarrar dessa

vida, viajando pelas memórias, atualizando sensações. Coisas tão efêmeras, desejos intensos. Ali aconteciam reflexões sobre minha vida, sobre momentos potentes, sobre a possibilidade de promover momentos outros, deslizamentos entre marcas e variações no corpo, na vida.

Eu tentava controlar o que elegia, pensando nas implicações disso na minha outra história, ou ainda nas implicações do que elegia nas cartas, para vida de outros que participassem da proposição. Pensava na limitação da repetição, do mesmo, da reprodução, também no que levava algo a se tornar saudoso. Parecia bastante difícil pensar em marcas, quando tinha como foco a desconstrução, o movimento. Vivenciar aquele presente foi um modo de me permitir deixar o controle de lado. Foi possível analisar a ideia de uma experimentação “sem fim”, a ideia de um caminho só de ida, possíveis efeitos de imprudência; também, a potência do movimento, a possibilidade de pousos e aterrissagens. Experimentar, perder o controle, ir além das marcas, do sedimentado, trazendo-as para criar uma coisa outra.

Depois da escrita, a reescrita. A composição com marcas dos outros. Resignificando marcas. Escrita de vida outra. Como um devir que não se reduz a mim, nem ao outro; tem a ver com ambos. “A arte torna visível as forças com as quais se configuram as formas da nossa percepção e do nosso pensamento. Tem o poder de problematizar esteticamente as formas daquilo que somos, para que possamos, com essa visão, agir politicamente sobre nossas próprias formas” (FARINA, 2008, p. 14). Produzimos um nome, Elton, eu tinha a mesma idade que Emerson, 27 anos. Construimos um gênero indefinido para mim, entre outras coisas, produzimos um perfil de pessoa viajante, em deriva e que acreditava haver mais pessoas boas no mundo.

Emerson sentiu-se exposto, tímido, contente, principalmente autor. Nesse momento, não sabia se era Emerson ou Elton. Era uma vida outra com fragmentos de tantos outros que vivenciaram também as trocas propostas. Compondo com outras vidas, me senti parte de algo maior que um eu; e em deriva de pensamento, me vi em rizoma, com tanta gente, com tantas marcas, com tanta potência. Continuei me estendendo feito grama pelo Arquipélago, me sentia parte do projeto, parte dos quatro projetos, do urbano, do ambiente, por alguns momentos até virei árvore, me soube natureza. Andar de bicicleta também provoca isso em mim.

Diego era bastante atento às minhas reações, ao que poderia ser ampliado na história, ao que não parecia relevante, ao que trazia potência, intensidades. Tinha um bom humor, um modo respeitoso de proposição, havia tempo para abertura. Cuidado. Riso. Não era simplesmente a mesa que criávamos juntos apoiada em nossos joelhos, mas uma relação com a alteridade. Jogo de sensibilidade. Troca de afectos. Relação. Trocas poéticas.

Ao final, ele pediu para que eu escolhesse uma das cartas para levar comigo; talvez, uma memória desse eu outro que eu também era. “Nunca perde a certeza de que as pessoas boas são a maioria”, isso estava escrito na carta que escolhi. Frase que na história e na vida me remetem a Fernando Chotguis Rosenbaum e a um depoimento¹⁸ seu para Kátia Maria Kasper, no qual, em algum momento, ele partilha sobre existirem mais coisas boas no mundo do que ruins, sobre existirem mais coisas boas do que a tevê mostra, como ser acolhido pelas pessoas e pelo mundo em viagens de bicicleta. Coisas boas como produzir acolhimento, histórias outras, tornar-se grama.

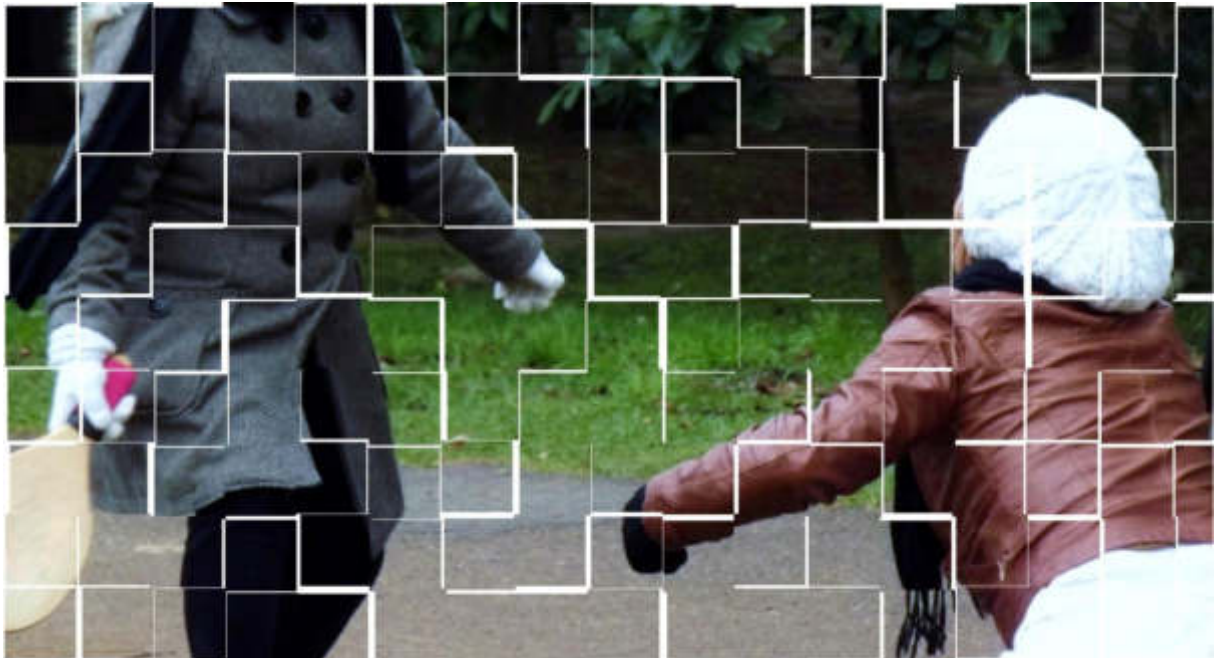


Imagem 13
Foto: Emerson Biernaski.

¹⁸ Aqui faço menção ao depoimento produzido por Kátia Maria Kasper e Fernando Chotguis Rosenbaum, no dia 14 do mês de abril do ano de 2011. Depoimento realizado durante a Iniciação Científica de Anne Marie Moreira Sampaio, que antecedeu minha entrada no projeto Singularização: experimentação, corpo, educação, arte, ecosofia (KASPER, 2008).

Proposições como essa instauram modos outros de atuação e de produção artística, com eles que desestabilizam automatismos na percepção, na ação cotidiana, e que convidam as pessoas a participar de processos de produção, criando coletividades e implicações no ambiente.

O projeto “Longa Vida ao Arquipélago de Camões” retomou espaços públicos, ocupando-os e criando proposições de (ciclo)ativismo, proposições experimentais e ecosófica. Como aquelas acompanhadas: a instalação e manutenção de minibibliotecas urbanas livres, as “Feiras de Descartes” de móveis e objetos não utilizados, as “Feiras de Trocas Poéticas” e de intervenção urbana com o coletivo “quandonde intervenções urbanas em arte”.

Nesses ambientes produzidos também aconteciam, “Varais de Poesia”, “Violão Disponível” para pessoas tocarem ou treinarem músicas, venda e exposição de brinquedos artesanais feitos para crianças, jogos de petecas por senhores e senhoras de todas as idades. Abrindo para o traçado de linhas de fuga ao instaurar modos outros de conviver, de partilhar, de ocupar os espaços, de produção de si e do ambiente. A ocupação é vista como retomada e produção de território e de potência de ação das pessoas, promovendo restaurações no *socius* e no ambiente ao agenciar encontros entre pessoas e a cidade.

Inspirados na poesia do urbanismo pensado para pessoas e na implicação delas no ambiente urbano, (ciclo)artistas proponentes também realizaram ampla divulgação do projeto “Longa Vida ao Arquipélago de Camões” e de suas proposições enquanto aconteciam, em redes sociais e jornais locais, criando também diversos eventos. Provocando reflexões sobre mobilidade e urbanismo ao dialogar também virtualmente com pessoas da região e para além dela. Divulgaram, por meio da internet, um estudo realizado por eles, sobre os possíveis impactos ambientais e sociais do projeto de construção do Instituto de Pesquisa Planejamento Urbano de Curitiba. Utilizando diferentemente alguns componentes da comunicação, promovendo, entre outras coisas, contágio de participação e aprendizagens sobre planejamento urbano.

(Ciclo)artistas participaram das apresentações do projeto dessas obras pelo instituto, e em reuniões relacionadas, questionando possíveis impactos ambientais e sociais desse projeto. Questionando, por exemplo, a destruição dos logradouros oficializados pelo município, por vezes, apresentados pelo instituto

como simples avanços de calçada e não como áreas verdes e oficiais. Solicitaram transparência e informações a respeito do projeto, como através do Portal da Informação da Prefeitura Municipal. Solicitações, entre outras coisas, em relação aos documentos, aos estudos, aos pareceres técnicos anexos à lei¹⁹ aprovada para contratação de operação de crédito, para a captação de recursos financeiros para as obras.

Questionavam a não realização de audiência pública a respeito da elaboração e planejamento das obras para o espaço público. Pensando também os impactos negativos da construção das ruas binárias para o comércio local. Bem como, o próprio alargamento das ruas, o aumento da velocidade do trânsito e do número de veículos, o crescimento da especulação imobiliária, a transformação de uma área residencial em local de passagem, a contenção de enchentes na Bacia do Rio Juvevê, os impactos da impermeabilização da região, etc. Cediam entrevistas e divulgavam informações em meios virtuais e em jornais locais. Além de reunirem-se para manutenção do espaço e das proposições e para o diálogo sobre os projetos com os passantes.

Tratava-se de um trabalho realizado em redes virtuais ou não, no qual proponentes contaram com a utilização da internet, de sites de relacionamento ou redes sociais. Atuando na formação das pessoas por meio de diálogos abertos e da disponibilização de informações. Desenvolvendo um modo de produção de registro e de divulgação que possibilitou a aproximação com as pessoas, um contato mesmo que não presencial. Registrando online e publicamente, a respeito de possíveis impactos, também, a propósito das proposições realizadas, por meio de textos, fotografias, eventos, proposições.

Produziram, ainda, alianças que talvez não se mostrassem tão visíveis, mas que eram possíveis de serem percebidas, por vezes, como em relação às redes sociais dos projetos, nas quais proponentes se relacionam e se contagiam ao engendrarem-las, dialogando entre elas, apoiando as proposições dos outros projetos que também são objetos dessa investigação, divulgando os eventos, participando das proposições.

¹⁹ Lei Municipal nº 14.529 do dia 22 do mês de outubro do ano de 2014.



Imagem 14
Foto: Emerson Biernaski.

Educações outras possibilitadas pelo projeto “Longa Vida ao Arquipélago de Camões”, envolvem, principalmente, aprendizagens de: modos de implicação no ambiente, por meio de estudo socioambiental e de intervenções para ocupação dos espaços; modos de se relacionar por meio das conexões em redes com (ciclo)artistas e pessoas da região; modo investigativo em relação às decisões dos poderes públicos, convidando a participação dos diálogos com eles; a produção de sensibilidades, de exposição, de performatizações, de sentidos possibilitadas pelas trocas poéticas. As proposições e as intervenções de (ciclo)ativismo são pensadas como dispositivos formativos, de produção de si, de diferença, de relações com a alteridade, de coletividades temporárias outras, dispositivos de (de)formação de si. Possibilitam aberturas a experimentações ecosóficis.

5 DERIVAS DE PENSAMENTO

Os projetos estudados fogem à produção de modos de viver conformes à lógica do Capitalismo Mundial Integrado (CMI) que opera com instrumentos econômicos, jurídicos, técnico-científicos e de subjetivação, e que instaura padronizações. Instrumentos que foram agrupados por Guattari em regimes semióticos. As semióticas econômicas envolvem, entre outras coisas, os instrumentos financeiros, contábeis, monetários; as semióticas jurídicas, as leis, as regulamentações, a propriedade; as semióticas técnico-científicas, os estudos, as pesquisas, os programas; as semióticas de subjetivação envolvem os equipamentos coletivos, como a arquitetura, o urbanismo (GUATTARI, 2001).

Esta pesquisa pensa, com os processos acompanhados, reinvenções nesses registros semióticos e em alguns de seus componentes, envolvendo retomadas, ressignificações. Produzindo traçados moleculares e aberturas à produção de linhas de fuga; (re)invenções nos modos de produção de si e do mundo.

Indo além das finalidades da manutenção da axiomática capitalista, (ciclo)artistas, em seus projetos e proposições, operam outramente com a comunicação, a construção civil, a produção de alimentos, por exemplo. Apropriando e operando com meios técnico-científicos, por meio de ressignificações envolvendo-os e a seus componentes.

Utilizam das redes para produção de agenciamentos entre proponentes e entre projetos diversos, para sua organização e de suas práticas. Produzindo um modo descentralizado de relação e de organização, agenciando elementos heterogêneos. Apropriaram-se da comunicação e de seus equipamentos, utilizando a internet, o rádio, os jornais, por exemplo, para criar registros documentais, divulgar seus projetos e produzir imagens e enunciados relacionados às suas pautas que envolvem - principalmente, a mobilidade por bicicleta, a ocupação de espaços públicos, a produção de territórios de convivência. Afirmando as potências de suas proposições com aprendizagens diversas, ao produzir diálogos, ao disponibilizar informações online, ao contagiar à participação.

Algumas das reinvenções realizadas em relação à construção civil, se dão com: a operação de práticas alternativas como aquelas que envolvem a bioconstrução, a permacultura; e com um modo de ensino e de aprendizagem outro, que envolve proposições de oficinas experimentais abertas ao público e à participação voluntária. Nelas, o planejamento e a execução levam em conta as contribuições e os impactos ao ambiente, produzindo com as pessoas aprendizagens de uma implicação na produção da cidade.

Pensando em práticas específicas de construções: a utilização da técnica de *superadobe*, da bioconstrução, para produção de um banco na Praça de bolso do ciclista; a produção da arte de mosaicos para revestimento de bancos instalados na Praça, no Parque Gomm e no Arquipélago de Camões.

As reinvenções em relação à produção de alimentos envolvem a utilização de técnicas agroecológicas e o consumo de produtos orgânicos. Essas são técnicas que estão presentes no processo de construção da Horta Labirinto no Parque Gomm - utilização de técnicas de agroflorestamento e do plantio de sementes crioulas, por exemplo - e envolvem as feiras de produtos orgânicos na Praça de bolso do ciclista - entre outras coisas, fomentando a produção local. Possibilitam aprender a respeito de como se configura um modo outro de produção e dos efeitos que pode ele trazer para as pessoas e para o ambiente.

Essas proposições operam reinvenções ao considerarem os impactos no ambiente, da ação da produção de alimentos. Promovendo um processo de desintoxicação dos alimentos, das pessoas, do próprio ambiente com uma atenção aos processos naturais do solo e das plantas e com a produção de insumos e defensivos menos poluentes, entre outras coisas. E ensinando, para além das implicações da produção de alimentos para o ambiente, uma possibilidade de produção de agricultura urbana com base na agroecologia - podendo, entre outras coisas, desdobrar uma autonomia local de produção de alimentos -, configurando estilos de vida outros relacionados à alimentação.

Reinvenções em relação às semióticas econômicas e a seus componentes, se dão por meio da promoção de uma economia na qual se atenta aos potenciais das relações e das ações, diferindo da manutenção da economia do lucro. As atividades visam à produção de convivência, à promoção de espaços plurais e criativos, à recuperação e reinvenção do ambiente.

A Bicletaria Cultural, por exemplo, apropria e ressignifica modos de produção, de circulação e de valoração em relação aos bens e serviços. Em relação aos modos de valoração do trabalho, os serviços, as alianças, as proposições nela disponibilizadas, priorizam os efeitos que trazem para as pessoas e para a cidade. Reapreciando as finalidades “das atividades humanas em função de critérios diferentes daqueles do rendimento e do lucro” (GUATTARI, 2001, p. 42), atentando para reinvenções do *socius* e do ambiente urbano.

Ela instaura um modo de produção que é coletivo e experimental, por meio da produção própria ou por parte de aliados, e da circulação baseada doação e/ou troca por bens e serviços produzidos. Modo coletivo de cooperação e de organização, operado por meio dos agenciamentos diversos, das alianças produzidas, também através de financiamentos colaborativos pela internet. Produz um modo de distribuição e de circulação voltado para a esfera local e que se dá também em rede. É um modo de consumo de bens e serviços que é estratégico quando leva em conta sua implicação para as pessoas e para a cidade, produzindo ambientes de convivência, promovendo a mobilidade por bicicleta e leituras sobre a cidade.

Em relação a reapropriações realizadas no registro semiótico jurídico, (ciclo)artistas ensinam modos de retomada temporária de espaços de decisão para intervenções na cidade. Promovendo, entre outras coisas, atuações junto ao poder público e ocupação de cargos de poder, produção de legislações voltadas ao planejamento urbano e à mobilidade por bicicleta, oficializações de espaços de convivência.

A ocupação do cargo de vereador da Prefeitura Municipal por um (ciclo)artista, possibilita uma coresponsabilidade pelo tratamento das leis municipais e a realização de intervenções relacionadas às pautas dos movimentos. A ocupação do cargo de conselheiro no Conselho da Cidade de Curitiba (CONCITIBA/IPPUC) implica na formulação, elaboração e acompanhamento de diretrizes para o planejamento urbano. A acolhida de pautas de (ciclo)artistas, com a operação do projeto “Área Calma” promovida pela Prefeitura Municipal, regulamenta e fiscaliza a redução da velocidade do trânsito de veículos na região central da cidade, modificando seus fluxos.

(Ciclo)artistas também interferem em processos de produção de leis. Suas atuações, entre outras coisas, possibilitaram a produção e a aprovação das leis: Lei Estadual n.º 17.385 do dia 10 do mês de dezembro do ano de 2012, que institui o mês de setembro como Mês da Bicicleta; Lei Municipal n.º 14.594 do dia 16 do mês de janeiro do ano de 2015, Lei da Bicicleta produzida e apresentada por (ciclo)artistas por meio do movimento “Voto Livre”. Bem como, a criação do Programa Paranaense de Mobilidade por Bicicleta (CICLOPARANÁ), regulamentado pelo Decreto Estadual n.º 1517 do dia 22 do mês de maio do ano de 2015, responsável por elaborar propostas de políticas públicas.

Em relação às oficializações de espaços disparadas pela atuação de (ciclo)artistas e de pessoas envolvidas nos projetos: a oficialização do Parque Gomm se deu com o Decreto n.º 644 do dia 1 do mês de julho do ano de 2016, depois de três anos de ocupação e resignificações do espaço pelas pessoas; por meio dos diálogos entre a Associação Cicloiguaçu com os órgãos públicos foi assegurada a aprovação, no ano de 2014, da construção da Praça de bolso do ciclista e a sua oficialização.

Trata-se de proposições que ensinam produção, apresentação, intervenção em projetos de lei e um tensionamento de relação com o poder público. E de atuações junto ao poder público - como por meio da ocupação de cargos de poder - que, entre outras coisas, promovem a bicicleta como meio de transporte junto a outros modais e implementam modificações urbanísticas que priorizam as pessoas.

Os projetos investigados operam algumas reinvenções em relação às semióticas técnico-científicas, econômicas, jurídicas, e em seus equipamentos, operando traçados moleculares e aberturas a linhas de fuga, possibilitando algumas modificações para a cidade e nos modos de viver nela.

Operam também reinvenções em relação às semióticas de subjetivação, por meio da produção de ambientes e das proposições de (ciclo)ativismo, envolvendo principalmente a mobilidade por bicicleta, a ocupação de espaços públicos, a produção de territórios de convivência. Criando aberturas a experimentações individuais e/ou coletivas, a devires-plurais-e-criativos, a possibilidades outras de vida. O ato de propor foge antes à lógica da educação como ensino de algo dado como pronto.

Ao promoverem agenciamentos diversos envolvendo arte, ativismo, pessoas, cidade, com (ciclo)artistas é possível pensar em uma educação como devir-plural-e-criativo. Devires-plurais-e-criativos, possibilitados pelas experimentações nos encontros, nas oficinas, nos mutirões, nos coletivos de atuação criados... Envolvendo relações entre elementos heterogêneos, variados campos do conhecimento, estilos de vida, ético-políticas.

Educação como produção de disponibilidade à experiência, aos aprendizados, às vivências, aos encontros, outrando-se com práticas e referências diferentes das costumeiras; tornado-se também plural e criativo. Devir-ciclista, devir-ativista, devir-artista, devir-urbanista, devir-vegano, devir-zen, devir-performer, devir-outro...

Educação que também diz respeito à invenção de modos de viver junto, à produção de agenciamentos coletivos. Envolvendo, entre outras coisas, “ressingularizar conjuntos serializados” (GUATTARI, 2001, p. 29), através de práticas que alterem constituições dadas; fazer “funcionar práticas efetivas de experimentação tanto nos níveis microssociais quanto em escalas institucionais maiores” (GUATTARI, 2001, p. 16); criando grupos autorreferentes.

Oficinas, mutirões, coletivos, encontros com pessoas da região e para além dela, produzem modos outros de estar em grupo, coletividades de tamanhos diversos, de durações variadas. Nelas opera-se descentralizadamente, em redes. Em função de implicações outras (como a social, a ambiental, a local, etc.), de reduções da padronização dos modos de viver, da autonomia de ação e de produção.

Com os modos temporários relação, a possibilidade de aprendizados variados. Aprender atenções diferenciadas, velocidades, alisamento de espaços, uma agilidade de ação. Pensar em potências de movimentos imprevistos, de ritmos desconexos, nos estranhamentos, que corpos se aprendem criar no improvisado, na composição, na convivência ligeira. Com a impermanência das posições, ensaiar manter o corpo sem se fixar, sempre móvel, aprendendo um movimento, sopro de vida. E mais.

Por meio das redes virtuais ou não, há uma produção de horizontalidade na relação que foge à hierarquização e à submissão, com a abertura a múltiplas conexões, composições, recomposições. A produção de corpos disponíveis ao contato com o outro, pode se dar aliado a ideia da fixação de objetivos comuns, sem deixar de lado os momentos de singularização - objetivos como o pedalar na cidade, a recuperação e reinvenção do ambiente, a produção de espaços de convivência para pessoas. Compondo um corpo coletivo pulsante, “descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos” (ROLNIK, 1989, p. 67).

Corporalidades envolvendo processos de abertura como exercício. Experimentação de corpo, no corpo, nos corpos. Corpos sobre os quais “penetramos e somos penetrados” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 12), que afetam e se deixam afetar. Alia produção de si, de coletividades, do ambiente, explorando distâncias de estar entre e de estar nas extremidades, dosando; criando agenciamentos entre multiplicidades e acolhendo a diferença; intervindo na produção da cidade. Operar uma relação com a alteridade, uma abertura a experimentações coletivas.

Pensando a produção de coletividades outras com os projetos escolhidos para estudo, estariam os mutirões de construção voluntária da Praça de bolso do ciclista, a construção coletiva da Horta Labirinto no Parque Gomm, as vivências nas “Bicicletadas Curitiba”, os coletivos, “Interlux Arte Livre”, “Multiplica!”, a manutenção de minibibliotecas ao ar livre por pessoas da região, as reuniões de planejamento aberto da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu, agenciamentos com especialistas de áreas do conhecimento variadas na Bicletaria Cultural, a coprodução de práticas diversas, etc.

Aprendizagens de um modo de ação que é estratégico, com o uso da tática de ação direta, intervenção política com práticas estratégicas; como por meio das ocupações de espaços públicos ou de retomadas de espaços reivindicando seus usos pelas pessoas. A produção de sensibilidades outras, em relação à cidade, ao tempo, aos deslocamentos, às ações cotidianas ou não cotidianas, ao próprio corpo. E mais. Com as intervenções produzidas na Bicletaria Cultural, na Praça de bolso

do ciclista, no Parque Gomm, no Arquipélago de Camões, com a própria produção dos espaços é possível pensar na operação de um urbanismo tático²⁰.

Produções de coletividades que articulam e promovem reinvenções nos demais registros ecosófico por atentarem à diferença, às intensidades, às relações, ao ambiente e à sua constituição. Micropolíticas. Atenção disparada pelo interesse, entre outras coisas: nas questões de mobilidade urbana por bicicleta, promovendo alterações no planejamento urbano e nos modos de deslocamento na cidade; na ocupação do espaço público, operando com estratégias poéticas, com táticas de ação direta; na produção de territórios de convivência, por meio da produção do ambiente e de proposições.

Ao promover reinvenções em relação às semióticas de subjetivação, por meio da produção de ambientes e de proposições de (ciclo)ativismo, os projetos estudados criam aberturas a experimentações individuais e/ou coletivas com a cidade; possibilidades outras de vida no ambiente urbano.

²⁰ O termo *tactical urbanism* ganha destaque nos Estados Unidos desde o ano de 2010, apresenta proximidade com as práticas que envolvem a “guerrilha urbana” ou *partizaning* que diz respeito a um movimento criado na Rússia. Podendo receber outras denominações, trata-se de movimentos táticos que desenvolvem práticas diretas de intervenções urbanísticas locais sem, necessariamente, a mediação do poder público.

6 REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A; NICHOLLS, Clara I. Conversión agroecológica de sistemas convencionales de producción: teoría, estrategias y evaluación. **Ecosistemas**, Madrid, v. 16, n. 1, p. 03-12, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.revistaecosistemas.net/index.php/ecosistemas/article/view/133>>. Acesso em: 20/12/2016.

AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 10, p. 137-150, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v10n1/v10n1a09.pdf>>. Acesso em: 20/12/2016.

ARAÚJO, Livia. Prefeitura de Curitiba fará reuniões mensais com ciclistas. **Vá de bike**, Curitiba, 6 out. 2015. Disponível em: <vadebike.org/2015/10/prefeitura-curitiba-reunioes-mensais-com-ciclistas>. Acesso em: 20/12/2016.

AULER, Mariana Marques *et al.* A revitalização da Rua São Francisco: uma reflexão sobre a memória do tempo presente na (re)invenção da cidade. **Revista Jurídica Themis**, Curitiba, v. 1, p. 200, 2013.

BAFFI, Diego Elias. Escrita em Arte e Intervenção Urbana: pensando a grafia da ação cênica no espaço urbano. In: VII CONGRESSO DA ABRACE, 2012, Porto Alegre. **Anais...** 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/sNHQZk>>. Acesso em: 20/04/2016.

BARROS, Letícia Maria Renault de; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014. v. 2. p. 175-202.

BELOTTO, José Carlos Assunção *et al.* (Org.) **A cidade em equilíbrio: contribuições teóricas ao 3.º Fórum Mundial da Bicicleta**. Curitiba: Proec/UFPR, 2014.

BEY, Hakim. **TAZ: Zona autônoma temporária**. Tradução de Renato Rezende. 3. ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011.

BIERNASKI, Emerson. **(Des)formar, singularizar, experimentar, aprender: um estudo dos processos criativos de Fernando Rosenbaum**. 20 p. Relatório de Iniciação Científica. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

_____. **Entre educação, ecosofia, invenção: outros mundos são possíveis**. 19 p. Relatório de Iniciação Científica. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

_____. **Entre bicicletas, educação, ativismo, arte**: cartografando movimentos urbanos. 2014. 86 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

BIERNASKI, Emerson; KASPER, Kátia Maria. Percursos de formação: entre educação, ecosofia, arte e política. In: VIII SEMINÁRIO LINGUAGEM, POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO E EDUCAÇÃO, II SEMINÁRIO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, II SEMINÁRIO IMAGO, 2012, Rio Claro. **Anais...** 2012. Disponível em: <http://ib.rc.unesp.br/Home/Departamentos47/educacao/grupodeestudosepesquisas/linguagemexperienciaeformacao/32-emerson_biernaski_katia_kasper.pdf>. Acesso em: 20/12/2016.

_____. Maquinações: bicicletas, corpos, arte, ecosofia. **Alegrar**, n. 16, p.1-7, dez. 2015. Disponível em: <http://www.alegrar.com.br/revista16/pdf/sessao2_maquinacoes_biernaski_alegrar16.pdf>. Acesso em: 20/04/2016.

BIERNASKI, Emerson; NASCIMENTO, Flávia Gisele; SANTOS, Pollyana Aguiar Fonseca; KASPER, Kátia Maria. Cartografia, currículos, invenção: pesquisando processos educacionais. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 2015, Curitiba. **Anais...** 2015. Disponível em: <<http://educere.bruc.com.br/anais/p1/trabalhos.html?tipo=3&titulo=&educacao=5&autor=Biernaski>>. Acesso em: 20/04/2016.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. 2. ed. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2008.

BORGES, Fabiane Morais. **Domínios do demasiado**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BORGES, Fabiane; SOARES, Glerm; SANS, Lucida. **Apocalipse da Caixa Preta**. 2012. Disponível em: <<https://catahistorias.files.wordpress.com/2012/09/caixa-tecnoxamc3a2nica.pdf>>. Acesso em: 20/04/2016.

BRUEL, Deborah. Um Lugar Dentro do Outro. **Farol: arte e ação**, Curitiba, 2016. Disponível em: <<http://www.farolshow.com.br/br/exposicoes/item/73-um-lugar-dentro-do-outro-de-deborah-bruel>>. Acesso em: 20/12/2016.

CHAIA, Miguel. Artivismo: política e arte hoje. **Aurora**, São Paulo, n. 1, p. 9-11, dez. 2007. Disponível em: <revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/6335/4643>. Acesso em: 20/04/2016.

CURITIBA. Lei n.º 14.594, de 16 de janeiro de 2015. Dispõe sobre a mobilidade urbana sustentável - Lei da Bicicleta. **Sistema LeisMunicipais**, Curitiba, PR, 16 jan. 2015a. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/2015/1460/14594/lei-ordinaria-n-14594-2015-dispoe-sobre-a-mobilidade-urbana-sustentavel-lei-da-bicicleta>>. Acesso em: 20/12/2016.

_____. Fiscalização da Área Calma no centro de Curitiba começa nesta segunda-feira. **Agência de Notícias da Prefeitura Municipal**, Curitiba, 13 nov. 2015b. Disponível em: <www.curitiba.pr.gov.br/noticias/fiscalizacao-da-area-calma-no-centro-de-curitiba-comeca-nesta-segunda-feira/38194>. Acesso em: 20/12/2016.

_____. Setran realiza reunião mensal com ciclistas. **Agência de Notícias da Prefeitura Municipal**, Curitiba, 22 maio 2016a. Disponível em: <www.curitiba.pr.gov.br/noticias/setran-realiza-reuniao-mensal-com-ciclistas/39765>. Acesso em: 20/12/2016.

_____. Curitiba amplia estrutura cicloviária em 71% e estimula mais gente a pedalar. **Agência de Notícias da Prefeitura Municipal**, Curitiba, 29 jun. 2016b. Disponível em: <www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-amplia-estrutura-cicloviaria-em-71-e-estimula-mais-gente-a-pedalar/40089>. Acesso em: 20/12/2016.

_____. Decreto n.º 644, de 1 de julho de 2016. Dispõe sobre a criação e denominação do "Parque Gomm" e dá outras providências. **Sistema LeisMunicipais**, Curitiba, PR, 4 jul. 2016c. Disponível em: <leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/decreto/2016/65/644/decreto-n-644-2016-dispoe-sobre-a-criacao-e-denominacao-do-parque-gomm-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 20/12/2016.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 7. reimp. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975-1995). Edição de David Lapoujade. Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. vol. 1.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto *et alii*. São Paulo: Editora 34, 1996. vol. 3.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997a. vol. 4.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997b. vol. 5.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. 2. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FARINA, Cynthia. Arte e formação: uma cartografia da experiência estética. In: **31ª Reunião Anual da ANPED**. Caxambu, 2008. 16 p. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GE01-4014--Int.pdf>>. Acesso em: 20/12/2016.

FERNANDES, José Carlos. Velha história em novo endereço. **Gazeta do povo**, Curitiba, 22 dez. 2012. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/velha-historia-em-novo-endereco-32s85kqpnnovtdvku1g6qol72>. Acesso em 20/04/2016.

GODOY, Ana. Educação Ambiental e filosofia prática: “uma ou duas linhas e por trás uma imensa paisagem”. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. especial, p. 4-19, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/4847/3048>>. Acesso em: 20/04/2016.

GORDON, Uri. **Anarquia viva!** Política antiautoritária da prática para a teoria. Desterro: Editora Subta, 2015.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 11. ed. Campinas: Papirus, 2001.

_____. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso, SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. A potência ambiental da educação. **Textura**. Canoas, ULBRA, v. 16, n. 30, p. 2-6, jan./abr. 2014. Disponível em: <www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1124>. Acesso em: 20/04/2016.

KASPER, Kátia Maria. **Experimentações Clownescas**: os palhaços e a criação de possibilidades de vida. 412 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. **Singularização**: experimentação, corpo, educação, arte, ecosofia. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2008, 17 p. Projeto inscrito no BANPESQ/THALES sob o número 2008023336.

_____. Dos corpos sentados aos gestos em fuga: estatutos dos corpos em processos de formação. **Revista da Faculdade de Educação**. Cárceres, UNEMAT, ano IX, n. 15, p. 79-95, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www2.unemat.br/revistafaed/content/vol/vol_15/artigo_15/79_95.pdf>. Acesso em: 20/04/2016.

_____. Perambulações entre travessias e devires em cartografias de-formativas. In: VICENTINI, Paula Perin; CUNHA, Jorge Luiz da; CARDOSO, Lilian Auxiliadora Maciel. (Org.). **Experiências formativas e práticas de iniciação à docência**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2016. v. 2. p. 295-314.

KASPER, Christian Pierre. **Habitar a rua**. 225 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

KINCELER, José Luiz; ALTHAUSEN, Gabrielle; DAMÉ, Paulo. Desestabilizando os limites: arte relacional em sua forma complexa. **Rizoma.net. Seção Arte e Fato**. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20071016161204/rizoma.net/interna.php?id=275&secao=artefato>>. Acesso em: 20/12/2016.

KLOTZ, Jorge Molinari et al. Benefícios do Tai Chi Pai Lin para usuários dos serviços públicos de saúde. **ConScientiae Saúde** (Universidade Nove de Julho), v. 9, p. 119-124, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/929/92915037016.pdf>>. Acesso em: 20/12/2016.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a, p. 133-160.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002b.

_____. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LATOURETTE, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo. (Org.). **Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

LAZZARATO, Maurizio. **Por una política menor: política y acontecimiento en las sociedades de control**. Tradução de Pablo Rodrigues. Madri: Traficantes de Sueños, 2006.

LIMA, Daniel; BORGES, Fabiane; DURANTE, Milena. (Org.). **Copas: 12 cidades em tensão**. São Paulo: Produções Invisíveis, 2014.

LORENZI, Harri; KINUPP, Valdely Ferreira. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil**. Nova Odessa: Plantarum, 2014.

LUDD, Ned. (Org.). **Urgência das ruas**: Black Block, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

_____. **Apocalipse motorizado**: a tirania do automóvel em um planeta poluído. São Paulo: Conrad, 2005.

LYDON, Mike. **Urbanismo tático**: ação a curto prazo, mudança a longo prazo. v. 2. 2012. Disponível em: <http://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tactical_urbanism_vol._2-portuguese>. Acesso em: 20/04/2016.

MARIN, Andréia Aparecida. Alteridade e Educação Ambiental: os “outros” e os escapismos do discurso ambientalista. In: GUÉRIOS, Etienne; STOLTZ, Tania. (Org.). **Educação e alteridade**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 85-97.

MILLARCH, Aramis. **Um espaço muito inglês na Curitiba do passado**. s/d. Disponível em: <www.millarch.org/artigo/um-espaco-muito-ingles-na-curitiba-do-passado>. Acesso em 20/04/2016.

_____. **Quando os cupins ajudam a perda de nosso patrimônio**. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/fs6JXY>>. Acesso em 20/04/2016.

NATARAJ, Goura. **O grande meio-dia**. Curitiba: L-Dopa, 2013.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Corpos que escapam: ação cultural como resistência. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 34, n. 2, p. 61-71, dez. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=reu&page=article&op=view&path%5B%5D=366>>. Acesso em: 20/04/2016.

PASSETTI, Edson; AUGUSTO, Acácio. **Anarquismos & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 109-130.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PEDAGOGIA dos labirintos. **Casa Labirinto**, Curitiba, 2 jan. 2016. Disponível em: <<http://casalabirinto.com.br/pedagogia-dos-labirintos>>. Acesso em: 20/12/2016.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital**: ensaios de biopolítica. 2. reimp. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PINHEIRO, Luizan. Rizoma-pixo, devir-rato. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 19, p. 139-145, dez. 2011. Disponível em: <www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/15256>. Acesso em: 20/04/2016.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 42-65.

RAPOSO, Paulo. “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 4, n. 2, p. 3-12, 2015. Disponível em: <<http://cadernosaa.revues.org/909>>. Acesso em: 20/04/2016.

RAUNING, Gerald. **Mil máquinas: breve filosofia de las máquinas como movimento social**. Tradução de Marcelo Expósito. Madri: Traficantes de Sueños, 2008.

RIBEIRO, Diego; TRISOTTO, Fernanda. Rua São Francisco ganha nova cara após 4 meses. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 19 dez. 2012. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/rua-sao-francisco-ganha-nova-cara-apos-4-meses-31fz8hpdkntmxew2sln74x1q>. Acesso em: 20/12/2016.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Analisar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci. (Org.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 35-37.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Juliano dos. **Experimentações e(m) processos de formação: entre marcas, corpos e invenções**. 166 p. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

SIMÕES, André. Promessa de vida nova às pedras da Rua São Francisco. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 30 ago. 2012. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/promessa-de-vida-nova-as-pedras-da-rua-sao-francisco-2mawunob5n32io2eb1dx3b1hq>. Acesso em: 20/12/2016.

SOUSA, Anete Araújo de *et al.* Alimentos orgânicos e saúde humana: estudo sobre as controvérsias. **Rev Panam Salud Publica**, v. 31, n. 6, p. 513–517, 2012. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v31n6/v31n6a10.pdf>>. Acesso em: 20/12/2016.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana, Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 92-127.

VARELA, Francisco. **Ética y accion**. Santiago do Chile: Dólmen/Granica, 1996.

WITTIG, Ehrenfried Othmar. Luisa Bueno Gomm: a casa, o bosque, a praça.

Arquivos do CRM-PR, v. 32, n. 126, p. 134-137, 2015. Disponível em:

<www.crmpr.org.br/publicacoes/cientificas/index.php/arquivos/article/view/710/694>.

Acesso em: 20/04/2016.

YONEZAWA, Fernando Hiromi. Corporeizar a vida: uma conexão entre os conceitos de corpo e corpo sem órgãos e o exercício da prática na teoria e na vida. In:

CARDOSO JUNIOR, Hélio Rebello. (Org.). **Inconsciente-multiplicidade**: conceito, problemas e práticas segundo Deleuze e Guattari. São Paulo: Editora UNESP, 2007. p. 261-292.

ZANELLA, Andrea Vieira. Escrever. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci. (Org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 87-89.